

A romantic couple is shown in a close embrace, nearly kissing. The woman has long, wavy blonde hair and is wearing a white and blue striped shirt. The man has a beard and is wearing a blue denim shirt over a white t-shirt. They are standing in a field of white daisies under bright, warm sunlight. The overall mood is intimate and tender.

*Sempre
foi Você*

DIANE BERGHER





<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 01</u>
<u>Capítulo 02</u>
<u>Capítulo 03</u>
<u>Capítulo 04</u>
<u>Capítulo 05</u>
<u>Capítulo 06</u>
<u>Capítulo 07</u>
<u>Capítulo 08</u>
<u>Capítulo 09</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>

[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Bônus](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Epílogo](#)
[Bônus](#)
[Nota da Autora](#)
[Agradecimentos](#)
[Outras obras](#)
[Sobre a autora](#)
[Contato](#)

*Sempre
foi Você*

DIANE BERGHER

Copyright © 2018 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Silvana Alves

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

À Julinha, com carinho e gratidão, pelo empenho e dedicação ao me auxiliar na construção do enredo e nos momentos de dúvidas.



Dez anos antes

Pedro saltou do táxi e correu para dentro do aeroporto. Precisava chegar a tempo de impedi-los de sair do país. Corria como um louco. Quase derrubou uma senhora.

— Desculpe! — gritou. Não podia perder tempo, precisava chegar antes da partida deles.

Entrou no salão de embarque e tropeçou numa mala. Praguejou. Definitivamente, aquele não era seu dia. Subiu numa cadeira e reconheceu Ricardo pelos cabelos encaracolados. Gritou novamente, mas de nada adiantou, o barulho de vozes misturava-se com o anúncio da última chamada para Cidade do México nos alto-falantes. Sentiu uma dor no peito ao ver seu melhor amigo beijando a boca de Melissa, a sua Melissa.

Saltou e cortou caminho por cima das poltronas. Precisava detê-los. Precisava falar que a amava mais do que tudo, que sem ela a vida não teria mais sentido. Precisava convencê-la a ficar.

— Melissa... — Bradou e correu. Precisava alcançá-la.

Depois de atropelar dezenas de pessoas e tropeçar em várias malas, conseguiu chegar ao portão de embarque. Estava desesperado. Tentou romper a vigilância, mas não conseguiu. Os seguranças impediram-no. Suas forças sumiram de seu corpo, uma dor forte atravessou seu peito. Apoiou-se na parede e deixou o corpo escorregar.

Pedro chorou a dor do abandono e da traição. Seu melhor amigo, a quem tinha por irmão, acabava de embarcar num avião, levando consigo a mulher de sua vida, a mulher que até um tempo atrás era sua noiva, que havia lhe jurado amor. Permitiu-se chorar, pouco importando os olhares a sua volta. Choraria tudo o que fosse necessário e uma única vez. Escolhas haviam sido feitas, para o bem ou para o mal, e assim a vida seguiria seu curso.



Pedro acabava de dar o nó na gravata quando sua esposa entrou em seu closet.

— Não se pede mais licença, Maia? — O advogado sequer olhou para o lado. Vestiu o paletó e passou ao lado da mulher.

— Ainda somos casados Pedro e temos um filho, embora você insista em dormir em quartos separados. — Maia falou irritada.

— Não vamos tocar nesse assunto novamente, Maia. Quero o divórcio e ainda não entrei com o pedido judicial, porque respeito seu pai e a saúde mental de nosso filho. — A paciência de Pedro estava no limite. Não queria começar seu dia com uma discussão com Maia. A infantilidade da esposa era insuportável.

— Chegou tarde ontem! — A mulher prosseguiu. — Provavelmente, na farra. Não vou admitir ser humilhada, Pedro Rodrigues. Pelo menos, finja que está prestando atenção.

Pedro não respondeu, virou as costas para a esposa e saiu do quarto. O dia seria cheio no escritório e não queria começá-lo de mau humor. Passou pelo quarto do filho para beijá-lo e desejar um bom dia ao garoto. Abriu a porta e encontrou Joaquim fechando a mochila.

— Bom dia, papai! — O menino sorriu.

— Bom dia, filho! Vejo que já está prestes a sair. Ainda bem que deu tempo de vê-lo — falou.

— Irei com a tia Maitê! — O menino respondeu e foi ao encontro do pai para abraçá-lo. Joaquim era um menino de 8 anos. Havia herdado as sardas da mãe, mas o jeito de sorrir era do pai. — Esperei pelo senhor ontem à noite, mas acabei adormecendo no sofá. A tia Maitê me levou para o quarto com a ajuda do Souza. — Souza era o motorista da família Leite de Azevedo. Pedro havia se casado com a caçula do Doutor Rodolfo Leite de Azevedo, um dos mais importantes advogados do país, e vivia na mansão, além de assumir junto com a cunhada Maitê a administração do escritório do sogro. Maia também era advogada, mas apenas aparecia para fazer visita no trabalho. Das três irmãs e para a infelicidade de Pedro, era a mais mimada e fútil.

O advogado despediu-se do filho e foi direto para a garagem. Não costumava tomar café em casa. Evitava ao máximo fazer as refeições com a família. Depois de anos de um casamento infeliz, a última coisa que desejava era aguentar as queixas da mulher e as cobranças do sogro. Precisava resolver a situação da guarda do filho e sair daquela casa infernal, pensou. Estava com 34 anos e era um advogado bem-sucedido. Queria ser livre, para talvez, pensar em recomeçar sua vida ou quem sabe viver tranquilamente e sem perturbações.

Por volta das 9 horas da manhã, conseguiu sentar em sua cadeira e abrir a caixa de mensagens. Respondeu os e-mails mais urgentes e assinou algumas petições que haviam sido preparadas pelos estagiários, também aproveitou a calma para analisar alguns contratos encaminhados por um dos mais importantes clientes do escritório. Olhou para a tela do celular, faltavam 15 minutos para uma da tarde e seu estômago roncou. Cruzou a porta e a conversa entre Humberto, um dos advogados, e a secretária, chamou sua atenção.

— Até agora não posso acreditar que aquele avião de mulher, com todo respeito Dona Clarice, é filha do Doutor Rodolfo. Eu não sabia que o velho tinha mais uma filha. — Pedro parou e continuou a ouvir. — Diga-me, Dona Clarice, onde o Doutor Rodolfo escondeu a filha? — Só podiam estar falando de Melissa, concluiu.

— A senhora Melissa é a irmã do meio, Humberto. Ela viveu fora do país com o marido, que era embaixador. Continua uma formosura de mulher e está viúva, acredita? — Pedro considerava Clarice o arquivo vivo do escritório. Era a funcionária mais antiga, salvo engano, e estava para se aposentar.

— Irmã do meio... e viúva... muito interessante! — Humberto falou pensativo.

— Acredito não ser uma boa ideia, Doutor Humberto! Aconselho que o senhor mantenha-se afastado da senhora Melissa...

Humberto percebeu a presença de Pedro.

— Pedro, venha cá! Junte-se a nós... — A empolgação de Humberto irritou Pedro. — Acabou de perder a oportunidade de cumprimentar sua cunhada. — Humberto bateu nas costas de Pedro. — Qual é a sua de esconder a cunhada gostosa? — Humberto riu. Pedro sentiu raiva e quase esbofeteou a cara de Humberto. — Já não basta ser casado com uma e proteger a outra como um pai. — Literalmente, Humberto não sabia no que estava se metendo.

— Dona Clarice, onde está a Melissa? — Pedro perguntou e seu coração acelerou, ansiava por uma resposta afirmativa. Durante 10 anos imaginou todas as formas possíveis de encontrá-la e dizer tudo que estava engasgado.

Humberto tentou falar, mas a secretária impediu.

— A senhora Melissa foi para a sala do pai. — Clarice, prevendo a próxima pergunta, adiantou a resposta. — Doutor Rodolfo não chegou ainda.

Pedro correu para a sala do sogro. Queria muito vê-la. Durante anos ansiou por este momento. O instante em que iria jogar para fora toda a dor que sentiu ao ser deixado para trás. Em dez longos anos procurou em cada mulher que levou para cama, o calor e o cheiro de Melissa, mas jamais conseguiu encontrar uma que preenchesse o vazio deixado por ela.

O advogado abriu a porta e suas pernas foram incapazes de seguir. Melissa estava de costas para a porta e de frente a uma estante, olhando uma das fotos de sua mãe. Pedro lembrou do quanto Melissa amava sua mãe, e de como havia sofrido pela sua morte. Ela ergueu uma das mãos e empurrou o cabelo loiro, com mechas na cor mel, para trás da orelha. O delicioso perfume de jasmim de Melissa chegou até o nariz de Pedro e ele exalou como se fosse um bálsamo para sua machucada alma. Sentiu-se embriagado por aquele perfume. O perfume da mulher que ele tanto amou. Lembrou-se da suavidade dos cabelos de Melissa, agora mais curtos, e nas horas em que os dois passavam abraçados em cima do telhado de sua casa, vendo as estrelas. Seu olhar desceu até a cintura fina e elegante e lembrou-se dos momentos em que a abraçava e a beijava. A visão da saia lápis preta o trouxe ao presente. Ela era agora, uma jovem senhora e viúva de um embaixador. A porta rangeu,

fazendo-a virar na direção dele. O azul violeta dos olhos de Melissa tinha a capacidade de abalar Pedro. Aqueles olhos sempre foram a sua perdição, desde o primeiro dia em que a viu.

— Pedro... — A mulher ofegou de susto. Novamente, empurrou o cabelo para trás da orelha.

— Melissa... — Não foi capaz de dizer mais nada. Tudo o que havia ensaiado por anos, simplesmente sumiu. Os batimentos cardíacos de Pedro se aceleraram. Sentiu um mal-estar. Afrouxou a gravata e abriu o botão do colarinho da camisa. Sua mente nublou. Queria abraçá-la e beijá-la, mas não devia. Era errado, pensou. A lógica dizia não, mas o corpo falava outra coisa.

— Bom revê-lo, Pedro! — Melissa falou.

Aquela voz confundiu ainda mais Pedro. Ele tentou gesticular algo, mas não conseguiu. Precisava sair daquela sala ou iria jogar sua cunhada em cima da mesa e marcá-la como sua. Saiu, puxando a porta num estrondo. Passou rapidamente entre Humberto e a secretária.

— Dona Clarice, desmarque todos os meus compromissos para hoje.

Pedro entrou no carro e saiu sem destino pelas ruas de Santa Bárbara. Rodou mais de 50 quilômetros e parou no primeiro bar que avistou. Era um bar de beira de estrada e só encontrou aguardente. Pensou em procurar Rafaela e lembrou-se de que estava em uma audiência. De toda forma, a amante não conseguiria preencher o buraco que Melissa acabava de destampar.



Melissa sentia-se exausta. Acabava de reencontrar seu ex-noivo e ainda precisava enfrentar o pai, um homem manipulador e controlador. Fazia apenas 3 dias que havia pisado em solo brasileiro e vinha evitando o pai e a família. Encontrar Pedro tão cedo não estava em seus planos. Ele continuava bonito e atraente. A idade havia trazido certo ar de mistério. Usava os cabelos mais curtos e algumas linhas de expressão marcavam seu rosto. Escutou o clique da fechadura.

— A boa filha à casa retorna. — A inconfundível voz grave de seu pai chegou aos seus ouvidos.

— Pai... — A mulher levantou-se. — Bom revê-lo também! — Seu Rodolfo nunca iniciaria uma conversa sem uma reprimenda antes, pensou e revirou os profundos olhos azuis.

— Três dias em Santa Bárbara e nem uma ligação, Melissa. — Rodolfo abraçou a filha do meio e depositou um beijo em sua testa. — Linda como sempre. De minhas três filhas, você é a que mais se parece com sua mãe. — Melissa herdara o loiro dos cabelos e os olhos azuis da mãe, diferente das irmãs que apesar de bonitas, possuíam cabelos e olhos negros, escuros como a noite. Seu pai costumava a chamar de estrela, pela luminosidade que irradiava quando estava perto de suas outras filhas. — Devia ter ido direto para nossa casa, querida.

— Não é mais minha casa. E o senhor sabe muito bem o motivo. —

Melissa estava cansada de ter que se explicar toda vez que se encontrava com o pai. Já haviam conversado sobre o assunto quando ele a visitou na Europa.

— Achei que tivesse superado essa fase de sua vida, Melissa. O casamento de sua irmã com Pedro era um fato inevitável diante do rumo dos acontecimentos. Além disso, você fez um ótimo casamento. Ricardo foi um bom marido e pai, além de deixar-lhe uma fortuna.

— O senhor deve estar satisfeito, não é?! — Melissa falou irritada. — Sempre quis que uma de nós se casasse com o herdeiro das indústrias Monteiro, não é mesmo? Sem falar que conseguiu de brinde o Pedro como seu herdeiro.

— Deixe de ser sarcástica, filha. Pedro é um ótimo advogado e tem feito um excelente trabalho como meu sucessor. Maitê não conseguiria sozinha. Mas mudemos de assunto... e minha neta como está?

— Tereza está bem. Começará em sua nova escola na próxima semana. Está empolgada com o fato de viver no Brasil. Tudo é novo para ela que nasceu e cresceu fora do país.

— Quero que a leve até nossa casa. Marta está com saudades da menina e ela precisa conhecer as tias e o primo.

— Estou em falta com a Má. — Uma lágrima escorreu dos olhos de Melissa. Marta era a governanta da família e havia criado ela e as irmãs desde a morte da mãe. — Liguei para ela e espero que ela nos visite.

— Melissa, mais cedo ou mais tarde, terá que enfrentar seus medos e nos visitar. É a sua casa, querida. O que pretende fazer de sua vida?

— Vivê-la. Sou formada em Letras e trabalhei como tradutora. Sempre foi minha paixão. Vejo que o escritório prospera. — Melissa mudou de assunto, não queria discutir. Sua escolha pela Faculdade de Letras já havia provocado muitas discussões com o pai. Foi a única das filhas a enfrentá-lo e tomar a decisão de não fazer Direito.

— Pedro tem feito um ótimo trabalho, Melissa. É um ótimo advogado, além de ter visão para os negócios. — O orgulho de Rodolfo atingia proporções estratosféricas ao falar do genro e do escritório.

— E Maitê e Maia? Qual a colaboração delas nisso tudo? O senhor fala como se as duas não existissem. — Melissa não se conteve.

— Amo-as! Não vou entrar no seu jogo, Melissa. Maitê é uma ótima profissional, mas muito insegura. Sem Pedro aqui, jamais poderia pensar em aposentadoria.

— O senhor está sendo injusto com Maitê, papai. Ela sempre fez de tudo para agradá-lo. — Melissa detestava a forma como o pai falava de sua irmã mais velha. — E Maia?

— Bem... — Rodolfo gaguejou. — Maia ainda não se decidiu sobre o que quer da vida.

Melissa percebeu seu desconforto. Maia, a caçula da família, era também a dor de cabeça do pai. Começara várias faculdades, sem concluir nenhuma. Pelo que sabia, Maia havia concluído a Faculdade de Direito, mas não se importava muito com o escritório da família.

— Bom, vim até aqui para convidá-lo para a cerimônia em homenagem ao primeiro ano da morte de Ricardo. Será na sexta-feira.

— Estarei lá. Afinal, gostava muito do meu falecido genro. — Rodolfo pegou o telefone e chamou Humberto para sua sala.

— Para que está chamando um dos seus advogados? — Melissa pressentia problemas.

— Percebo que conhece o Doutor Humberto. — A mulher assentiu. — É um das nossas últimas aquisições. Possui um talento incomum para um jovem de 30 anos. Atrevo-me a dizer que só perde para Pedro. Quero apresentá-lo à minha linda e viúva filha.

— Pai... — Melissa indignou-se.

— Não quero você de chamego com o Pedro, Melissa. O casamento de sua irmã não anda bem. Além disso, se é para você se envolver com um advogado é melhor que seja com o Humberto.

Melissa preferia ser surda a ter que ouvir tamanha insanidade. Mal havia retornado e seu pai estava prestes a casá-la novamente.

— A propósito papai, qual será o cargo que o Doutor Humberto ocupará depois de ter garantido que sua filha viúva se case novamente? — O sarcasmo no tom de sua voz foi evidente. Até hoje, perguntava-se como se deixou convencer por Ricardo para reaproximar-se de seu pai. Já não bastava o estrago que ele havia provocado em sua vida e na das irmãs, ele ainda conseguia ser pior.



Pedro chegou em casa num estado deplorável. Fedia a cachaça barata, Maitê concluiu.

— Leve-o para o quarto — pediu a um dos seguranças da mansão e subiu atrás. — Pedro, você é louco em dirigir neste estado?

— Quem disse que dirigi? — falou meio enrolado devido à embriaguez. — Peguei um táxi. Posso ser louco... mas ainda prezo pela vida, Maitê.

— Não acredito que você bebeu tanto. — Maitê colocou um travesseiro atrás da cabeça do homem. — Tudo isso por ela... Melissa acabou de chegar e você...

— Eu a vi! Ela continua linda. — Os olhos de Pedro encheram-se de lágrimas e Maitê sentiu pena do cunhado. — Eu não consegui falar nada. Permaneci estático, olhando para aqueles olhos azuis. Eu a amo tanto, Maitê. O que eu fiz da minha vida? Diga-me.

— Cale-se, Pedro! Melissa não merece seu sofrimento. — Maitê jamais perdoaria a irmã por ter fugido com Ricardo. Ela, Pedro e Ricardo foram colegas de faculdade e formaram-se na mesma turma. Assim que foi apresentado à sua irmã do meio, Pedro apaixonou-se perdidamente. Melissa sempre foi a mais bonita das irmãs. Tinha os homens aos seus pés o tempo todo. Maitê e Melissa tinham apenas dois anos de diferença e cresceram muito unidas. O suicídio da mãe, logo depois do nascimento de Maia acabou por uni-las ainda mais. A primogênita de Rodolfo nunca se recuperou da

decepção da fuga de Melissa e Ricardo. A irmã sabia que Ricardo era seu grande amor e mesmo assim não pensou duas vezes ao casar-se com ele. — Todos nós já sofremos demais pelas atitudes egoístas de minha irmã.

Pedro pegou no sono. Maitê jogou um cobertor sobre ele e saiu em direção ao quarto de Joaquim, precisava ver se o sobrinho tinha feito a lição de casa. Sentia-se cansada e sobrecarregada com tantas coisas. Má estava idosa e ajudava pouco com a administração da casa. Maia só tinha tempo para as compras e as amigas. Chegou ao quarto do sobrinho.

— Boa noite! — Joaquim abriu um lindo sorriso.

— Boa noite, titia. Está sabendo da novidade? — O menino pegou as mãos da tia e rodopiou. — Vovô acabou de me contar que conhecerei tia Melissa e minha prima Tereza. Elas chegaram de Milão, acredita?

— Sim, fiquei sabendo. Será um prazer conhecer minha sobrinha pessoalmente. — Seu pai havia mostrado algumas fotos de Tereza ainda bebê. Devia já ser uma menina grande, pensou. Todos evitavam falar na menina, até mesmo Má que todo ano passava uma temporada em Milão com a família de Melissa. — Fez sua lição de casa, garotinho?

— Sim, tia. Já jantei também.

Maitê despediu-se de Joaquim e desceu para o andar de baixo. Encontrou o pai bebendo sua habitual taça de vinho.

— Boa noite. — Cumprimentou-o e sentou-se na poltrona ao lado. Rodolfo acenou com a cabeça. — Então, Melissa está em Santa Bárbara e foi visitá-lo?

— Sim. Em breve, deverá nos visitar. Embora, não o queira fazer. Temos que ter paciência, Maitê. Não podemos pressioná-la. Minha reaproximação com sua irmã foi difícil. Se não fosse a intervenção de Ricardo, Melissa jamais teria aceitado.

— Não sei o porquê do senhor se importar tanto com Melissa. Ela não merece tanta preocupação.

— Você e sua amargura de sempre. Às vezes, penso que não é minha filha. Por isso não arrumou ainda ninguém que a queira. Está sempre azeda como um limão velho.

Maitê entristeceu-se.

— Para o senhor, nada do que faça ou farei será suficiente, não é papai?

— Não seja melodramática, Maitê. — Rodolfo bebeu um longo gole de seu vinho.

— Maia está fora de casa desde cedo e ainda não retornou. Não foi ao escritório também. O senhor sabe o paradeiro dela? — Maia era a fonte inesgotável de problemas da família.

— Você pergunta para mim? Quem deveria saber o paradeiro de Maia é o marido dela, não acha? — Rodolfo foi sarcástico. — Falando em marido de Maia, onde está Pedro?

— No quarto. Chegou com uma forte dor de cabeça e recolheu-se cedo. — Achou melhor mentir.

— Na sexta-feira quero que me acompanhe à cerimônia em homenagem ao primeiro aniversário de morte de Ricardo. — Maitê olhou para o pai em sinal de negação. — Nem pense em não ir, Maitê. A família Monteiro é uma das nossas maiores clientes e sua irmã foi casada com um deles. Nem vou mencionar o fato de que você precisa conhecer sua sobrinha.

O patriarca da família levantou-se e subiu as escadas, deixando Maitê sozinha. Estava acostumada a ficar isolada e não se importava mais com a solidão. Houve uma época em que chorava escondida em seu quarto. Todos faziam questão de lembrar-lhe que devia ser forte pelas suas irmãs, era a mais velha e precisava cuidar das menores e todos esqueciam que ela também era uma criança. No final, o pai estava certo, pensou. Havia se tornado uma pessoa amargurada com a vida, sem expectativas, sem amor e vivendo sempre das sobras dos outros.



Na tarde seguinte, Pedro tentava se concentrar em um caso importante, mas sua cabeça latejava. A ressaca estava forte. Jurou para si que nunca mais iria colocar cachaça na boca novamente. Rafaela entrou.

— Já falei para bater na porta antes de entrar. — Pedro repreendeu-a.

A advogada não ligou e foi para o colo de Pedro.

— É assim que me recebe? Que mau humor é este? — Rafaela beijou-o na boca e o advogado correspondeu. Rafaela era uma advogada recém-formada, loira tingida e com olhos castanhos claros. Era uma mulher sedutora e muito bonita, um pouco mais baixa que a média, porém, não chegava aos pés de Melissa. — Então, conte-me sobre a cunhada gostosa.

— Pelo visto, as conversas correm rápido neste escritório.

— Fiquei sabendo pelo Humberto, que conseguiu algumas informações extras da Dona Clarice. — A advogada sorriu. — Corre pelos quatro cantos que você foi noivo da filha do meio do poderoso chefão.

Pedro levantou-se, quase derrubando Rafaela. Sentiu-se desconfortável com o comentário.

— O que mais falaram?

— Que eu tenha ouvido só isso mesmo. Humberto não conseguiu tirar mais nada da velha. Mas, algo me diz que existe coisa podre atrás de toda essa história. — Rafaela era ardilosa e esperta, caso contrário não teria sido promovida tão rapidamente no escritório. — Relaxe, meu amor. Passado é

passado, não é? Vamos sair hoje à noite? — A loira aproximou-se de Pedro e acariciou seu rosto.

— Não. — Pedro foi curto e grosso. Estava sem paciência para dar maiores explicações.

— Pois eu pretendo me divertir, Pedro. Com ou sem você. — Rafaela deu dois passos em direção à porta e parou para falar. — Provavelmente irá comparecer ao grande evento.

— De que evento você fala? — Pedro não lembrava de qualquer compromisso para a semana em curso ou para próxima.

— Da cerimônia em homenagem ao primeiro aniversário de morte de seu cunhado. Não se fala em outra coisa. Será imperdível, parece que a viúva será a atração principal. — A advogada soltou uma gargalhada.

Pedro sentiu a raiva subir do fundo da alma. Não permitiria que falassem de Melissa daquela forma. Pegou Rafaela pelos braços e puxou-a, de modo que conseguisse olhá-la nos olhos.

— O fato de levá-la para cama, não lhe dá o direito de faltar ao respeito com Melissa.

— Você está me machucando. — Rafaela resmungou.

— Não irei soltá-la até que você me garanta que entendeu o que eu acabei de falar. — Pedro sacudiu a mulher com raiva.

Rafaela resmungou um sim e saiu pálida da sala. Ao cruzar a porta, encontrou Humberto.

— Se eu fosse você Humberto, não pronunciava o nome Melissa naquela sala.

Humberto entrou e encontrou Pedro debruçado sobre o parapeito da janela.

— O que aconteceu aqui? Rafaela estava pálida e você...

— Não venha você também, Humberto. Estou com uma forte dor de cabeça. — O advogado cuspiu as palavras.

— Tudo bem... apenas preciso de um parecer sobre o caso das empresas Fernandes. Tenho uma reunião daqui a 2 horas.

— Daqui a 2 horas a resposta estará em sua caixa de e-mails. Agora, saia!

— Outra coisa, seu sogro me convidou para representar o escritório na homenagem ao falecido genro. — Pedro sentiu a fúria voltar. — Achei estranho, afinal, você poderia muito bem representar o escritório, ou talvez, ele mesmo ou Maitê. De qualquer forma, pretendo ir e será necessário

remarcarmos a reunião gerencial.

— Tudo bem, remarque e avise-me a nova data depois. Mais alguma coisa?

— Cara, você está estranho hoje. — Pedro acabava de arrepender-se de ter dado tanto espaço ao advogado. — Tudo isso é porque a filha do meio do chefe voltou? Sem dramas, meu amigo. Mata as saudades, porra. No seu lugar, eu não perderia tempo.

— Não é tão simples assim, Humberto.

— Cara, ela ficou viúva e você nunca deixou uma mulher passar.

— Ela é minha cunhada. — Pedro praticamente gritou.

— Bem, se você não quer uma sessão “recordar é viver” com a gostosa da Melissa, garanto que eu não vou perder a oportunidade.

Pedro avançou para cima de Humberto e deu um soco, fazendo-o cair sentado no chão.

— Escute aqui, cara. Nem você nem ninguém vão tocar em Melissa, e tenha mais respeito com ela.

Humberto levantou e saiu sem pronunciar mais nada. Pedro foi até seu toalete e lavou o rosto. Precisava colocar a cabeça no lugar ou colocaria em risco tudo o que havia conquistado nos últimos 10 anos. Secou o rosto, passou a mão em seu paletó e saiu do escritório, sem hora para retornar. Precisava espairar e só havia um lugar para fazê-lo, na casa de seus pais.



Ao chegar à pequena, mas confortável casa que conseguiu comprar para seus pais, Pedro foi recebido pela mãe na porta. O advogado desejou comprar uma casa maior e num bairro mais nobre de Santa Bárbara. Diante de inúmeras negativas, aceitou a vontade dos pais e comprou uma casa mais modesta em um bairro simples.

— Querido, o que faz aqui em pleno expediente? — Dona Sofia era uma mulher de 60 anos, baixinha e rechonchuda. Cozinhou como ninguém. Durante anos, ajudou nas finanças da casa cozinhando marmitas que eram entregues por Pedro.

— Vamos entrar, mãe. Quero apenas colo de mãe e um pedaço de bolo de chocolate. — Pedro abraçou-a. — E papai e Mateus?

— Seu pai foi para o centro pagar algumas contas e seu irmão está na

faculdade. Vamos até a cozinha, acabei de tirar um bolo do forno.

Pedro puxou uma cadeira para sentar-se e observou cada detalhe da cozinha da mãe. Dona Sofia era uma mulher caprichosa, pensou. Toalhinhas bordadas enfeitavam a cozinha. Sentia falta de sua mãe.

— O pai não precisa ir pagar contas, mãe. Já falei mil vezes que ele pode programar os débitos automáticos...

— Filho, você esquece que é apenas uma desculpa para seu pai encontrar os amigos em algum café do centro. — Dona Sofia aproximou-se e beijou a testa do filho. — Agora diga-me, o que está lhe angustiando, Pedro?

— É Melissa. — Pedro encostou a cabeça no peito da mãe. Desejava voltar a ser criança.

— Sei. Não se fala em outra coisa a não ser no retorno da viúva do herdeiro dos Monteiro e na grande homenagem ao primeiro ano de falecimento do Ricardo. — Dona Sofia afagou a cabeça do filho. — Pedro, meu filho, você sabe minha opinião sobre o que aconteceu entre vocês. Entendo sua dor em perder a mulher que amou e o melhor amigo ao mesmo tempo, mas não vou passar a mão na sua cabeça. Você também errou.

— Eu sei, mãe.



Dois dias depois as famílias Monteiro e Leite de Azevedo reuniram-se no cemitério de Santa Bárbara para homenagear a memória de Ricardo. Suas cinzas seriam depositadas no jazigo da família. Ricardo era embaixador em Milão e foi brutalmente assassinado em um assalto. Melissa ainda não havia superado o trauma. Sempre que fechava os olhos lembrava do sangue do marido escorrendo entre seus dedos. Nunca havia se sentido tão impotente como naquele fatídico dia e toda a dor que sentiu por sua perda voltou com as recordações que lhe tomaram. Era uma dor carregada de culpa por não ter sido merecedora do amor que ele lhe devotou. As últimas palavras de Ricardo, antes de dar seu último suspiro, reverberariam em sua mente por anos.

— Sinto tanto, Melissa... eu falhei com você, meu amor. Eu não consegui... saiba que eu sempre amei você, desde sempre... mas eu sempre soube que... — Ricardo não conseguiu completar a frase. E aquilo se tornou um tormento pelos dias e meses que vieram. No fundo, ela sabia o que o marido não conseguiu falar.

— Melissa... — Seu pai a tirou do devaneio sentimental e acabou por secar os olhos. — Estão lhe chamando para depositar a urna no jazigo.

A viúva pegou a mão da filha e as duas levaram a urna com as cinzas de Ricardo até o interior do suntuoso jazigo, depositando-a em cima de uma espécie de altar, especialmente construído para abrigar seus restos mortais.

Tentou conter as lágrimas que insistiam em sair, mas não conseguiu. O temor invadiu sua alma. Teria que seguir em frente e sem o marido, pelo bem de sua filha. Queria fugir daquele lugar e fazer de conta que nada havia mudado. Porém, tudo estava diferente sem ele. Tereza soluçava de emoção e foi amparada pelo avô. Era muito ligada ao pai. Ricardo havia sido cremado um ano antes e Melissa e Tereza deveriam ter retornado antes ao Brasil. Porém, a viúva não se sentia forte o suficiente para enfrentar o seu passado e agora, arrependia-se de não ter voltado antes, provavelmente, teria poupado sua filha de reviver a dor pela perda do pai.

Maitê aproximou-se da irmã.

— Quanto tempo, irmã. — Foi a única coisa capaz de falar.

— Maitê... não a vi antes, perdão. Você está ótima. — Melissa secou os olhos.

— Não há necessidade de desculpar-se. Acabei de chegar, tive um contratempo no escritório. — O que era uma mentira. — Você também está ótima. Linda como sempre. — Melissa pediu para abraçá-la e Maitê concordou. O abraço foi frio. Maitê não conseguia ser hipócrita ao ponto de fingir qualquer sentimento em relação à irmã, a não ser o de desgosto.

Melissa chamou Tereza e apresentou-a à sua tia.

— Filha, esta é sua tia Maitê, minha irmã mais velha. Lembra das fotos que mamãe mostrou para você? Ela também foi colega de faculdade de seu pai. — A menina abraçou a tia com entusiasmo e carinho, como se fossem velhas conhecidas. — Tereza tem um fascínio por você. — Melissa falou.

— Por mim?

— Sim, por você. Tudo começou há uns anos, quando Tereza encontrou algumas fotos nossas no meu computador. Ela começou a fazer perguntas sobre você ao pai e decidiu que será advogada também. — Melissa notou confusão no semblante de sua irmã. — Senti sua falta Maitê. Quem sabe marcamos um café.

— Sinto muito, Melissa... estou muito ocupada com o trabalho e a administração da casa. Má está velha e anda muito cansada. — Maitê respondeu de maneira seca. Não tinha a intenção de brincar de irmãzinhas amorosas. Melissa virou as costas para sua família e foi viver seu conto de fadas em outro país e lá ficou por uma década.

Enquanto isso, Pedro observava a movimentação à sombra de um salgueiro. Acompanhou a cerimônia à distância, escondido entre as estátuas

de dois túmulos. Conseguiu ver a filha de Melissa. O sogro a amparava entre a multidão. A menininha chorava muito. Tereza tinha os cabelos pretos e encaracolados nas pontas. Havia pouco na menina que lembrasse a mãe. Possivelmente, havia herdado mais traços da família do pai, concluiu. Nunca havia visto qualquer foto da menina, nem mesmo Rodolfo, um avô orgulhoso da neta, herdeira de uma das famílias mais poderosas de Santa Bárbara, havia tido a preocupação de providenciar um porta-retratos sequer. Quando ficou sabendo de sua existência, anos mais tarde de seu nascimento, pegava-se constantemente a imaginar como ela seria, a havia imaginado de maneira diferente, mais parecida com a mãe. De qualquer forma, era uma criança muito bonita.

Melissa usava um vestido justo, preto. Os cabelos estavam presos numa trança. Mesmo distante, Pedro percebeu que ela havia chorado. Os olhos azuis de Melissa reluziam intensamente depois de serem molhados pelas lágrimas. Sempre acontecia o mesmo. A mulher virou-se para o lado para receber os cumprimentos de um casal idoso e sorriu. Pedro foi atingido por recordações do passado ao lado dela. Precisamente, do dia em que a conheceu. Era um dia quente e abafado. Maitê chamou-o junto com Ricardo para que fossem até a mansão da família Leite de Azevedo, mas antes precisavam passar na Faculdade de Letras para buscar Melissa. Os três estavam no último ano da Faculdade de Direito e, com o auxílio de Ricardo, Pedro conseguiu um estágio no escritório do mais renomado advogado de Santa Bárbara, o Doutor Rodolfo Leite de Azevedo. Por isso, sabia da existência de Melissa e também tinha ouvido comentários sobre a beleza da garota.

— Lá vem ela. — Maitê avisou aos colegas que estavam encostados no carro. O coração de Pedro não estava preparado para conhecê-la. Sentiu uma emoção indescritível ao vê-la descendo a grande escadaria do prédio antigo, dentro de um vestido vermelho e sapatilhas nos pés. Pedro lembrava de cada detalhe de Melissa. Os cabelos loiros chegavam até a cintura. Ela conversava feliz com uma amiga. Assim que foram apresentados, Melissa abriu um lindo sorriso, que foi suficiente para capturar o seu coração para sempre.

Pedro foi tirado de suas lembranças quando viu a aproximação de Humberto. A amargura e a decepção voltaram. Melissa agora era uma viúva e, provavelmente, em breve conquistaria mais corações com aquele sorriso. O advogado não suportaria a ideia de tê-la tão próxima e talvez, nos braços de

outro. Humberto abraçou-a. Foi um abraço mais demorado do que o necessário, pensou. Não ficaria mais ali, torturando-se e vendo a mulher que amava sendo cortejada por outro homem. Sabia que Humberto seria apenas um dentre os vários que se candidatariam a consolar o coração da viúva. Era bem possível que o sogro já estivesse mexendo os pauzinhos para casá-la novamente. Só isso poderia explicar o convite do velho ardiloso para que o advogado representasse o escritório na cerimônia. Também tinha o fato de Humberto ser neto de um dos maiores banqueiros da região. Pedro sabia muito bem que ele nunca deixaria de ser o filho do humilde taxista. Melissa era a joia rara do poderoso Rodolfo e uma valiosa moeda de troca, diferentemente de Maia, a problemática com quem se casou.



No domingo seguinte, o patriarca da família Leite de Azevedo ofereceu um almoço para receber Melissa e Tereza. Todos deviam seguir à risca as ordens de Rodolfo e não seria tolerada a ausência de ninguém.

Naquela manhã, Pedro acordou ansioso e nervoso. Nunca dividiu o mesmo ambiente com Melissa depois de tornarem-se cunhados. Também estava preocupado com o sumiço de Maia. Duas noites sem dormir em casa. A ausência da mãe já não era mais novidade para Joaquim. Maitê se esforçava para preencher a lacuna deixada pela irmã. Porém, Pedro sabia que não era o certo. A cunhada deveria ter sua própria família.

Na noite anterior, havia convidado Rafaela para jantar num badalado restaurante. Os planos incluíam uma parada em algum motel. Pedro gostava da companhia da advogada, ela era jovem e divertida. Acreditou que poderia relaxar e esquecer um pouco os problemas. No entanto, em nenhum momento conseguiu parar de pensar em Melissa e acabou deixando Rafaela em seu apartamento antes do previsto.

Pedro terminou de vestir-se. Olhou o relógio e não estava atrasado para juntar-se ao restante da família. Passou no quarto de Joaquim e ajudou o menino a escolher uma roupa. Joaquim estava ansioso com a chegada da tia e da prima. O avô havia contado várias histórias sobre as duas.

— Papai, o senhor conhece tia Melissa? — O advogado mexeu a cabeça em sinal afirmativo. — Ela é tão linda quanto as fotos que estão na parede da

sala do vovô? — Concordou novamente. — O senhor sabia que tia Melissa foi Rainha do Carnaval de Santa Bárbara? Vovô mostrou algumas fotos dos carnavais em que ela participou.

A viúva havia sido quatro vezes consecutivas Rainha do Carnaval da cidade. Santa Bárbara era uma cidade de interior e ainda cultivava as tradições dos antigos carnavais, além de ser famosa pelos suntuosos bailes de carnaval. Em dois de seus reinados, Melissa e Pedro namoravam e a imagem dela sambando veio à sua mente, recordando-se do orgulho que sentiu ao ser seu par.

Pedro desceu as escadas e o som da voz de Melissa chegou aos seus ouvidos.

— Papai, não mime demais a Tereza. — Pedro aproximou-se, segurando a mão de Joaquim. Rodolfo o viu e falou. — Bom dia, senhores. Achei que não iriam se juntar a nós.

— Desculpe-nos, acabamos perdendo a hora. — Pedro respondeu.

Rodolfo apresentou Melissa e Tereza ao neto.

— A senhora é mais bonita do que nas fotos. — O menino falou. Realmente, Melissa estava muito bonita. Os cabelos loiros estavam soltos e usava um vestido floral simples, que realçava suas curvas.

— É um prazer conhecê-lo, Joaquim. — Melissa agachou-se e abraçou o menino. Pedro balançou ao ver o filho perto do amor de sua vida. Houve o tempo em que sonhou com os filhos que Melissa lhe daria.

A viúva levantou-se e estendeu a mão para Pedro.

— Prazer revê-lo. — O advogado aceitou o cumprimento e deixou-se levar pelo impulso de beijá-la. Foi um beijo discreto no dorso da mão. Melissa corou e, por pouco, Pedro não a tomou entre seus braços. Ela sempre teve esse efeito sobre ele. E, absolutamente nada havia mudado, continuava sendo a sua Melissa e somente em tocá-la já era suficiente para aquecer o desejo que estava adormecido.

Melissa puxou a mão assim que Tereza a chamou.

— Mamãe, este é o marido de tia Maitê? — A menina falava um português atrapalhado, com um forte sotaque italiano.

— Não, querida. Este é o marido de sua tia Maia. Lembra-se que seu pai falou do tio Pedro? — A menina sacudiu a cabeça sinalizando um sim e apresentou-se ao tio. Pedro simpatizou-se com a filha de Melissa. Era uma menina muito educada e meiga. Teve o pressentimento de que a fisionomia

lembrava-lhe alguém próximo, mas não conseguia saber ao certo quem. Não era Melissa, nem Ricardo.

— Com licença. — Uma voz grave chamou a atenção de Pedro. — Acabei me atrasando... — Humberto acabava de entrar na sala, carregando um ramallete de margaridas, que foram entregues à Melissa.

Pedro olhou para o sogro e enxergou um sorriso malicioso. Ficou claro que Rodolfo estava empurrando a filha recém-chegada nos braços de Humberto. E essa certeza o atingiu como uma punhalada. O sogro não mediria esforços para atingir seus objetivos.

Durante o almoço, Humberto sentou-se ao lado de Melissa. Rodolfo sentia-se orgulhoso pelo retorno da filha do meio ao seio familiar. Ninguém ousou tocar na ausência de Maia. Maitê apenas comia. Humberto e Rodolfo engataram uma conversa sobre os talentos de Melissa e aquilo estava sendo o verdadeiro suplício para Pedro, que estava sentado na frente do que para seu sogro, seria o futuro senhor e senhora Zanetti.

— Melissa não me deu detalhes sobre com o quê pretende trabalhar, Humberto. — Rodolfo falou, chamando a atenção de Pedro.

— Papai, tornei-me tradutora, como bem sabe, e pretendo trabalhar com isso. — Melissa respondeu tranquilamente.

— Tradutor. — Humberto exclamou. — E quais línguas você costuma traduzir?

— Sou Bacharel em Letras, com ênfase em inglês. Durante meus anos no exterior, estudei outros idiomas e falo fluentemente o francês, o espanhol, além do italiano é claro. Na verdade, aprender outros idiomas foi uma necessidade como esposa de um embaixador. Em 10 anos, estivemos em 5 países diferentes.

— Interessante. E, quanto à Tereza, é provável que domine várias línguas. — Humberto olhou para a menina e depois para Melissa. — Ela nasceu aqui no Brasil? — perguntou.

— Tereza nasceu no México, mas quando ainda era bebê, Ricardo foi transferido para a África do Sul, onde moramos por mais um ano.

Pedro interessou-se mais pela conversa.

— Quantos anos você tem Tereza? — Humberto perguntou à menina.

— Completarei 10 anos este ano. — Respondeu uma Tereza orgulhosa.

Pedro levou um susto com a revelação. Fitou Melissa e ela corou. Era provável que havia corado de vergonha. Se Tereza completaria 10 anos ainda

este ano, era certo de que Melissa havia engravidado logo após casar-se com Ricardo, isso se ela já não estivesse grávida do homem quando saiu do país. O que o levou à conclusão de que Melissa poderia ter lhe traído. Isso justificaria a saída apressada para o México. Lembrava-se de que, na época, Ricardo havia decidido não aceitar a vaga de embaixador na Cidade do México. Pedro foi pego de surpresa com a mudança de planos do amigo, mas agora tudo fazia sentido.

Depois do almoço, Pedro aproximou-se de Maitê.

— Não acredito que...

— Que Tereza tem praticamente 10 anos? — Maitê completou a frase do cunhado. — Nem eu desconfiava, Pedro. Para falar a verdade, nunca me interessei em perguntar a idade da minha sobrinha.

— Eu acho estranho. Algo não fecha nessa história, Maitê.

A cunhada foi chamada por Má e Pedro retornou a atenção para Melissa e Humberto que conversavam animadamente.



Melissa estava cansada. Humberto não havia desgrudado dela desde que pisara na mansão. Apesar de ser um sujeito charmoso e interessante, não estava mais acostumada a ser pajeada daquela maneira. E para piorar, seu pai não deixava qualquer brecha para que ela pudesse se afastar do advogado.

Má percebeu o desconforto de Melissa e chamou-a para acompanhá-la até o seu antigo quarto. Agradeceria mais tarde, com muitos beijos, por Má a ter livrado de seu pai e de Humberto. Tereza estava brincando descontraidamente com o primo.

— Obrigada, Má. — Agradeceu, com um abraço forte.

— Querida, era o mínimo que eu podia fazer — falou a anciã.

— Má, você manteve exatamente do jeito que o deixei. — Melissa olhou para seu quarto. Estava admirada com tudo. Os seus livros e CDs preferidos, todos limpinhos e organizados. A colcha floral da cama era a mesma. Melissa tocava em tudo como se um simples toque pudesse lhe transportar para o seu passado. Chegou até a escrivaninha branca. Aquela escrivaninha, juntamente com o antigo abajur, era seu maior tesouro. Lembrou-se do dia em que saiu com Maitê e as duas passaram uma tarde dentro de uma feira de antiguidades. Ambas gostavam de procurar tesouros entre as velharias. Era um dos passatempos favoritos das irmãs.

Má deixou Melissa sozinha. Ela perdeu-se entre as lembranças de sua juventude, quando ainda sonhava em ser feliz. Há muito aquela menina havia

abandonado a ingenuidade e já não esperava a felicidade. Abriu a gaveta da escrivaninha branca e encontrou um marcador de páginas antigo, feito de uma fita de cetim rosa, em uma das pontas havia um coração de metal e na outra a letra P, também em metal.

— Este marcador foi presente meu.

Melissa virou-se e deu de cara com Pedro encostado na parede decorada com adesivos em forma de borboletas.

— Que susto — falou, levando a mão livre ao coração.

— Sempre tive curiosidade em saber o que Má guardava neste quarto. — Pedro desencostou da parede e aproximou-se da estante de livros. — Vejo que continua igualzinho, nenhuma coisa fora do lugar. — Pegou um retrato na mão. — Até isso. — Mostrou-o, sentindo saudades da época em que viviam felizes. — Lembra do dia em que batemos esta foto?

— Claro que me lembro. — Melissa balbuciou.

— Foi o dia em que nos amamos pela primeira vez. O dia em que eu toquei o céu. Mas fui um completo idiota. — Pedro falou com mágoa, aproximando-se mais perto da mulher. — Acreditei em seu amor, Melissa.

— Por que está me falando essas coisas Pedro?

— Eu quem deveria fazer tal pergunta. Eu quem deveria perguntar os porquês de você e meu melhor amigo embarcarem num avião, sem avisar ninguém, praticamente fugidos. Eu quem deveria perguntar o porquê de você ter tido uma filha logo após nosso término. — Pedro se aproximou ainda mais. Melissa deixou o marcador cair no chão e agarrou as bordas da escrivaninha com as mãos. — Eu quem deveria perguntar os porquês de muitas coisas, mas tudo o que eu consigo fazer é olhar para você e sentir um desejo louco de puxá-la para meus braços e beijá-la.

Assim que as mãos de Pedro envolveram sua cintura e puxaram-na para junto de seu corpo, Melissa não conseguiu mais pensar. Pedro exigia sua entrega. Sempre havia sido assim com ele. Tudo era ao mesmo tempo simples e intenso. Calmaria e tempestade. Frescor e calor. Amor e Paixão.

O tempo parou para Pedro. Ter Melissa tão próxima, quente e perfumada nublou seus pensamentos. Ao invadir a boca da mulher com sua língua, sentiu o gosto da paixão, o verdadeiro néctar dos deuses. O gosto de Melissa era inconfundível. Deliciou-se com aquele sentimento que penetrava em cada um dos poros de seu corpo. Pegou-a pela nuca e sentiu a maciez de sua pele. Os anos haviam a deixado atraente. Doeui-lhe o coração quando lembrava que

Ricardo a havia tocado daquela forma durante anos, anos que deviam ter sido seus por direito e não de Ricardo.

Melissa interrompeu o beijo.

— Você ficou louco? Você é meu cunhado, Pedro. — Ela ofegava.

Pedro virou-se de costas, a fim de esconder a excitação entre suas pernas. — Sim, fiquei louco, Melissa. Melhor, permaneci por longos dez anos louco de ciúme e ódio por você ter me deixado, sonhando com o dia em que iria poder encará-la nos olhos... eu precisava saber o porquê de me abandonar daquele jeito. E quando estou prestes a conseguir, só olhar em seus olhos é suficiente para acender o desejo que sempre senti.

— Por favor, Pedro. Pare com isso. — Melissa gritou. — Você não tem o direito de me cobrar nada.

— Como não tenho? Eu tentei impedi-los de embarcar naquele maldito avião...

— Para quê? Você iria desistir dos seus planos? — Melissa estava furiosa. — Olhe para mim e fale... você sempre soube que só existia uma forma de eu desistir de sair do país. Você estava disposto a isso? — Ela bateu com o punho fechado no peito do advogado.

— Eu não podia.

— Você não podia. Eu passei um inferno naquele dia. Esperei por você. Esperei que você mudasse de ideia e fosse me resgatar. Porém, no fundo eu sabia que você nunca mudaria de ideia.

Pedro sentou na cama.

— Você não me deixou escolhas, Melissa. Eu queria ficar contigo. Eu pedi um tempo para que pudesse ajeitar as coisas, mas você estava irredutível.

— Cale-se Pedro. Chega. Eu me recuso a ouvir qualquer coisa a mais de você. Olhe ao seu redor, Pedro. Você me tirou tudo... para começar, você casou com a minha irmã, tornou-se o braço direito do meu pai, até morar em minha casa você veio... enquanto que eu vivi exilada anos no exterior. Você não mudou nada, Doutor Pedro Rodrigues. Continua o mesmo egoísta de 10 anos atrás.

Melissa saiu e bateu a porta do quarto. Aquele quarto, aquela casa e aquele mundo não lhe pertenciam mais. Maldita hora em que decidiu voltar para Santa Bárbara. Desceu as escadas correndo para encontrar Tereza e sair o mais rápido possível daquele lugar.



Pedro juntou do chão o marcador de páginas que Melissa havia derrubado. Acariciou-o como se um simples toque pudesse transportá-lo para um dos dias mais felizes de sua vida. Levou a fita de cetim até seu rosto e recordou-se do brilho azul nos olhos de Melissa no dia em que entregou o marcador para ela. Era o aniversário de um mês de namoro e queria dar algo especial para sua namorada. Nunca havia sido um romântico, mas Melissa havia o transformado em um desde o dia em que a conheceu.

— É lindo, meu amor! Foi a surpresa mais linda que recebi. — Melissa pulou no pescoço de Pedro que a beijou. Beijar Melissa era sempre como tocar o céu, recordou.

— Amor, tem certeza de que gostou mesmo? — Pedro sentia-se inseguro. — É tão simples, mas o fiz de coração.

— Claro que gostei Pedro. Seu gesto representa muito para mim. Esse marcador, simples e singelo, é importante, pois significa que você prestou atenção em mim e entendeu quem eu sou e do que eu gosto.

Pedro tirou o marcador das mãos de Melissa, sua garota, e colocou-o em cima de uma mesinha.

— Tem certeza de que você quer fazer isso, Melissa? — Melissa ficou nervosa e Pedro percebeu. — Não precisamos fazer se você achar que não está preparada. — Pedro preocupou-se. Seria a primeira vez de Melissa e queria que tudo fosse especial.

Esforçou-se muito para tornar aquele momento especial para ela. Amava-a tanto que chegava a doer o peito. Conseguira emprestado o chalé de campo com um de seus antigos colegas de faculdade. Planejava cada detalhe, desde o presente até a arrumação do quarto.

— Acho que não estarei preparada nunca para isso. — Melissa corou. — Só sei que quero que seja com você.

Pedro pegou-a no colo e subiu as escadarias de madeira rústica.

— Abre a porta para mim, meu amor. — Melissa atendeu ao pedido e um ambiente iluminado por velas revelou-se diante de seus olhos. Era sexta-feira à noite e fazia um friozinho gostoso. Vasos de margaridas, a flor preferida de Melissa, estavam por todas as partes. A cama era rústica e enfeitada com uma colcha vermelha. Em cima da colcha, muitas margaridas foram espalhadas. Algumas com o cabo, outras, apenas a flor. Pedro a deitou sobre a colcha e tirou a camisa. — Não chore, meu amor. Preparei tudo para deixá-la feliz e não triste.

— Oh... não estou triste, querido. Pelo contrário, estou muito feliz.

Pedro avançou e abriu a camisa de Melissa. Era linda sua namorada. Abriu o zíper da calça também e puxou-a para baixo. Queria contemplá-la nua. A imagem de Melissa nua e com os cabelos loiros espalhados sobre o vermelho da colcha, rodeada por margaridas brancas, ficaria gravada em sua memória para sempre. Livrou-se de suas calças e foi ao encontro de sua amada. Dedicou-se a acariciá-la e prepará-la para recebê-lo em seu interior. Esforçou-se para manter o controle. Precisava manter-se controlado. Melissa era virgem e sabia que a primeira vez para a mulher poderia ser dolorosa.

— Relaxe, meu amor. Confio em você. Tenho certeza de que será perfeito. Depois, eu quero-o tanto que chega a doer aqui dentro. — Melissa levou uma das mãos ao coração e a outra ao maxilar de Pedro. — Eu o amo. Você é o homem da minha vida. — A tranquilidade da voz de Melissa, trouxera-lhe a certeza de que ela o completaria para sempre.

Naquele dia, havia sido não só a primeira vez de Melissa, mas também a de Pedro. A primeira vez em que fez amor com uma mulher que amava de verdade. A intensidade do ato, não apenas marcaria a vida dela, mas também a dele. O encaixe perfeito de seus corpos nublaria as recordações dos momentos compartilhados com outras mulheres. E continuaria a nublar os dias de sua miserável vida. Jamais, por mais que tentasse, conseguiria amar outra mulher como a amava.

Havia se tornado um patife, refletiu. Durante uma década, tentou apaziguar a dor da ausência de Melissa com outras mulheres. No começo, procurou ser um bom marido para Maia. Talvez, se tivesse tido a coragem suficiente para sair da mansão com a esposa e o filho, poderia ter dado uma chance para o seu casamento. Maia também não se esforçava. Fazia questão de humilhá-lo sempre que podia. “Você foi comprado, Pedro”. A frase saía da boca da esposa a cada discussão do casal. Sempre depois das discussões, Pedro refugiava-se no antigo quarto de Melissa. Passava noites agarrado ao travesseiro da amada, até o dia em que Má descobriu seu segredo e passou a manter o quarto trancado.

Com o passar do tempo, a dor havia adormecido, já não era tão intensa quanto no início. Deu uma segunda chance para o casamento, queria ser feliz com a esposa, apesar de tudo. Então, nasceu Joaquim. Porém, os problemas e as brigas entre eles retornaram. Pedro pediu o divórcio, mas Maia se recusou, pedindo auxílio ao pai para convencê-lo a mudar de opinião. E, novamente, Pedro reconsiderou. Rodolfo sempre conseguia o que queria. Para o velho lobo, tudo sempre tinha um preço e, no caso, o advogado perderia sua participação no escritório se insistisse na ideia do divórcio.

Doía-lhe saber que sua Melissa o considerava um egoísta, quando tudo o que fez foi para o bem de sua família. Tudo que havia feito era para o bem de seus pais e de seu irmão. Queria melhorar a vida deles. No entanto, nem Melissa, nem seus pais entenderam seus atos.

Pedro desabou sobre a colcha florida da antiga cama de Melissa e chorou. Agarrou a almofada e encolheu-se como uma criança amedrontada. Queria que a dor fosse embora, que Melissa entrasse no quarto sorrindo e falando que o amava. Desejava voltar no tempo, ter uma segunda chance com ela. Sabia que não seria possível apagar toda a tristeza que sentiu ao perder seu amor, mas a partir daí poderia ser diferente, eles mereciam uma segunda chance, pensou. Secou as lágrimas, levantou e pegou o marcador. Consertaria as coisas, decidiu. Estava determinado a consertar tudo e ter um futuro com a mulher de sua vida. Só ela poderia fazê-lo feliz.

Dar entrada no pedido de divórcio seria seu primeiro passo.



Dois dias depois, Rafaela entrou na sala de Pedro.

— Já avisei que não gosto que entre sem bater. — O advogado falou irritado por ser interrompido.

— Seu humor anda péssimo, Pedro. Passei apenas para informar que acabei de dar entrada no seu pedido de divórcio. — Rafaela era especialista em Direito de Família. — Fiz tudo conforme me orientou. Na próxima semana pretendo ir conversar com o juiz a respeito da guarda provisória de Joaquim.

— Espero que tenha dado o seu melhor. — Pedro fitou a mulher com seriedade. — Quero resolver a situação logo e ficar livre. — Ela assentiu com a cabeça. — Acredito que tenha consciência de que poderá ter problemas com meu sogro e que também saiba que a protegerei.

— Confio em você, Pedro. Mas há algo que gostaria de saber. — A advogada sentou relaxada. — Por que somente agora você decidiu se divorciar?

— Isso não importa, Rafaela. — Pedro não devia satisfações a ela.

— É pela cunhada, não é? Pedro, nunca cobre nada de você. Na verdade, sempre soube que você não seria capaz de me amar, porque seu coração sempre foi de outra mulher.

— Rafaela, por favor... — O advogado tentou interrompê-la.

— Não, deixe-me terminar. Sempre soube que existia uma mulher na sua

vida e que ela não era eu e muito menos Maia. Passamos algumas noites juntos, Pedro e nessas noites, enquanto dormia, você chamava por ela, você chamava por Mel. — Pedro chocou-se com a confissão da amante. Durante 10 anos, sonhou com Melissa. — Faz dois dias que li uma notícia no jornal de que a Senhora Melissa Leite de Azevedo Monteiro será jurada na escolha da Rainha do Carnaval deste ano. Foi então que percebi que Melissa é a Mel dos seus sonhos.

Pedro não conseguiu esconder mais. — Sinto muito.

— Não sinta. Você sempre foi sincero, nunca me prometeu nada além de sexo. Eu não sei dos detalhes de sua relação com a Melissa, mas correm boatos, nos corredores, de que vocês foram noivos e que seu casamento com Maia chocou a sociedade de Santa Bárbara. E também, não importa saber mais. Apenas espero que você saiba o que está fazendo. Enfim, estou aqui para ajudá-lo e darei o melhor de mim para garantir que Joaquim fique com você.

— Muito obrigado. Pelos mesmos motivos, espero que entenda o fim da nossa relação. — A advogada assentiu. — Você é uma mulher atraente. Eu tentei amá-la, mas meu coração não foi capaz. Ele sempre pertenceu à Melissa.

— Eu entendo... torço para que você refaça sua vida ao lado da mulher que ama. Você é um bom homem, Pedro. Preciso ir. — A advogada levantou-se e alisou sua saia. — Só mais uma coisa. Tenha cuidado com Humberto. Há rumores de que é o predileto do Doutor Rodolfo para ocupar a cama da filha viúva. E você sabe o quanto Humberto almeja uma melhor posição no escritório.

Pedro assentiu. Humberto não iria perder a oportunidade de aproximar-se de Melissa e do escritório. Mas Pedro conhecia a história e não deixaria ela se repetir, não agora que estava determinado a ficar com Melissa, custasse o que custasse.

O advogado pegou o celular e ligou para a esposa. Ela atendeu, com voz sonolenta.

— Maia, são 3 horas da tarde e você dorme ainda.

— Estou com dor de cabeça... então, poupe-me de seus comentários.

— Poderia saber quando resolverá trabalhar? — A paciência de Pedro estava no limite.

— Quer saber a verdade? Nunca! Você, papai e Maitê trabalham muito bem sem mim. — Pedro resolveu não responder à provocação. — O que quer, querido esposo?

— Hoje é a reunião com a professora do Joaquim. Quero saber se posso buscá-la. — Pedro também precisava avisá-la de que havia dado entrada no processo de divórcio. Porém, achou melhor deixar Rafaela reunir-se com o juiz antes. Com certeza, Maia iria correr para o colo do pai e Pedro não se sentia preparado o suficiente para encarar o sogro.

— Não sei... minha cabeça está explodindo.

A voz de Maia estava enrolada.

— Maia, você misturou álcool com remédios novamente. — Depois do nascimento de Joaquim, Maia começou a tomar remédios para dormir. Logo passou para as drogas ansiolíticas e viciou-se nelas. Era comum Maia comprar receitas médicas a preços exorbitantes para poder manter seu vício. E, se não bastasse isso, ainda misturava com bebidas alcoólicas.

— Leve a Maitê no meu lugar... ela ficará feliz em preencher minha vaga.

— Maia riu. — Tenho pena de minha irmã coitada! Vive de sobras, sobras de filho, sobras de marido, sobras de amor.

— Não vou voltar nisso, Maia. Maitê e eu somos apenas bons amigos.

— Claro... sempre me esqueço de que o senhor meu marido é apaixonado pela minha outra irmã. Fiquei sabendo que Melissa, a bela da família, esteve na mansão. Como tem passado a viuvinha de seu melhor amigo, marido?

Pedro não se deu ao trabalho de responder e desligou a chamada. Sabia que Maia não iria parar. Iria sozinho para a reunião. Não seria a primeira, nem a última vez, pensou. Além disso, tinha coisas mais importantes para se ocupar no momento.

Ligou o monitor de seu computador e abriu o navegador da internet. Acessou a página eletrônica do jornal da cidade à procura da notícia que Rafaela havia comentado. Encontrou em uma coluna social a menção de que a mais bela das Rainhas do Carnaval de Santa Bárbara havia retornado. O artigo destacava ainda que a viúva de Ricardo Monteiro faria parte do corpo de jurados que escolheria a nova rainha. Pegou o telefone, sem desviar a atenção da tela do computador.

— Dona Clarice, preciso de um convite para o baile do Clube Municipal.

— Colocou o telefone no gancho e voltou a atenção para a sua ex-namorada. A notícia também dava ênfase a uma fotografia antiga de Melissa. Pedro lembrava-se daquele Carnaval, foi o primeiro em que a acompanhou como namorado. Recordava do orgulho que sentiu quando anunciaram sua vitória e a paixão quando ela correu para seus braços. Ela estava linda e feliz naquele

dia. Os cabelos estavam presos em um coque e enfeitados com plumas azul-escuras. O maiô também era escuro e adornado com lantejoulas azuis. Sua Melissa amava pular Carnaval. Não perdia um baile e sua alegria era contagiante.

Pedro sorriu com a lembrança.



No sábado, Pedro acordou eufórico. Sua decisão em reconquistar Melissa e divorciar-se de Maia trouxera-lhe paz. Aproveitou a manhã para brincar com o filho. Maitê os acompanhou num passeio até o parque da cidade. Andaram de bicicleta e fizeram um piquenique.

O relógio de pulso marcava 8 horas da noite quando foi até o closet e separou seu melhor smoking. Naquela noite, daria início aos seus planos. Maitê havia aceitado o convite para acompanhá-lo. Preferiu não comentar a respeito de Melissa com a cunhada, por suspeitar que ela não entendesse os motivos de sua decisão.

Desceu as escadas e encontrou Maitê.

— Está muito bonita. — Pedro beijou sua testa.

— Não seja bobo, Pedro. — Maitê corou.

O advogado pegou-a pelas mãos e girou-a.

— Você ficou incrível nesta fantasia.

Maitê animou-se.

— É de melindrosa! Queria me sentir menos Maitê e ser um pouco mais provocativa. — Os dois riram.

— E seu pai?

— Papai saiu antes. Ficou de buscar Melissa.



Meia hora depois, Pedro e Maitê entravam no salão de baile do suntuoso Clube Municipal de Santa Bárbara. As mulheres exibiam fantasias luxuosas. O baile de escolha da Rainha do Carnaval era um evento de gala e reunia nomes da alta sociedade de Santa Bárbara. Houve um tempo em que Pedro sentia-se deslocado naquele tipo de ambiente. Porém, agora era diferente, era um renomado advogado, um dos melhores da região, modéstia à parte. Foram cumprimentados por vários casais, além de industriários e políticos. Santa Bárbara era uma cidade do interior, mas com um polo industrial muito forte.

— Vamos, Pedro. Papai falou que nossa mesa fica próxima ao palco. — Maitê pegou o braço do cunhado. Rafaela acenou e Pedro avistou a mesa.

— Boa noite, senhores! — Rafaela cumprimentou animada. Era sua primeira vez no famoso Carnaval de Santa Bárbara.

As mulheres se cumprimentaram.

— Humberto, que surpresa! — Maitê falou e chamou a atenção de Pedro para Humberto. Pedro não gostou da presença do jovem advogado na mesa da família. — Papai ainda não chegou? — Maitê perguntou.

— Chegamos faz pouco. — Rafaela respondeu.

A conversa entre as duas mulheres continuou, mas Pedro não conseguiu prestar atenção em nenhuma palavra. Seus olhos voltaram-se imediatamente para o lado, assim que o perfume de jasmim de Melissa foi capturado pelo seu olfato. Ela estava magnífica dentro de um vestido justo adornado com lantejoulas e pedrarias vermelhas. O vestido era curto e uma pequena fenda revelava mais do que devia, na opinião de Pedro. Seu olhar desceu para as pernas da mulher, que calçava uma sandália, também vermelha. Aliás, todo o conjunto de sua fantasia era vermelho, assim como o adereço em plumas, delicadamente preso em um dos lados do cabelo. A multidão abria caminho para vê-la passar acompanhada do pai orgulhoso. Pedro perdeu-se no perfume inebriante e na presença marcante de Melissa. Desejava perder-se em seu corpo também. Aquele desejo o consumia desde o dia em que a reencontrou na sala do sogro. Queria tomá-la, jogá-la no ombro e tirá-la dali, daqueles olhares de desejo e admiração que todos os homens lançavam sobre sua mulher.

Humberto levantou para puxar a cadeira de Melissa. Mas Pedro fora mais

esperto ao adiantar-se e oferecer-lhe assento. Melissa agradeceu a gentileza com um lindo sorriso, que fez o coração de Pedro parar. Se seus planos dessem certo, em pouco tempo, Melissa deixaria de ser sua cunhada para tornar-se sua esposa, como devia ter sido desde o começo.

Pedro puxou a cadeira do lado oposto de Melissa, na intenção de sentar-se, o que fez com que Humberto se deslocasse para a cadeira do lado. Não queria ver sua Melissa ao lado do colega. Era demais para seu orgulho. Porém, Humberto era esperto e deu a volta ao redor da grande mesa redonda, acabando por ocupar o lugar vazio do outro lado de Melissa. Aquilo enfureceu Pedro.

Durante meia hora, Melissa conversou com Humberto, sem sequer olhar para Pedro. Aquilo também irritou o advogado, mas era compreensível. Sabia que seria necessário mais do que vontade para explicar-se. Precisaria de muita paciência para chegar novamente até o coração de Melissa, um coração ferido pelas escolhas erradas que havia feito, machucado pela ambição de um jovem e pobre homem.

Melissa foi chamada para fazer parte da mesa de júri. Ela levantou e acenou para o público, que a aplaudiu de pé. A filha do meio de Rodolfo havia sido uma das mais belas e queridas rainhas da história do Carnaval de Santa Bárbara. Era impressionante o quanto as pessoas ainda a admiravam, mesmo tendo passado 10 anos longe.

Humberto levantou apressado para puxar a cadeira de Melissa. Novamente, o perfume da jovem viúva chegou até as narinas de Pedro, fazendo a luxúria crescer em seu interior. Seus instintos imploravam pelo toque de Melissa. Estava desesperado para senti-la entre seus braços, sentir a doçura de sua boca.

A nova rainha foi escolhida e Melissa foi chamada para entregar um ramallete de flores. O presidente do Clube discursou e declarou aberto o 100º Carnaval de Santa Bárbara. Uma bateria de escola de samba, vinda especialmente do Rio de Janeiro, abriu o baile. Um dos organizadores tirou Melissa para dançar. Ela começou a sambar, juntamente com as demais passistas. Em poucos minutos, inúmeros fotógrafos e jornalistas se aglomeraram em frente à viúva de Ricardo Monteiro, queriam registrar o retorno da bela dama à sociedade de Santa Bárbara.

Assim que Melissa conseguiu despistar os jornalistas, outra fila se formou. Dessa vez de admiradores que queriam convidá-la para dançar.

Pedro irritava-se com cada olhar de desejo lançado ao seu corpo. Continuava linda, pensou. Porém, algo a deixava ainda mais desejável e sensual, talvez fossem os anos que a tornaram mais bela.

— Ela é linda! — Rafaela aproximou-se e sentou-se ao lado de Pedro. — Agora entendo o seu encantamento pela filha do meio do poderoso Leite de Azevedo. — Pedro riu. — Até eu estou pensando em dar em cima dela. Faz tempo que não saio com uma mulher e adoraria levá-la para cama. — Rafaela era bissexual e não deixou de perceber a formosura de Melissa.

— Nem pense, Rafaela! Já chega a concorrência do sexo masculino, ainda terei que lidar com a do sexo feminino? — Os dois riram.

— Tudo bem. Prometo que, em respeito aos nossos velhos tempos, mantereí distância de Melissa. Agora, não podemos dizer o mesmo de Humberto. — A advogada apontou para a pista de dança. Melissa sambava feliz e muito sorridente ao lado de Humberto.

Pedro esticou-se na cadeira e apertou o copo em sua mão. O ciúme invadiu cada pedacinho de seu corpo ao ver as mãos de Humberto chegarem até a fina cintura de Melissa. Pedro sentiu o desespero tomar conta de sua alma. Aquilo não podia estar acontecendo. Um nó no estômago se formou. Ele queria ir até os dois e separá-los. Melissa era sua e somente sua.

— Calma, Pedro. — Rafaela percebeu a aflição no rosto de Pedro. — Vou quebrar teu galho. Irei até lá e despistarei Humberto. Mas, por favor, acalme-se e aproveite a oportunidade antes que outro ou outra resolva colocar as garras em sua amada. — A advogada levantou, piscou para o amigo e saiu em direção ao casal na pista de dança.

De sua cadeira, Pedro observou Rafaela falar algo no ouvido de Melissa, que se retirou, deixando para trás Humberto com cara de poucos amigos e Rafaela, sorridente. Era sua oportunidade, Pedro pensou.



Melissa aproveitou a chegada de Rafaela, uma das advogadas do escritório de seu pai, para respirar ar puro. Humberto a sufocava e já não estava mais acostumada a sambar tanto, a ponto de seus pés começarem a incomodá-la. Desceu a escadaria que dava acesso ao hall de entrada do Clube, passou por uma grande porta, chegando à área verde contígua ao majestoso edifício, onde encontrou um banco para sentar. Ficou aliviada por estar em silêncio. Como o banco ficava em um dos cantos do pequeno jardim, aproveitou e desafivelou as sandálias a fim de livrar seus pés do aperto dolorido. Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, esperando sentir um pouco de paz.

— Não devia vir para cá sozinha. Santa Bárbara não é mais uma pacata cidadezinha do interior, Melissa. — Uma voz grave chegou até os seus ouvidos, assustando-a e fazendo-a soltar um pequeno grito. Abriu os olhos e viu Pedro, com o casaco jogado atrás de um dos ombros e com a gravata desfeita. — Há coisas que nunca mudam, não é? — O advogado sorriu.

— Não sei a que se refere. — A viúva retrucou.

Pedro sentou ao seu lado, sem se importar com um pedido de licença.

— Falo que você continua a mesma. — Pedro apontou para os seus pés. — Sempre acabava com os sapatos nas mãos, isso quando não se acabava de dançar descalça.

Melissa corou e endireitou-se no banco. — O que faz aqui?

— Vim ao seu encontro. Precisamos conversar e pelo que vejo, andou muito ocupada nas últimas 2 horas.

Melissa sentiu uma raiva súbita de Pedro. Como ele podia atrever-se a falar com ela naquele tom? Ao olhar para o advogado, foi surpreendida por um beijo exigente. Pedro envolveu-a entre seus braços, acariciando-a nas costas. Melissa não conseguiu reagir a fim de pará-lo, incentivando-o a puxá-la para seu colo. Melissa cedeu à vontade de abraçá-lo.

— Precisamos conversar — disse-lhe o advogado sorridente.

— Não devemos conversar. — A viúva tentou recuperar o juízo. Sua razão mandava que se afastasse antes que fosse tarde. Mas o corpo não obedecia, queria permanecer ali, nos braços do homem que um dia, amou mais que tudo.

— Devemos sim, meu amor. Porém, agora, quero apenas senti-la. — Pedro a beijou e Melissa foi incapaz de resistir. Queria beijá-lo também. Não devia ter bebido, pensou. — Eu senti sua falta, meu amor. — Pedro beijou seu pescoço e o corpo de Melissa respondeu. Ela queria mais. Arfou de desejo e Pedro foi incapaz de resistir à tentação. Ela era seu vício. Já havia ficado longe demais do corpo de Melissa.

— Pedro, por favor. — Melissa resmungou entre um gemido de prazer. — Não devemos fazer isso. — Ele chupou o pescoço da mulher, acariciando uma das suas coxas. — Já nos machucamos tanto... por favor, você tem que parar. — Ela implorou.

— Não sou capaz de parar, querida. Preciso de você como o ar que respiro. — Um novo beijo foi trocado. — Peça-me o que quiser, menos que pare... — Ela cravou as unhas em suas costas e gemeu. Com aquele pequeno gesto, Pedro teve a certeza de que Melissa ainda o desejava.

Entre carícias e gemidos, tomados de intensa paixão, perderam a noção do tempo. Uma risada de um jovem casal, tirou Melissa do torpor que se encontrava. Ela saltou para fora do colo de Pedro.

— Não podemos fazer isso. — Lágrimas começaram a escorrer pelo seu belo rosto. — Você é casado com a minha irmã.

Pedro levantou, tentando impedi-la que se afastasse. Ela o queria, havia sentido isso e não podia deixá-la ir novamente.

— Melissa espere. — Ela parou, recusando-se a olhar para ele. — Pedi o divórcio... meu pedido está com o juiz e... é uma questão de tempo, querida.

— Agora é tarde. Nossa chance passou, Pedro. — Melissa pegou as

sandálias e a bolsa do chão e saiu correndo.

Passou pelo hall e desceu a escadaria do Clube. Parou o primeiro táxi que enxergou e foi para casa. Sentia-se emocionalmente exausta. Não podia permitir que Pedro retornasse para sua vida. Já havia sofrido como uma condenada e não queria ter que passar por tudo de novo. Abriu a porta do apartamento e deu de cara com Má.

— O que aconteceu, minha filha? — Melissa começou a soluçar diante da única figura materna que conheceu. Precisava de colo.

— Ai Má... eu sabia que não iria conseguir resistir a ele. — A viúva desabou no colo de Má.

— Chore, meu bem. Coloque para fora toda a sua dor. Você tem sido forte demais, passou por muita coisa, querida. — Má falou, acolhendo-a em um abraço reconfortante. Melissa permitiu-se colocar para fora toda a dor que estava enterrada dentro de seu peito.

Depois de meia hora e de uma boa xícara de chá, Má perguntou o que havia acontecido e Melissa contou-lhe.

— Foi Pedro, Má. Fui tomar um pouco de ar no jardim que fica ao lado do Clube e ele me seguiu. Beijou-me, Má... eu simplesmente fui incapaz de afastá-lo e sinto-me horrível por isso.

— Não se sinta horrível, querida. Você e Pedro tiveram uma história juntos. Vocês se amaram e da forma como tudo aconteceu, ficaram muitas coisas não resolvidas entre vocês.

— Ele quer conversar comigo, Má. Também falou que pediu o divórcio.

— Melissa, é bem provável que seu retorno tenha sido o motivo que faltava para Pedro avançar com o divórcio. Ele e Maia não vivem mais como marido e mulher há anos. — Melissa arregalou os olhos surpresa e Má continuou. — Querida, Maia e Pedro dormem em quartos separados e mal se falam.

— Mas...

Má interrompeu-a, beijando-a nas mãos como uma verdadeira mãe.

— Escute-me, por favor. Se Pedro permaneceu casado com Maia até hoje, foi tão-somente pelo filho. Ele é um bom pai, muito atencioso e preocupado, diferente de sua irmã. Dê uma chance a ele para que possa explicar-se, ao menos.

— Não sei se devo, Má. Desde que nos reencontramos, Pedro não faz outra coisa a não ser me acusar.

— Isso nada mais é do que anos de ressentimento guardado minha querida menina. Pedro não só perdeu a mulher que amava, mas o melhor amigo. Coloque-se no lugar dele.

— Má, ele não podia ter feito o que fez. Em nenhum momento Pedro pensou em mim ou no nosso amor. Não quero me machucar de novo. — Melissa começou a chorar de novo e Má amparou-a.



Nas duas semanas seguintes ao baile Melissa evitou ir até a mansão dos Leite de Azevedo. Tereza fez visitas regulares, mas sempre desacompanhada da mãe. Maitê, aos poucos, ia deixando de lado a implicância com o retorno da irmã e passou a afeiçoar-se à sobrinha. O pedido da guarda de Joaquim estava praticamente ganho, segundo Rafaela. A cada dia que passava ficava mais difícil manter segredo de Rodolfo, Pedro precisava anunciar logo sua decisão à família.

Era quinta-feira e fazia um dia quente e abafado. Joaquim estava animado com a presença da prima. Tereza era uma menina alegre e espontânea. Seu sotaque italiano lhe deixava ainda mais carismática. Pedro acostumou-se com sua presença. Porém, a sensação de que lhe lembrava alguém não havia desaparecido.

Naquele dia, o advogado preferiu ficar em casa por Joaquim andar tristonho pelo sumiço da mãe. Era época de Carnaval e Maia, provavelmente, estaria aproveitando a folia e gastando o dinheiro da família.

Um grito de criança chamou a atenção de Pedro.

— Pai... pai... Tetê caiu da casa da árvore e está chorando. Venha logo, por favor.

Pedro levantou da espreguiçadeira e correu atrás do filho. Encontrou Tereza segurando a perna e chorando. O homem agachou-se e examinou-a com cuidado.

— O que aconteceu? — perguntou à menina.

— Eu tentei pular daquele galho até a casa da árvore e cai, tio. — Tereza secou as lágrimas. — Dói muito. — Pedro não era médico, mas era perceptível que a menina havia quebrado algum osso da perna.

— O que vamos fazer, papai? — Aflito, Joaquim questionou.

— Vai para dentro de casa e peça à Má para que chame a emergência. — Joaquim correu. — Agora, mocinha, vai ter que prometer que será forte para aguentar tudo. Eu acredito que você teve sorte ao cair de uma altura tão alta e só quebrar uma perna, sabe. — Pedro sentou e puxou sua cabeça para seu colo. — Prometa que vai tentar não se mover.

— Eu quero *mia mama!* — A menina chorava, fazendo uma salada de idiomas.

— Fique tranquila, assim que a ajuda chegar, vamos procurar por sua mãe, princesa. — O advogado acariciou os cabelos da menina.

Tereza foi levada ao pronto socorro mais próximo e uma fratura da tíbia foi confirmada, fazendo necessário engessar a perna. Apesar do incômodo do gesso, não chorou mais, nem pediu pela mãe, para o alívio de Má, que não havia conseguido entrar em contato com Melissa.

— A menina já recebeu atendimento médico e está bem. — Pedro tranquilizou a governanta. — Desconfio que irá se divertir ao exibir sua perna engessada aos colegas. E daqui a pouco você consegue falar com Melissa.

— Ela vai me matar, Pedro.

— Não se preocupe, Má. Melissa não a culpará pelo acidente. Essas crianças aprontam muito. — Pedro ouviu um trovão. — Acho que irá cair um aguaceiro. Estarei na biblioteca, caso precise de mim. — Pedro despediu-se de Má e tomou o rumo da biblioteca. Pretendia trabalhar num caso importante nas próximas horas.



Era noite e chovia muito quando o advogado escutou uma batida na porta. Mandou entrar. Para sua surpresa, Melissa cruzou a porta.

— Com licença.

Pedro levantou deslumbrado quando a viu.

— Fique à vontade, Melissa. Esta biblioteca é mais sua do que minha afinal de contas. — A lembrança de Melissa jogada no chaise veio em sua

mente. Ela passava horas perdida entre romances e poesias. — Você está molhada — disse-lhe preocupado.

— Molhei-me um pouco. Só consegui chegar agora. O trânsito está um caos por culpa da tempestade. — Colocou o cabelo atrás da orelha em sinal de nervosismo. — Queria agradecer-lo pelo que fez pela minha filha.

— Não há o que agradecer. Com certeza você faria o mesmo pelo meu filho. — Pedro avançou, mas Melissa recuou. — Não está pensando em levá-la para casa?

— Não é seguro. Conversei com papai a respeito e ele também acha que é melhor Tereza manter repouso na mansão.

— E você?

— Ficarei também. Não seria nada cauteloso retornar para a cidade agora. A pista está escorregadia pelo barro. Além disso, não conseguiria partir sem Tereza. Obrigada, de novo... preciso ir... — Melissa vacilou, dando-lhe a impressão de que queria falar algo mais. — Estou com fome, molhada e cansada. — Virou-se e caminhou até a porta.

— Melissa? — Ela o olhou. — Tereza ficará bem. — Apenas assentiu e saiu.

Pedro tentou voltar ao trabalho, mas foi incapaz de concentrar-se o suficiente. A imagem de Melissa abatida e cansada não saía de sua cabeça. Seria tão bom poder confortá-la e acalmá-la, pensou. Ela devia ser uma mãe incrível, diferentemente de Maia. Serviu-se de uma dose de uísque e bebeu em um gole só. Fechou o notebook e foi até o quarto de Joaquim que dormia com um livro aberto sobre a barriga. Pegou o livro e fechou-o. Cobriu o menino e deu um beijo em sua testa. Apagou a luz e, ao cruzar a porta, deparou-se com Melissa saindo de seu antigo quarto, pecaminosamente vestida com uma de suas camisolas antigas. Pedro conhecia cada uma das camisolas de Melissa. Os cabelos loiros estavam molhados pelo banho que devia ter acabado de tomar. Não pensou duas vezes e chamou-a.

— Melissa! — A mulher virou-se imediatamente e corou ao ver Pedro. — Espere! — Ele falou, apressando-se para aproximar-se mais dela.

— Pedro... — Balbuciou.

Ele avançou mais e agarrou-a pela cintura, puxando-a para junto de seu corpo que ansiava cada vez mais o contato de sua pele macia e cheirosa. Encostou seu nariz na testa dela.

— Por Deus... você me enlouquece.

— Não podemos, Pedro...

— Por favor, só por hoje, Melissa... — A respiração de Pedro tornou-se pesada. — Só por hoje... deixe-me amá-la. — Ele implorou e seria capaz de humilhar-se se fosse necessário. Melissa não se mexeu. — Quero-a tanto meu amor, que chega a doer. — Pedro a ergueu no colo e carregou-a até seu quarto. Rezou para que ela não interrompesse aquele momento. Cruzou a porta e deitou-a em sua cama.

— Não é certo. Há tanto entre a gente que... — Pedro interrompeu-a com um beijo.

— Hoje não, Melissa. Imploro que esqueça tudo, ao menos por esta noite. Prometo que conversaremos, mas não agora, não nesta noite. Apenas quero amá-la, tocá-la, senti-la, meu amor. Nos dê esta noite.

Pedro começou a traçar beijos pelo pescoço de Melissa. As mãos avançaram para baixo até encontrar a barra da camisola e num movimento rápido a peça foi tirada.

— Você continua linda, Melissa! — Ele sussurrou no ouvido dela e os dois perderam-se num reencontro de corpos e almas. Melissa deixou-se levar, não aguentava mais, necessitava senti-lo dentro dela. Enquanto a língua de Pedro avançava para dentro da boca de Melissa, seus corpos se conectaram em uma união profunda, perfeita e intensa. O tempo simplesmente havia parado, o amor transbordava pelos poros dos dois. Apenas existia o homem e a mulher numa sincronia divina. A tensão dissipou-se por completo, dando lugar ao amor mais puro e genuíno que poderia existir na face da terra.



10 anos antes...

Melissa entrou apressada na biblioteca da mansão. Seu pai a aguardava para o que ele chamava de uma conversa séria.

— O que você precisa conversar papai? — A jovem perguntou assim que o avistou sentado na poltrona.

— Sente-se Melissa. — Ela obedeceu. Estava muito nervosa e segurava a barra de seu vestido com força. Além disso, precisava encontrar com Pedro logo. — Preciso falar do seu noivo e de sua irmã Maia.

— De Pedro e de Maia? — Melissa sentiu uma dor no peito.

— Sim, de Pedro e de Maia. Não vou fazer rodeios, minha filha. Pedro não se casará mais com você.

Melissa ficou branca, já temendo o pior.

— Como não vai se casar mais comigo papai? Falta apenas um mês para o nosso casamento. Os convites, os presentes, a recepção... pai, não há motivo algum para não me casar. Eu e Pedro... da última vez que nos falamos estava tudo bem.

— Melissa. — O tom de voz de Rodolfo elevou-se. — Escute-me, minha filha. Pedro não irá mais se casar com você, mas sim com Maia.

A jovem levantou.

— Com Maia? Isso é uma brincadeira, não é? Porque se for uma brincadeira, é de péssimo gosto. — Rodolfo negou com a cabeça e o coração

de Melissa saiu pela boca. As lágrimas começaram a cair pelo seu rosto. — Mas... pai, Pedro me ama. Ele não pode ter deixado de me amar. — Melissa sentou novamente, dessa vez aos prantos.

— Melissa, sei que a notícia é um choque para você, mas Pedro engravidou sua irmã e...

— Engravidou Maia? Pedro engravidou Maia?

— Sim. Não há alternativa a não ser ela se casar com seu noivo, que a partir de agora já é ex-noivo.

— Não. — Melissa gritou, querendo que o chão se abrisse naquele momento e a engolissem. Queria desaparecer. A frieza de seu pai deixava-a ainda mais transtornada. Rodolfo nunca havia sido um pai amoroso, mas aquilo passava do tolerável para ela.

— Melissa, por favor. Você precisa manter-se controlada. Você é jovem, bonita e inteligente. Com certeza esquecerá Pedro e encontrará um homem à sua altura.

— Não, pai. O senhor não sabe o que diz, eu amo o Pedro mais do que a minha vida e ele não pode me deixar agora. Você não entende.

Melissa saiu da biblioteca, correu para a garagem e entrou em seu carro. Precisava encontrar Pedro, o mais rápido possível. Precisava que ele lhe dissesse que tudo não passava de um mal entendido. Secou as lágrimas que insistiam em cair e deu partida no carro.



Em 20 minutos, estacionou o carro em frente ao escritório do pai. Pedro trabalhava lá e havia se revelado uma promessa nos últimos 2 anos. Preferiu as escadas, não queria perder mais tempo à espera do elevador. Cruzou a recepção e entrou na sala do noivo.

— Pedro! — Melissa jogou-se no pescoço do noivo. — Por favor, diga-me que não é verdade. Diga que você me ama e que vai casar comigo dentro de 30 dias, por favor!

Pedro abraçou-a, na tentativa de confortá-la.

— Acalme-se, meu amor. — Melissa soluçava desesperadamente. Pedro nunca a tinha visto naquele estado. Conduziu-a até uma cadeira e ajudou-a a sentar-se. — Meu bem... fique tranquila.

— Pedro, não conseguirei me acalmar até que você me explique tudo. —

Os soluços pareciam aumentar cada vez mais. — Papai... papai... — Melissa não conseguia parar de chorar.

— Seu pai o quê? — Na verdade, Pedro pressentia o que Rodolfo tinha feito. Era um bode velho sem vergonha. Praticamente tinha implorado para que não comentasse nada para Melissa, até que ele mesmo tivesse contado. Não iria abrir mão facilmente de Melissa, apenas era uma questão de tempo e de jeito para abordar o assunto com ela.

— Papai me falou que você irá se casar com Maia. Eu não entendo, Pedro. Eu ainda tenho esperanças de que foi tudo um mal-entendido. — Pedro levantou e deu as costas para a jovem. Não tinha coragem em encará-la. — Por Deus... então é verdade. Você e Maia irão se casar porque ela está grávida de você. Pedro, o que você foi fazer com a gente?

— Melissa, deixe-me explicar. — Pedro apertou os punhos.

— Então explique-se. — Ela secou as lágrimas.

— Eu não sei como isso foi acontecer. Só sei que estive numa festa, naquela festa do escritório em que você não pôde me acompanhar. Eu bebi além da conta e acordei com sua irmã em uma cama de motel. — Melissa permaneceu em silêncio, sequer soluçava. — Meu amor, você precisa falar alguma coisa.

— Não sei o que falar, Pedro. — Ela quebrou o silêncio. — Por que não me contou antes?

— Eu pensei em contar, querida. Mas, o medo em perdê-la falou mais alto. — Pedro aproximou-se de Melissa, mas ela recusou a aproximação com a mão.

— E o que você vai fazer comigo agora?

Aquelas palavras entraram como um punhal no coração de Pedro. Era chegada a hora de falar a verdade.

— Preciso me casar com sua irmã, Melissa. Seu pai quer assim. — A jovem endireitou-se na cadeira e segurou com força a barra do vestido. — Ele me demitirá e prometeu acabar com minha carreira, caso não me case com Maia. — Melissa continuava calada, estava mais pálida, Pedro percebeu. — Por Deus, Melissa! Não posso... minha família, a educação do meu irmão... eles dependem de mim, você precisa entender. Fale alguma coisa.

Melissa levantou e virou-se para a janela. Respirou profundamente na tentativa de impedir as lágrimas.

— E quanto a nós? — Foi apenas o que conseguiu perguntar.

— Não precisamos nos separar Melissa. Dê-me um tempo, apenas um tempo para poder acertar tudo.

Era notável o nervosismo de Melissa. Ela abraçou a sua cintura com os braços. — O que pretende fazer de mim, Pedro? — Melissa virou-se para encarar Pedro.

— Não quero perdê-la. Não suportaria ficar longe de você, muito menos dividir a mesma casa sem poder tocá-la. — Pedro tentou aproximar-se da jovem, mas foi impedido por ela.

— Você quer que eu me torne sua amante? Você quer que eu more na mesma casa que você e viva das sobras do seu tempo? Sim, é a resposta. — Melissa explodiu toda a raiva acumulada. — Você e meu pai já decidiram tudo, não é? Até morar na minha casa, você vai. Comigo não podia, não é? — Melissa avançou para cima de Pedro e deu uma bofetada no rosto dele. — Quando papai sugeriu para que morássemos na mansão depois de casados, você foi orgulhoso o suficiente para recusar.

— Não é a mesma coisa, Melissa.

— Como não? Eu briguei com o meu pai, eu enfrentei o meu pai por você. Eu me dispus a ir contra o poderoso Rodolfo Leite de Azevedo, quando decidi ir morar na casa dos seus pais, mesmo sem precisar. Você foi orgulhoso suficientemente para não aceitar, que a herança que mamãe me deixou comprasse nossa casa. E agora Pedro... agora, o seu egoísmo e a sua ambição aceitaram a proposta do meu pai. Vou perguntar pela última vez: você quer prosseguir com isso tudo?

— Eu preciso prosseguir.

— Não precisa. Você não precisa prosseguir. Simplesmente, você quer prosseguir com isso. E eu... bem, eu não serei sua amante ou sei lá o que você quer que eu seja.

— Melissa... — Pedro tentou aproximar-se.

— Não me toque mais. Nunca mais você tocará um dedo em mim. — Melissa começou a chorar. — Espero que você seja feliz com a sua escolha, Pedro. — Ela saiu, batendo a porta e correu em direção às escadas. Depois de descer quatro andares inteiros, sentou em um dos degraus, sentindo-se exausta com tudo, decepcionada com Pedro, o amor de sua vida, e muito machucada. Seu coração havia sido despedaçado. Estava amedrontada com o que iria acontecer dali para frente. Sua única certeza era de que não iria ser a outra para Pedro, mesmo encontrando-se na situação em que se encontrava,

não seria capaz de viver como amante, quando desejava e merecia mais.



Melissa espreguiçava-se na cama e Pedro apenas admirava seu belo rosto. Na noite anterior, entregaram-se à paixão e fizeram amor durante horas. Depois de saciar-se de Melissa, se é que um dia conseguiria saciar-se dela, Pedro não conseguiu pregar o olho. Queria aproveitar cada segundo na companhia da linda mulher deitada em sua cama. Beliscou-se algumas vezes para ter certeza de que não se tratava de um sonho.

Melissa mexeu-se entre os lençóis, abrindo os olhos e sorrindo pela lembrança da noite que passou nos braços do seu amor.

— Bom dia! — falou-lhe Pedro. Não resistindo à beleza da loira, o advogado colocou-se sobre o seu corpo, capturando sua boca, beijando-a e perdendo-se no sabor e na maciez que lhe era oferecido.

— Pedro, que horas são? — Melissa interrompeu o beijo.

— Acho que são em torno de 8 horas da manhã. — Melissa tentou sair da cama, mas Pedro a puxou de volta. — Nem pense em sair desta cama, meu bem. — Beijou-a novamente.

— Não posso ficar aqui. Estou muito envergonhada... — Roubou-lhe mais um beijo, dessa vez em seu pescoço. — E preciso ver Tereza.

— Ela está bem. Má deve estar com ela. Não vou deixá-la ir sem antes me dar o que meu corpo tanto quer.

— É errado! Não podemos fazer isso... ainda mais aqui... não poderíamos ter feito. Sinto-me mal pelo que aconteceu.

Melissa virou o rosto para a direção oposta a de Pedro, que a puxou de volta. Queria vê-la, olhos nos olhos.

— Melissa, eu amo você. E se tem alguém que fez algo errado, fui eu. Fui um completo idiota em ter escolhido a facilidade que seu pai me prometeu. Eu fui um idiota...

Lágrimas molharam os olhos de Melissa.

— Tenho medo, Pedro. Não quero me machucar de novo.

— Prometo meu amor, que nunca mais serei idiota para machucá-la novamente. Eu a amo muito e sofri como um diabo pelos anos que nos mantemos separados. Meu divórcio com Maia é questão de tempo. Comprarei uma casa e quero viver com você, Joaquim e Tereza. Precisamos conversar, meu amor. Porém, deixe-me amá-la mais uma vez, por favor.

Melissa não falou mais, apenas entregou-se ao momento. Precisava entregar-se, era mais forte do que ela. Todo o sentimento por Pedro, anos de tentativas frustradas e de enterrar o que sentia pelo homem que amava vieram à tona. Ela amava Pedro, amava-o tanto, que possivelmente não resistiria se ele a abandonasse mais uma vez.

Algum tempo depois, Melissa vestia-se enquanto Pedro permanecia deitado.

— São 9 e meia da manhã... não sei como sairei daqui sem ser notada. Má e Tereza devem estar à minha procura.

— Não se preocupe. Ajudarei você. — Pedro levantou e agarrou Melissa pela cintura, depositando um beijo na sua testa. — Espere, vou espiar e ver se há alguém no corredor. — Melissa assentiu. Colocou a cabeça para fora do quarto e, ao olhar para os dois lados, o advogado não enxergou ninguém. — Pode ir, meu amor. Mas antes quero mais um beijo. — O advogado puxou a viúva para seus braços e deu-lhe um beijo repleto de carinho e promessas de amor eterno.

Tomados de um frenesi avassalador, mal conseguiram escutar as palmas e gargalhadas roucas de Maia. Pedro tentou proteger Melissa com seu corpo, acreditando que Maia os deixaria em paz.

— Não adianta escondê-la, querido marido. — Melissa agarrou forte na mão de Pedro. — É assim que você passa suas noites? Na companhia da viuvinha alegre! — Maia ria descontroladamente. Estava bêbada e, provavelmente, drogada. — Prazer revê-la, Melissa. A doce e meiga Melissa. Papai e Má não falam de outra coisa a não ser em Melissa e Tereza. Melissa

de cá, Tereza de lá. O que me provoca náuseas.

— Cale-se Maia. — Pedro continuava a abrigar Melissa contra o calor de seu corpo.

— Cale-se você, Pedro Rodrigues. Aguentei um pouco de tudo de você. Mas ela... — Maia apontou para a irmã. — Ela na sua cama, não vou tolerar. Papai saberá de tudo agora. — A mulher agarrou-se na parede na tentativa de não cair e Melissa procurou ajudá-la. — Tire suas mãos de mim, sua vagabunda.

— O que ela tem? — Melissa perguntou, largando a irmã à própria sorte.

— Deixe-a. Maia costuma ingerir ansiolíticos com álcool.

Enquanto Melissa e Pedro conversavam, Maia arrastou-se até as escadas, gritando e chamando pelo pai. O advogado correu atrás, sendo seguido por Melissa.

— Maia — gritou, mas era tarde. Ela havia chamado a atenção de toda a família e dos empregados.

— O que acontece aqui, Maia? — Rodolfo olhou para Melissa parada ao lado do genro. Ele vestido com uma calça de malha e ela de camisola. — Melissa? Isso são modos de sair de seu quarto? Você é uma viúva...

— Você não sabe da missa a metade, papai. — Maia enrolou a língua. — Melissa, a sua preferida, estava aos beijos na porta do quarto do meu marido.

Melissa afastou-se de Pedro, sentindo-se cada vez mais culpada.

— Cale-se, Maia. Se Melissa estava na porta do quarto de Pedro, você tem parcela de culpa nisso, não acha? Onde a senhora estava que não junto dele? — Rodolfo enfureceu-se com a cena.

— Pai... — Melissa tentou falar.

— Você também Melissa, cale-se. Avisei para ficar afastada de Pedro... porém, você nunca me deu ouvidos.

Má tratou de retirar Joaquim e Tereza do meio da confusão que havia acabado de se formar.

Maia cambaleou mais uma vez.

— Admita... admita Pedro, diante de meu pai que você passou a noite com a cunhada. E saiba, que não darei o divórcio para você.

— Do que vocês estão falando? — Rodolfo exigiu saber, muito nervoso.

— O desgraçado do meu marido entrou com um pedido de divórcio. Ontem pela manhã, recebi a notificação do juiz.

Maitê tentou conter a irmã.

— Maia, por Deus. Vamos, vou ajudá-la a ir até seu quarto. Você mal consegue ficar de pé.

— Tire suas mãos de mim. — Maia apontou o dedo para a irmã mais velha. — Sua imbecil. Anos... anos de amor não correspondido, não é? Ricardo nunca amou você, Maitê. Só tinha olhos para Melissa. Todos sempre só tiveram olhos para Melissa. Ninguém nunca me amou. — Maia chorava e gargalhava ao mesmo tempo, revelando o torpor da mistura de álcool com remédios. — Meu pai nunca me amou e sabe por quê? Porque, mamãe suicidou-se logo depois do meu nascimento. — A filha caçula de Rodolfo desprendeuse de Maitê e foi em direção a um aparador, pegou uma garrafa e jogou-a contra a parede. Juntou um dos cacos do chão e apontou para um dos pulsos. — Se alguém ousar se mexer, juro por Deus que me mato. Vou partir, sabe. E vou partir feliz, pois consegui fazer da vida de vocês um inferno. Você, Pedro, foi um imbecil ao acreditar que dormiu comigo e que fiquei grávida. Tudo não passou de uma mentira. Eu apenas precisava deixá-lo bêbado, mas foi duro na queda e precisei de uma ajudinha extra... batizei a sua cerveja. — Maia gargalhava histericamente, sem, no entanto, largar o pedaço de vidro. — Depois comprei um exame falso de gravidez. Pare de chorar, sua idiota. — Virou-se para Melissa e, instintivamente, Pedro protegeu-a com o corpo. — Para o plano ser perfeito, precisei manipular papai, que gostou muito da ideia de livrar-se do filho do taxista. Doutor Rodolfo queria a filha preferida casada com Ricardo e não com um morto de fome como você. — Apontou para Pedro que estava prestes a pular no pescoço da esposa. — Ou vocês acham que foi coincidência do destino Ricardo encontrar minha irmãzinha logo depois de seu rompimento com Pedro? Foi papai que armou tudo.

— Chega, Maia. — Rodolfo gritou.

— Não terminei, querido pai. Você comprou um marido para mim, mas em troca ganhou um genro milionário. E quando você fez isso, acabou por assinar um atestado de burrice. O maior idiota de todos os tempos e quem conseguiu fazer isso fui eu, a filha problemática e rejeitada por matar a mãe.

— Não entendo. — Rodolfo colocou para fora aquilo que todos desejavam saber.

— Falo de Tereza, papai. Seu orgulho. A herdeira dos Monteiro. Ela não tem sangue de Monteiro correndo nas veias. Tereza é filha de Pedro.

Pedro olhou para Melissa.

— Isso é verdade? — A viúva concordou com a cabeça, jogando Pedro para dentro de uma tormenta de sentimentos contraditórios, não sabendo se chorava ou ria. Chorava pelo tempo perdido com sua filha, sua e de Melissa, ou ria pela felicidade de saber que Tereza era sua filha. Confuso e surpreso com que acabava de descobrir, sentou-se na primeira poltrona que encontrou.

Melissa, em um ato impensado, avançou para cima da irmã descontrolada, agarrando os seus dois braços e esbofeteando-a.

— Basta, Maia. Se você quiser se matar, tenha a decência de fazê-lo longe de casa. — Maia deixou o pedaço de vidro cair. — Isso é uma amostra do inferno que você me fez passar. Eu e Maitê erramos com você. Desde pequena, encobríamos suas travessuras de papai, éramos castigadas em seu lugar e acabamos por alimentar um monstro. Você se tornou superficial e fria. E quer saber mais, eu e Maitê éramos tão ou mais desprezadas pelo nosso pai quanto você. — Melissa voltou-se na direção do pai, deixando Maia caída no chão. — Eu vou sair daqui... eu e minha filha vamos sair da sua casa e você nunca mais ouse conversar comigo ou com ela outra vez. Eu o odeio. Você e a infeliz da minha irmã acabaram com a minha vida. Não permitirei que façam isso de novo.



Pedro havia tentado controlar sua ansiedade. Melissa não retornava seus contatos e aquilo estava deixando-o impaciente. Já era suficiente e decidiu que iria procurá-la naquela tarde. Precisavam conversar.

Melissa havia se instalado no antigo apartamento de Ricardo. Pedro sabia onde ficava, pegou o carro e foi para lá. Aproveitou uma distração do porteiro e entrou sorrateiramente no elevador. Não queria correr o risco de, ao ser anunciado, Melissa recusar-se a recebê-lo. Tocou a campainha e aguardou.

— Pedro, o que faz aqui? — Melissa respondeu assustada.

— Vim vê-la! — A viúva soltou a maçaneta e Pedro avançou para dentro, sem deixar chance alguma para a porta ser fechada. Na tentativa de fugir dele, andou para trás, mas foi impedida pelos fortes braços do advogado, que a puxaram para perto do seu corpo. Ele queria beijá-la e quando desejava algo, tomava para si sem hesitar. — Precisamos conversar — falou-lhe assim que terminou de beijá-la. Precisava controlar-se, pois eram necessárias as explicações antes de qualquer coisa.

Melissa convidou-o para se acomodar no sofá. Pedro olhou à sua volta e algumas lembranças surgiram em sua mente, recordações de um tempo onde fazia confissões a Ricardo, seu melhor amigo. Não se sentia confortável naquela casa.

— Está sozinha? — perguntou-lhe ansioso.

— Sim. Tereza está na escola e a empregada está de folga.

— Então, podemos conversar sem nos preocupar em sermos interrompidos. Isso é ótimo. Sente-se, por favor. — Pedro sentiu uma agonia profunda quando Melissa sentou-se ao seu lado. — Por que não me contou sobre Tereza ser minha filha? Preciso entender isso. Você deixou outro homem assumi-la no meu lugar, Melissa.

— Pedro, escute antes de me julgar. — A mulher respirou profundamente.

— Não quero julgá-la, mas não consigo compreender. Você nunca foi ligada ao dinheiro ou ao status social e mesmo assim deixou a minha filha ser criada como uma herdeira dos Monteiro.

— Não era para ter sido dessa forma. Eu descobri que estava grávida no mesmo dia em que papai me contou sobre seu casamento com Maia. Minha menstruação estava atrasada há alguns dias e havia comprado um exame de gravidez. Quando papai me chamou para contar sobre a gravidez de minha irmã, eu estava prestes a ir ao seu encontro para contar-lhe. Apesar do medo que senti, eu estava feliz e queria contar logo para você que seríamos pais.

— Meu Deus, Melissa.

— Eu fui ao seu encontro mesmo com a notícia que papai me deu, com a mesma determinação de contar-lhe, pois eu acreditava que tudo não passava de um engano. O que não esperava era encontrá-lo tão determinado a se casar com a minha irmã e fiquei desesperada. Eu saí correndo de sua sala... corri como uma louca pelas escadas. Estava desesperada, perdida e me sentia traída. Ricardo me encontrou chorando, encolhida no corredor e me levou dali. Ele me levou para a casa de campo dos pais dele. Eu implorei para que não contasse a ninguém sobre meu paradeiro. — O coração do advogado saltava no peito à medida que as confissões lhe eram feitas. — No dia seguinte, eu consegui me acalmar e contei tudo o que havia acontecido ao Ricardo. Ele me propôs casamento, mas não aceitei. Foi então que ele me convidou para acompanhá-lo para a Cidade do México.

Pedro levantou-se e deu um soco no ar.

— Traidor.

— Eu o fiz prometer que não contaria a ninguém, por estar magoada com tudo e principalmente com você.

— Mas você se casou com ele esperando um filho meu. — Pedro estava inconformado.

— Não, eu não me casei com Ricardo esperando um filho seu. — O espanto de Pedro era visível. — Só me casei com Ricardo, quando Tereza

completou 4 meses. Ricardo nunca me tocou antes disso.

— Mas eu vi vocês dois se beijando no aeroporto. — Pedro praticamente gritou.

— O que você deve ter visto foi uma tentativa de Ricardo me consolar. Durante um tempo, nunca passou de beijos inocentes, eu sempre me recusei a mais e Ricardo respeitou minha decisão. Minha gravidez foi difícil. Eu sentia uma dor profunda, não tinha vontade de levantar da cama. Não sentia vontade de fazer nada, a não ser chorar, Pedro. O enxoval de Tereza, absolutamente tudo, foi comprado pelo Ricardo. A situação só piorou depois de seu nascimento. Recusava-me a amamentar ou cuidar dela. Eu a amava, mas era incapaz de me mexer da cama. O médico falou para Ricardo que eu apresentava um quadro grave de depressão pós-parto. Se não fosse Ricardo ao meu lado, cuidando de mim e de Tereza, não sei o que teria acontecido. Ele lutou por nós duas, nunca desistiu de mim ou de minha filha e nunca exigiu nada em troca. — O remorso e a culpa caíram sobre Pedro como uma faca afiada. — Então, quando Ricardo me pediu novamente em casamento, eu aceitei. Ele também quis assumir a paternidade de Tereza e acabei por concordar, mas exigi que a família dele soubesse da verdade. Rita e Horácio sabem que Tereza não é filha biológica de Ricardo. Não os enganei, você entendeu?

O advogado sentia-se frustrado e arrependido.

— E o seu pai? E Maia? Maia insinuou que Rodolfo e Ricardo sabiam de algo.

— Eu não sei, Pedro. Não sei qual o envolvimento de Ricardo e meu pai. A única coisa que sei é que Ricardo foi fundamental para me reaproximar do meu pai. No dia em que fomos assaltados e Ricardo foi baleado, ele tentou confessar alguma coisa, mas não deu tempo.

Pedro aproximou-se mais de Melissa e a abraçou. Queria compensá-la por todo o sofrimento que havia passado.

— Meu amor, eu sinto tanto por tudo que deixei acontecer com você, com a gente.

Melissa começou a chorar.

— Eu tenho medo, Pedro. Tenho muito medo de você me machucar de novo. Eu sofri muito e só pensava em morrer. E se você chegar a me abandonar de novo, eu não suportarei outra vez. Eu tentei amar o Ricardo e eu acho que cheguei a gostar muito dele. Ele foi importante para mim, foi a

pessoa que me devolveu a vontade de viver. Mas nunca consegui amá-lo como eu amo você. Você é e sempre foi o homem da minha vida.

— Nunca mais vou deixá-la, Melissa. De nada adiantou tudo o que conquistei, de nada adiantou ter me tornado um dos melhores advogados de Santa Bárbara, ter dinheiro e influência, eu sempre me senti incompleto e infeliz sem você em minha vida.

Pedro puxou Melissa para o seu colo e beijou-a apaixonadamente. Ela acabava de confessar que ele era o seu grande amor. Queria compensá-la pelos anos de sofrimento e amargura. Foi um idiota, agiu como idiota e daria ou faria qualquer coisa para fazê-la feliz.



Melissa havia ficado aliviada por confidenciar seus segredos a Pedro que pediu uma segunda chance, querendo provar o quanto lhe era importante, o quanto sentiu sua falta e o quanto a amava. Os anos de sofrimento fizeram-na uma mulher desconfiada e Pedro sabia que teria que ter paciência. Ouvir Melissa contar sua história foi-lhe uma tortura. Foi difícil para o advogado tomar consciência de quanto mal havia feito para a mulher que tanto amou. Seu orgulho, seu desejo por poder e sua ambição cega, empurraram Melissa para um precipício, cuja queda foi impedida por Ricardo.

Melissa parecia mais serena após desabafar. Aconchegou-se nos braços de Pedro e contou detalhes do crescimento de Tereza.

— Nossa filha sempre me lembrou alguém. Agora, eu sei quem. Minha irmã Débora, que morreu aos seis anos. — Melissa recordou a tragédia que assolou a família Rodrigues quando Débora foi diagnosticada com leucemia. Pedro e a irmã tinham apenas 2 anos de diferença e Mateus não chegou a conhecê-la. — Tereza tem o mesmo formato do rosto, a mesma cor dos olhos, os cabelos negros e encaracolados nas pontas como Débora. É uma cópia de minha irmã, Melissa. — Ela assentiu, recordando da fotografia pendurada na parede da casa dos pais de Pedro. — Pretendo contar a verdade para nossa filha.

Melissa apertou a mão de Pedro e concordou.

— Tereza poderá não aceitar muito bem, por ter sido muito ligada a

Ricardo. Tenho um pouco de medo, Pedro.

— Não importa, meu amor. Esperarei o tempo necessário por ela e nunca desistirei de ter o carinho da minha filha. — O advogado beijou a cabeça de Melissa.

— Tereza é tão difícil quanto você. Como dizem por aí... a fruta não cai longe do pé. — Pedro sorriu. — E Maia? — A viúva se preocupava com a irmã.

— Maia foi internada em uma clínica psiquiátrica pelo Rodolfo. Não há muito que fazer a respeito de sua irmã. Consegui a guarda de Joaquim e me mudei com ele da mansão. Não há mais condição de permanecer lá depois do que aconteceu. Apenas sinto por Maitê.

— Maitê tem me evitado. Também sinto por ela, Pedro. De certa maneira, fui egoísta ao sair do Brasil com Ricardo. Não pensei em ninguém, esquecendo-me de que ela o amava. Minha irmã tornou-se tão amargurada e infeliz, em razão disso.

— Querida, a relação dela com Ricardo sempre foi complicada.

— Conte-me.

— Não posso contar, meu amor. Prometi à sua irmã que não comentaria a respeito com ninguém. Enfim, é a vida dela e devemos respeitar seu desejo. Quando chegar o momento, ela se abrirá, Melissa. — Pedro beijou-a. — Deixe-me vê-la, meu amor. Senti tanta saudade de você. Uma semana sem falar contigo foi demais para meu coração apaixonado.

Melissa corou.

— Não sabia o que fazer, Pedro. Estava com medo também.

— Não importa mais... estamos juntos finalmente. Desejo tanto você, tocá-la, meu amor. — O advogado deslizou uma das mãos por baixo da blusa de Melissa, que vestia uma blusa azul e calça jeans de corte reto. — Quero tanto, mas não aqui. Esse apartamento está repleto da lembrança de Ricardo e isso me faz mal. O que acha de sairmos para jantar? Conheço um lugar reservado para passarmos algumas horas. Será agradável.

— Adoraria jantar com você, mas é dia da folga da Helena e não tenho com quem deixar Tereza. Meus sogros embarcaram para a capital esta manhã. — Pedro fechou a cara em sinal de desaprovação e Melissa percebeu. — Quer dizer, os pais de Ricardo.

— Melhor. Os seus únicos sogros de agora em diante serão meus pais, Melissa. Eles ficarão felizes ao saber das novidades.

— Gosto muito da Sofia e do Mário. — Melissa sorriu. — No entanto, Rita e Horácio foram como pais para mim e não posso magoá-los.

Pedro compreendeu.

— Meus pais gostam muito de você, meu amor. Até hoje puxam minha orelha pela besteira que fiz. O que acha de contarmos a verdade para Tereza hoje? — Pedro estava empolgado. — Tem mais, quero viver com você. — Melissa arregalou os olhos. — Sei que não podemos nos casar até meu divórcio ser finalizado. A situação poderá se complicar, pois seu pai quer interditar sua irmã.

— Você está me pedindo para morar com você?

— Sim. Quero comprar uma casa e morar com você e nossos filhos. Não suportarei encontrá-la apenas de vez em quando. Quero fazer amor todas as noites com você, acordar todas as manhãs ao seu lado, beijá-la e adorá-la todos os dias. Depois, sentar-me em uma linda e bem servida mesa ao lado dos nossos filhos. Quero uma família de verdade, a nossa família.

Melissa hesitou por um momento.

— Tudo bem... vamos contar para Tereza a verdade e torcer para que ela reaja bem à notícia. Já não sei se devemos morar juntos, Pedro. Pelo menos de imediato.

— Tudo bem, mas prometa que ficaremos juntos em breve.

— Dê-me um tempo, Pedro. Apenas para Tereza acostumar-se com a ideia de um novo pai em sua vida. — A viúva calou-se apreensiva com a possível reação negativa da filha, ao saber que o tio é na verdade seu pai.

— O que foi Melissa? — perguntou-lhe o advogado, preocupado com seu silêncio repentino.

— Gostaria de perguntar uma coisa, mas não tenho coragem. — Pedro a beijou docemente, fazendo-a corajosa para dizer o que a atormentava. — Joaquim é realmente seu filho?

— Sim. Eu e Maia... em um determinado momento do nosso casamento, tentamos ou eu tentei ter um casamento normal. Foi quando ela engravidou. Como voltamos a brigar e nos desentender constantemente, achei prudente fazer um exame de DNA. Enfim, Joaquim é mesmo meu filho. — A resposta de Pedro, foi suficiente para Melissa. Os dois permaneceram abraçados por mais um tempo.

Melissa e Pedro decidiram ir juntos buscar Tereza na escola. A menina achou estranho o tio acompanhar a mãe, fechando a cara e não dizendo

qualquer palavra até chegar em casa.

— Então Tereza, como tem passado com o gesso? — Pedro perguntou à filha.

— É um pouco chato, sabe. — Melissa sentou ao lado da menina. — Mãe, por que o tio Pedro veio até nossa casa?

Havia chegado o momento de revelar que o advogado era seu verdadeiro pai. — Eu e o Pedro precisamos conversar com você. Bem... — Melissa limpou a garganta em uma tentativa de ganhar tempo e coragem. — Eu e o Pedro iríamos nos casar, sabia? Nós dois éramos muito apaixonados um pelo outro, mas em razão de alguns problemas, coisas de adultos, nos separamos e eu acabei casando com Ricardo e Pedro casou com sua tia Maia.

Tereza abriu a boca para falar, mas foi interrompida por Pedro.

— Deixe sua mãe terminar, por favor.

— Quando me separei do Pedro, eu já esperava você. O que quero dizer é que ele é seu verdadeiro pai. Ricardo adotou você, minha filha, mas seu verdadeiro pai é o Pedro.

— Ricardo não é meu pai de verdade? — Os olhinhos da menina encheram-se de lágrimas. — Isso é mentira, mamãe. O tio Pedro é meu tio e não meu pai.

Pedro ajoelhou-se diante da filha. — Querida, eu sei que é muita coisa para você, mas eu sou seu pai e gostaria muito de uma chance com você.

— Não. — Tereza gritou. — Eu não preciso de outro pai. Eu tinha um pai e ele morreu e não quero outro no lugar dele. Se você é meu pai, porque não se casou com minha mãe?

— Tereza, é difícil explicar tudo o que aconteceu entre eu e Pedro. Confie em mim, sua mãe, Pedro é seu pai. Ele gostaria de uma chance com a gente. Eu gostaria de nos dar essa chance, minha filha. A vida nos separou, mas ela nos reuniu e podemos ser felizes juntos.

— Não quero mais ouvir. Eu tive apenas um pai e o nome dele é Ricardo. — Tereza pegou suas muletas e foi em direção ao quarto. Pedro tentou ajudá-la, mas a menina não aceitou.

— Deixe-a, Pedro. — Melissa falou, com o coração partido.



Pedro chegou à casa dos pais tarde da noite. Depois que conseguiu a guarda de Joaquim, acreditou que o melhor a fazer era sair da mansão e pediu abrigo aos pais até encontrar um lugar para se mudar definitivamente. Pensou que seu próximo lar seria ao lado de Melissa, mas as coisas haviam se complicado. Tereza não havia aceitado a ideia de Pedro ser seu pai.

— Pedro. — Dona Sofia aguardava o filho sentada no sofá da sala, com o crochê no colo.

— Boa noite, mãe. — O advogado depositou um beijo na bochecha da velha senhora. — Joaquim está dormindo?

— Sim. E você, jantou?

— Não, mas não estou com fome. Agradeço mesmo assim.

— Então, como foi com Melissa e sua filha?

— Não tão bem, mamãe. Melissa foi muito sincera comigo. Contou-me tudo, as dificuldades que passou. — Pedro contou cada detalhe da vida de Melissa no exterior para a mãe. — Os Monteiro sabem que Tereza não é filha biológica do Ricardo. Mãe, Melissa nunca agiu de má fé e nem sequer se negou a contar a verdade para Tereza.

— Filho, sinto muito. Eu e seu pai sempre lhe alertamos quanto ao caráter bondoso de Melissa. No fundo do meu coração, eu sabia que algo de muito grave fez Melissa deixá-lo para trás. Agora, tudo ficou claro. E Tereza, como reagiu?

— Tereza não aceitou bem. Simplesmente, recusou-se a me ouvir. Melissa acha que com o tempo, ela amolecerá e aceitará a nova realidade.

— Ela tem razão, Pedro. O tempo e sua persistência irão amolecê-la.

— Melissa se recusou a morar comigo. Tenho certeza de que ela me ama. Porém, sente receio de entregar-se ao amor novamente.

— Tenha paciência com Melissa e Tereza. Não adiantará nada agir precipitadamente. Dez anos não serão recuperados ou consertados do dia para a noite. Eu agiria da mesma forma se estivesse no lugar de Melissa. — Pedro concordou. — Quem sabe você possa trazê-las para o almoço do próximo domingo?

— Ótima ideia. Tem algo que preciso contar. — Sofia fez sinal para que prosseguisse. — Desde que vi Tereza pela primeira vez, ela sempre me lembrou de alguém familiar. Demorei em me dar conta, mas Tereza é muito parecida com Débora.

Sofia emocionou-se com a revelação de Pedro. Ela havia ganhado uma neta e que lembrava sua adorável garotinha, sua Débora. Sentiu uma certeza invadir sua alma, a certeza de que as coisas se encaixariam no seu devido tempo.



No dia seguinte, Pedro manteve sua rotina habitual dos últimos dias. Deixou Joaquim na escola e foi para o escritório. Encontrou Maitê esperando-o em sua sala.

— Bom dia, Maitê. — Cumprimentou a cunhada.

— Bom dia, Pedro. Poderíamos conversar? — Pedro fez um gesto concordando. — Estou preocupada com o rumo das coisas. Papai anda muito quieto.

— Não tenho mais medo de seu pai, Maitê. Hoje, sou sócio do escritório e se ele resolver terminar a sociedade, mais da metade dos clientes me seguirão.

— Mas as coisas poderão se complicar. — Maitê falou preocupada. — Ainda tem Maia. Papai quer interditá-la. — A interdição seria a medida mais adequada, pensou Pedro. Maia não teria qualquer condição de gerir sua vida, uma vez sendo viciada em ansiolíticos. — Não sei se papai seria a pessoa mais adequada para ser o responsável legal por Maia. — Nesse ponto, o

advogado teve que concordar com a cunhada. — Você e Melissa se entenderam? — Pedro sentiu uma certa amargura no seu timbre de voz.

— Ei... o que foi Maitê? Você não quer minha felicidade?

— Não é que não queira, Pedro. Simplesmente, não consigo entender o porquê de as coisas sempre darem certo para ela. Ela vira as costas para todos, casa com Ricardo, tem um filho seu, volta e vocês vão viver juntos e felizes para sempre.

— Maitê, você está sendo injusta com sua irmã. Melissa foi uma vítima tanto quanto você.

— Você contou para ela o que aconteceu comigo?

— Claro que não. Você me pediu segredo e eu o guardei. No entanto, acho que deveria dar uma chance para sua irmã. Ela a ama e sente sua falta.

Foram interrompidos pela chegada de Rodolfo. — Muito bom encontrá-los reunidos. — Pedro e Maitê levantaram. — Precisamos deixar as coisas claras.

— Aviso de antemão que não estou disposto a ser chantageado. Meus filhos ou Melissa estão fora de qualquer espécie de acordo. — Pedro achou melhor esclarecer tudo antes.

— Não seja tolo, Pedro. Atualmente, sua posição é diferente da de 10 anos atrás. Não sabia que Melissa estava grávida de você quando saiu do Brasil. Nem ela, nem Ricardo deram a entender qualquer coisa a respeito. Maia foi a verdadeira responsável pelo que aconteceu. Não pretendo negociar mais nada com você, Pedro. Não sou burro e sei muito bem que você poderá levar mais da metade dos clientes se a nossa sociedade acabar. É claro que o rumo que as coisas tomaram não me agrada em nada. Para o bem ou para o mal, você se casou com Maia e Melissa com Ricardo.

Pedro ficou com uma pulga atrás na orelha.

— O que o senhor pretende, então? — perguntou.

— Deixarei o caminho livre para você viver sua vida com Melissa, sob duas condições. — Sempre existiriam condições, pensou Pedro inconformado. — Em primeiro lugar, pedirei a interdição judicial de Maia e pretendo ser o responsável legal por ela. Em nome dela, assinarei o divórcio.

— Papai, não seria melhor aguardar um tempo? Maia poderá se recuperar. — Maitê entrevistou, procurando chamar o pai à razão.

— Não. Maia está louca. Mas como dizia, pretendo não criar empecilhos para o divórcio e também deixarei a guarda de Joaquim para você, desde que

você e Melissa, mais Tereza, vivam na mansão.

— Doutor Rodolfo, o senhor está pedindo demais. Melissa não irá concordar com isso, depois de tudo o que aconteceu. — Pedro fechou as mãos com força.

— Papai, o senhor enlouqueceu. — Maitê indignou-se com a exigência absurda do pai.

— Cale-se Maitê. Não abrirei mão da presença de sua irmã. Melissa sempre foi importante para mim. Quero-a perto de mim.

Maitê explodiu.

— Pai, diga-me o que Melissa tem de tão fabuloso para preferi-la? Eu fiz tudo o que o senhor quis a minha vida toda. Eu sempre agi de acordo com seus desejos e mesmo assim, nunca senti por mim nem um terço do carinho que tem por ela. — A advogada começou a chorar descontroladamente.

Pedro foi ao encontro de Maitê para confortá-la. Rodolfo voltou-se para a filha desesperada, com muita frieza e falou.

— Melissa tem uma força que nem você, nem Maia algum dia sonharam possuir. Ela se parece comigo em muitas coisas. Nunca se conformou com um não, sempre questionou e brigou pelos seus ideais. Melissa era a minha sucessora natural, mas, como a mãe, é uma sonhadora. Ao invés do Direito, escolheu as Letras. O que me restou foi me conformar com você, Maitê. E graças a sua incapacidade, precisei e preciso de Pedro e, sendo assim, preciso tolerar a presença dele e aceitar que ele se case com Melissa. — Maitê procurou engolir as lágrimas, mas não conseguiu. Pela primeira vez em 10 anos, admirou a ousadia da irmã em fugir na primeira oportunidade que teve. As palavras do pai machucaram sua alma. Ela queria fugir, ir embora para bem longe. Rodolfo olhou para o genro e prosseguiu determinado a manter a filha preferida ao seu lado. — Então Pedro, o que me diz?

Pedro respondeu sem olhar para o sogro. Ele não deveria ter falado daquela forma com Maitê.

— Não posso decidir nada sem falar antes com Melissa. Não vou cometer o mesmo erro do passado, Doutor Rodolfo. Assim que tiver uma resposta, minha advogada procurará o senhor.

— Não demore, Pedro. Quanto antes resolvermos, melhor para você, melhor para todos. — Rodolfo deixou a sala com a mesma soberba de quando chegou.



Maitê tirou o dia de folga. Foi incapaz de trabalhar depois do confronto com o pai. Pedro insistiu muito para que ela fosse para casa. Ele mesmo pegou o telefone e conversou com Má. Pediu para que a velha governanta cuidasse da cunhada, que sempre lhe fora uma amiga leal.

No final do dia, Pedro encontrou Melissa num café discreto, localizado em um bairro afastado de Santa Bárbara. Quando chegou, ela esperava sentada e assim que o avistou, abriu um lindo sorriso. Melissa usava um vestido longo, com listras na horizontal e o cabelo loiro estava preso num coque bagunçado. Ela levantou ao avistá-lo e ele a envolveu pela cintura, depositando um beijo discreto na bochecha.

— Boa noite, meu amor. — O advogado ajudou-a a sentar, depois foi em direção ao lado oposto da mesa para acomodar-se também.

— Pedro, tem certeza de que este lugar é discreto? — Melissa olhou para os lados, a fim de avistar algum conhecido ou jornalista.

— Não se preocupe, querida. — Pedro pegou a mão de Melissa e acariciou. — Preciso conversar com você. Seu pai entrará com o processo de interdição de Maia. E isso poderá atrasar meu divórcio. — Melissa fez sinal para que ele prosseguisse. — Ele se dispôs a facilitar desde que eu e você fôssemos morar na mansão com nossos filhos.

Melissa endireitou o corpo na cadeira em sinal de tensão.

— Papai não tem limites. Não acredito. Ele ficou louco. Não posso e não

quero voltar para aquela casa. Não quero que Tereza cresça na presença do meu pai.

— Eu sei, meu amor. Por isso falei para Rodolfo que iria conversar com você antes. Não queria tomar decisão alguma sem consultá-la. — O advogado acariciou a face de Melissa. — Se você não quiser voltar à mansão, não voltaremos. Não me importa o que teremos que enfrentar. O importante é estarmos juntos.

— Como é que ele vai interditar a Maia assim, de uma hora para outra? Não seria mais cauteloso aguardar um pouco, sei lá, um diagnóstico mais definitivo?

— Foi o que Maitê tentou argumentar para seu pai. Porém, ele se mostrou inflexível. Falando nela... seu pai foi muito grosseiro com sua irmã logo cedo. Falou coisas horríveis e ela acabou por perder o controle.

Melissa apertou o guardanapo com força.

— Sempre foi assim, Pedro. Meu pai sempre agiu com muita frieza com Maitê. Não que não o fosse comigo também. Mas com Maitê era diferente. Ele sempre exigia mais dela e nunca estava bom. Quanto à Maia, não sei nem o que falar. Tenho para mim que papai a culpe pela morte de nossa mãe. Às vezes, acho que nosso pai foi o verdadeiro causador do suicídio de mamãe.

— Sinto muito, querida. — E Pedro sentia mesmo.

— Éramos muito pequenas quando mamãe se matou. Eu tinha 4 anos, Maitê 6 e Maia acabado de completar 1 mês. Durante uns dois anos, ficamos nas mãos de incontáveis babás até que Má chegou. Não sabemos nada de mamãe, do que ela gostava de comer, beber ou vestir, quais eram seus passatempos favoritos. Papai não falava nada, nunca respondia qualquer pergunta a respeito dela. Mandou sumir com todas as coisas, não sobraram vestígios dela, a não ser algumas fotos.

— Melissa, meu amor, não quero que você se torture.

— Não adianta fugir, Pedro. Terei que enfrentar meu pai. Eu fugi por muito tempo. Acabo de perceber que eu não fugi somente de você, mas do meu pai e dos problemas de minha família.

— O que você quer dizer? — Pedro a fitou sério.

— Quero dizer que aceitaremos a proposta do meu pai, mas com as nossas condições. Quero viver com você, Pedro. Quero tentar. E com o seu divórcio, as coisas ficarão mais fáceis. — Pedro concordou. — Além disso, não posso deixar Maitê sozinha naquela casa e naquela vida. Preciso ajudá-la

de alguma forma. Diga para meu pai que viveremos na mansão, desde que Maitê seja nomeada a responsável pela Maia. Temo pela saúde mental da minha irmã caçula. A segunda condição é que viveremos pelo tempo necessário para a construção de nossa casa.

— E se ele não aceitar, o que faremos?

— Ele vai aceitar. Papai é muito esperto e sabe que ele tem mais a perder do que nós dois. — Pedro havia esquecido o quanto Melissa era inteligente. — Nós dois não temos muito o que perder. Você mesmo disse que poderá se manter caso a sociedade termine. Precisamos conversar com Maitê e trazê-la para o nosso lado.

— E Tereza?

— Tereza se recusa a falar comigo. Minto. Ela pronunciou algumas palavras comigo, do tipo: “você acabou com a minha vida.” A notícia boa é que peguei-a conversando com Joaquim ao telefone.

— Os dois se dão bem. Dona Sofia sugeriu que fôssemos todos almoçar lá em casa no domingo.

— Lá em casa? — Melissa ergueu uma sobrancelha.

— Bem, na casa de meus pais. Eu e Joaquim estamos passando uma temporada lá. — Melissa aceitou feliz. — Estou com muita vontade de beijá-la. — Pedro levantou e foi para o lado dela. — Queria tanto sentir seu gosto, meu bem. Acariciar seu corpo. Estou com tantas saudades — sussurrou-lhe. — Poderíamos...

— Nem pensar. — Melissa interrompeu. — Vai ter que se conformar com alguns beijos discretos no carro. Além disso, não posso me atrasar. Preciso ainda conversar com Tereza. Sua filha me dá muito trabalho, Doutor Pedro Rodrigues. — Pedro encheu o peito de orgulho e riu, sentindo-se feliz por aquelas singelas palavras. — Você ri é?! Tereza é muito geniosa e teimosa, faz birra por cada coisa que até Deus duvida.

— Como você mesma disse, a fruta não cai longe do pé.

— Sinto-me aliviada por você saber que Tereza é sua filha. Também me sinto confiante para enfrentar os problemas que virão, pois você está ao meu lado. — Melissa encostou a cabeça no ombro de Pedro. Ele não via a hora de gritar para o mundo que estavam juntos de novo.

— Amo tanto você, Melissa. Prometo que a farei feliz, muito feliz.

— Você já me prometeu isso.

— E vou renovar minha promessa a cada dia que acordarmos juntos, meu

amor. Vamos sair para um encontro na sexta-feira? Apenas nós dois. Prometo que será em algum lugar muito discreto. — Melissa corou e sorriu. Pedro sentiu vontade de puxá-la para seu colo, infelizmente, teve que se contentar com o seu inebriante cheiro de jasmim. — Estou pronto para jogá-la no meu ombro e sair correndo daqui como um louco — sussurrou-lhe no ouvido.



Pedro encontrou Melissa no centro de Santa Bárbara. Ela passou a trabalhar como tradutora em uma editora local e parecia muito animada com o novo trabalho.

— Para onde vamos, Pedro? — perguntou animada. — Sinto-me como se tivesse sido transportada para a época da faculdade.

Pedro sorriu, a empolgação de Melissa animava-o. Ela tinha razão, era como se tivessem entrado num túnel do tempo e houvessem sido transportados para a época em que ele era um advogado recém-formado e ela uma linda e meiga estudante.

— Será uma surpresa e se contar perderá a graça. — Pedro olhou para Melissa que segurava a barra do vestido roxo como nos velhos tempos. Uma mania que não havia perdido, apesar dos anos e da maturidade. — Calma, meu amor. Confie em mim e garanto que não se arrependerá — falou e segurou sua mão.

Na medida em que o carro andava, Melissa e Pedro se distanciavam da cidade.

— Não acredito que vamos para...

— Xiii... não fale, era para ser surpresa. — O advogado riu. — Sempre foi difícil fazer uma surpresa para você Melissa. Continua a mesma.

O carro estacionou em frente a um chalé.

— É o chalé! — A mulher saltou para fora do carro. Lágrimas deslizavam

pela linda face rosada. — Não acredito que você me trouxe para o nosso chalé.

O advogado foi ao encontro de Melissa e beijou-a. Nunca se cansaria de beijá-la. Se pudesse, passaria o resto dos seus dias beijando-a e em todos os lugares e formas inimagináveis.

— Sim meu amor, este chalé é nosso, literalmente, é o nosso chalé. Comprei-o assim que tive dinheiro suficiente. Era para cá que vinha quando a saudade que sentia por você era insuportável. Foi meu refúgio durante os momentos mais difíceis.

Melissa retribuiu o beijo, entregando-se para Pedro, amando-o, pois era isso que sempre sentiu por Pedro, um amor sincero e puro, intenso e arrebatador. Jamais seriam capazes de viver perto sem se tocar, sem sentir o desejo que pulsava dentro deles.

— Você o comprou?

— Sim, eu comprei. Lembra-se do Zeca? — Ela assentiu. — Então, o Zeca me deu o maior trabalho para convencê-lo a vender o chalé. Vamos, lá dentro tem um jantar nos esperando. — O advogado pegou Melissa pela mão e os dois entraram.

Durante o jantar, Melissa não deixou de notar o cuidado que Pedro teve em cada detalhe, nas comidas e sobremesas favoritas dela, na decoração repleta de margaridas, sua flor preferida. Aquele era o Pedro por quem se apaixonou, um homem romântico, bajulador e intenso. Sentia-se realizada e feliz, como há tempo não acontecia.

— Você está determinado a me reconquistar. — Brincou sorridente.

— Estou determinado a você me amar, não espero menos do que isso, meu bem. — Pedro fitou-a com os olhos negros como a noite, repleto de promessas pecaminosas.

— Você não precisa se esforçar tanto... sempre o amei, Pedro. — Melissa corou.

Aquelas palavras aqueceram o coração de Pedro. Ela era irresistível e ele a queria muito. Precisava do toque da mulher que amava mais do que tudo. Ela foi e sempre lhe seria vital, era o seu ar, o alimento de sua alma. Levantou e a puxou para seus braços, suspendendo-a no ar e girando-a como um louco.

— Eu amo você. — Os dois começaram a gargalhar como duas crianças felizes.

— Você é louco, Pedro.

— Sim, sou louco por você, meu bem. Louco pelo seu cheiro, pela sua pele, pelo seu gosto. Você me pertence e eu pertenço a você.

Pedro subiu as escadas com Melissa ainda no colo e cruzou a porta do quarto.

— Ai meu Deus... Pedro, você se lembra da nossa primeira vez? — A mulher chorava de emoção. A colcha vermelha estava repleta de margaridas. Velas perfumadas de jasmim iluminavam o ambiente.

— Não esqueci nenhum de nossos momentos juntos.

Pedro colocou-a na cama. Uma fotografia enorme chamou a atenção de Melissa. Era sua fotografia quase em tamanho natural, em preto e branco. O pôster adornava a parede oposta à cama.

— Você é maluco mesmo.

Pedro olhou para o quadro.

— Foi o jeito que encontrei de tê-la sempre perto de mim, querida. Sofri muito com sua ausência, Melissa. Fui um imbecil, um completo idiota. Tudo foi minha culpa. Poderíamos ter vivido anos de felicidade, mas me deixei levar pela promessa de riqueza e sucesso e paguei um preço alto demais.

Melissa colocou o dedo indicador nos lábios de Pedro.

— Não fale mais sobre isso, meu amor. O que importa é que estamos juntos. — Ela puxou-o para os seus braços, acariciando seus cabelos. Ambos se perderam no corpo e no amor que um tinha para oferecer ao outro. O perfume da pele de Melissa chegava ao nariz de Pedro como um potente elixir afrodisíaco. A cada toque dos corpos, fagulhas eram sentidas. As mãos de Melissa subiam e desciam pelo tórax, incendiando cada partícula do corpo de Pedro. Ele estava pronto para tomá-la, ao mesmo tempo em que desejava dar mais para ela, mais de seu amor, compartilhar mais de seu prazer. Ele a amava e queria dar a ela tudo que fosse capaz.

— Deixe-me amá-la como merece, meu amor. — O advogado sussurrou no ouvido de Melissa. Abocanhou um dos mamilos, perdendo-se nos gemidos que ela soltava. Afastou as pernas e deslizou a boca até o meio. Era muito doce e quente sua Melissa. Embriagou-se com a suavidade da pele lisa e perfeita dela.

Melissa gemeu e contraiu-se.

— Por favor, Pedro. Deixe-me tocá-lo... não suporto mais ficar tão longe.

Pedro atendeu às súplicas de sua amada e afundou-se no corpo dela. Entre

um afago e outro, ela sussurrou.

— Eu amo você. — E foi suficiente para Pedro perder-se no desejo que sentiu e encontrar seu alívio.



No domingo, Melissa e Tereza chegaram à casa dos pais de Pedro. Sofia abriu a porta feliz.

— Bom dia. Por favor, entrem.

— Com licença. Prazer em revê-la, Dona Sofia. — Melissa cumprimentou timidamente a mãe de Pedro.

— Melissa, minha adorável menina, você está muito bonita. Venha até aqui e me dê um abraço. — A viúva entregou-se ao abraço da velha senhora, sentindo ainda vivo todo o carinho que sempre lhe oferecera. — Deixe-me ver... esta deve ser a Tereza.

Contrariada, a menina evitou olhar para a avó.

— Tereza, não seja mal educada e cumprimente Sofia, ela é sua avó.

— Bom dia. — A menina emburrada cumprimentou a avó.

Sofia piscou o olho para Melissa, em sinal de que entendia perfeitamente a situação.

— Melissa, estou chocada... Tereza é o xérox da minha adorada Débora.

— Quem é Débora, mamãe? — Tereza perguntou.

— Sua tia, minha querida. Infelizmente, ela não vive mais entre nós. Venha comigo, vou mostrar algumas fotos de Débora para você... mas primeiro, vamos encontrar seu irmão. — Tereza se empolgou com as histórias da tia e acompanhou a avó para dentro da casa. — Fique à vontade, Melissa. Pedro está na piscina com o pai e o irmão. Siga reto e você chegará lá.

A viúva largou a bolsa em um aparador próximo. Quando ergueu a cabeça, levou um susto. Era Pedro a observando.

— Bom dia. — Ele usava bermuda e camiseta e estava descalço. Pedro gostava de andar descalço, uma lembrança que a deixou feliz.

— Bom dia. Você me assustou. — O advogado se aproximou de Melissa e a prendeu contra a parede. — Alguém pode chegar.

— Não há problema. — Beijou-a. — Todos aqui sabem que estamos juntos. — Puxou seus cabelos loiros para trás e beijou-a lascivamente na curva

do pescoço. — Seu cheiro me inebria, Melissa.

— As crianças podem chegar. — Melissa insistiu para que Pedro parasse, mas ele não deu ouvido. Sua doce e tormentosa exploração continuava aquecendo seu sangue a ponto de se tornar insuportável resistir ao impulso de corresponder às investidas de Pedro. Entregou-se ao momento por fim, saboreando a paixão que lhe era ofertada.

Depois do interlúdio apaixonado, Pedro levou Melissa até a piscina. Mário e Mateus a receberam com carinho e grande expectativa. Melissa amava do fundo de sua alma aquela família. Na juventude, desejou fazer parte da família Rodrigues, uma família simples, batalhadora e muito amorosa, o oposto da sua.

— Melissa, meu filho nos falou que Tereza não reagiu bem à notícia de ser minha neta. — O pai de Pedro comentou.

— Nem um pouco, Seu Mário. Tereza é uma criança muito amável, mas tem uma personalidade muito difícil. Quando mete uma coisa na cabeça, não tem quem lhe faça mudar de ideia.

Pedro entrevistou.

— Tereza vai entender com o tempo.

— Espero que sim, meu amor — disse-lhe a viúva. — E quanto a Joaquim? Ele já sabe de tudo?

— Conteí ontem. Porém, algumas coisas não lhe eram novidade, querida. — Pedro riu. — Ele e Tereza mantiveram contato e ela lhe contou sobre os dois serem irmãos. Aparentemente, os dois se dão muito bem. Quanto a nós dois e nosso casamento, já foi um pouco mais complicado. — O advogado levou as mãos de Melissa à sua boca. — Foi necessária uma boa argumentação para convencê-lo, sabe.

— Tudo se resolverá meu filho. — Sofia acabava de chegar com alguns pratos de comida nas mãos. — O que importa, é que vocês dois permaneçam unidos e não cometam mais equívocos. — Tereza e Joaquim corriam pelo quintal atrás do tio. — As crianças são o menor problema que vocês enfrentarão meus queridos.

— Sua mãe tem razão, Pedro. A ideia de vocês dois viverem na mansão não me parece boa. Desculpe, sei que é sua família, Melissa. — Mário falou.

— Não se preocupe Seu Mário. É minha família, mas eu sei os problemas dela. Apesar de tudo, são minhas irmãs e eu as amo. Sei que Maia agiu errado, mas não consigo odiá-la a ponto de largá-la à própria sorte.

Joaquim veio buscar o pai para mostrar alguma coisa que encontrou atrás de um arbusto. Sofia aproveitou a ausência do filho para falar com Melissa, puxando-a pelas mãos para que se acomodasse ao seu lado.

— Entendo a preocupação por suas irmãs, você sempre foi uma pessoa muito boa, Melissa. Mas chegou a hora de pensar em você e em sua felicidade. Você e Pedro já sofreram muito, deveriam evitar novas intromissões. Durante todo o tempo em que estive fora, mal tivemos contato com a sua família. Maia se recusava a nos visitar ou nos convidar para participar de qualquer evento na mansão, por essa razão não posso opinar muito a respeito dela. O que sei é que ela e meu filho foram muito infelizes juntos.

— Não sei o que falar, Dona Sofia. — Uma lágrima escorreu do rosto de Melissa.

— Não precisa falar nada. Apenas quero que entenda que estamos dispostos a enfrentar as adversidades junto com vocês e que nossa casa é sua também, assim como de Tereza. Os tempos serão difíceis, as pessoas falarão muito, vocês precisarão estar seguros do passo que darão ao morar na mansão.

Melissa agradeceu o carinho de Sofia com um abraço. Ergueu a cabeça e avistou Tereza emburrada em um canto. Pedro tentava conversar com ela, mas a menina apenas sacudia a cabeça em sinal de negação.

— Não acredito. — Bufou enfurecida.

— O que aconteceu? — Sofia perguntou-lhe.

— Aparentemente, Tereza está brigando com Pedro.

— Deixe que os dois se entendam. Fique aqui sentada e descanse sua cabeça. — A mulher deu batidinhas em uma das pernas de Melissa. — Esse é o preço que Pedro terá que pagar pelas burradas que fez: conquistar o amor de sua filha. E pelo pouco que percebi conversando com Tereza, ela é tão teimosa e difícil quanto o pai. — Melissa acabou rindo com o comentário de Sofia.



2 meses depois

Fazia 10 dias que Pedro e Melissa, na companhia dos filhos, haviam se mudado para a mansão dos Leite de Azevedo. Maitê havia aceitado o encargo de ser responsável por Maia e o divórcio do advogado estava na reta final. Apesar de passarem a dividir um quarto na mansão, Melissa não se sentia confortável com a situação. Evitavam aparecer como casal em público. Tereza continuava a tratar o pai com desprezo. Pedro esforçava-se ao máximo para conquistar a confiança da filha. Já Joaquim, parecia apreciar a presença da tia. Melissa sempre fora uma pessoa amável e gentil, era difícil não gostar dela. Maitê sentia-se incomodada com a presença da irmã. Apesar dos esforços de Melissa, a irmã mais velha a evitava e preferia discutir os assuntos de Maia apenas com Pedro. Rodolfo, por sua vez, andava quieto demais e Pedro começava a desconfiar do sogro.

— O que aconteceu com ela? — Melissa perguntou a Pedro sobre o comportamento estranho da filha ao subir as escadas correndo como uma louca.

Pedro beijou-a. — Oi, meu amor. O de sempre.

— Oi tia. — Joaquim jogou a mochila no chão e abraçou Melissa.

— Oi. Como foi na escola, querido? — O menino respondeu e saiu correndo para a cozinha. Melissa riu. Joaquim definitivamente era um esfomeado. — Não sei mais o que dizer para essa menina, Pedro. Falo com

ela, ela me promete mudar e no fim, voltamos ao mesmo de sempre.

Pedro sentou ao lado de Melissa e abraçou-a.

— Conversei com Maitê a respeito de Maia. O médico acredita que daqui um ou dois meses Maia poderá receber alta. Seu pai não quer que ela retorne para cá. — Melissa estremeceu e Pedro percebeu. — Calma, meu amor.

Melissa suspirou. Estava nervosa.

— Papai não poderá negar um teto para a Maia. Essa casa é dela. Além disso, ele não poderá jogá-la em qualquer lugar. Maia está doente.

— Eu sei.

— A Maitê precisa conversar comigo, Pedro. Eu sei que ela se sente traída em razão de eu ter me casado com o Ricardo. Mas precisamos conversar. Vou procurá-la e acabar com essa resistência da parte dela.

Melissa movimentou o corpo em sinal de que iria procurar a irmã.

— Agora não, querida. Estou com saudades. — Pedro puxou o rosto de Melissa para perto do seu e beijou-a avidamente. Ela respondeu instantaneamente. Apesar de todos os problemas que ameaçavam separá-los novamente, Pedro nunca havia se sentido tão feliz e realizado. Acordar toda manhã ao lado de Melissa era um sonho que havia se tornado realidade.

— Para Pedro... — Melissa resmungou. — Se alguém nos pegar aqui, nessa intimidade toda, vou morrer de vergonha.

— Não seja tímida, meu amor. Todos sabem que a amo mais do que minha própria vida. — Pedro puxou a alça do vestido para baixo e acariciou o ombro de Melissa. — Você me atrai tanto, que chega a doer aqui. — Levou a mão da mulher para o seu coração.

— Você é tão bobo. — Melissa riu e afrouxou as defesas, deixando-se abraçar e beijar pelo homem de sua vida. Amavam-se e ninguém mais poderia afastá-los.

— Não vejo a hora de tudo isso terminar, casarmos e nos mudarmos para nossa casa. Uma lua de mel também está nos meus planos.

— A casa está praticamente a ponto de explodir e você pensando em nossa lua de mel. Definitivamente, você não tem mais jeito, Doutor Pedro Rodrigues.

— Sinceramente meu amor, eu pegaria você e as crianças e embarcaria para alguma ilha deserta do Oceano Índico.

A família se reuniu para o jantar, um dos momentos mais difíceis para Melissa. Um silêncio constrangedor ditava o ritmo dos minutos, que

custavam a passar. Rodolfo resolveu quebrá-lo.

— Melissa, onde está Tereza que não desceu para o jantar?

— Preferiu jantar no quarto.

— Ela não tem idade para preferir nada. Você é muito mole com sua filha. — Melissa preferiu não responder e concentrou-se no quadro pendurado em cima do aparador da sala de jantar. — Pedro. — Rodolfo continuou. — Humberto comentou que um contrato novo está para entrar. Quando pensava em me comunicar?

Pedro não gostou do tom de voz usado pelo sogro, mas entendeu ser melhor responder de forma simples e clara.

— Iria comentar com o senhor assim que as negociações se tornassem mais consistentes.

— Papai. — Maitê chamou a atenção do patriarca da família. — Como estamos todos reunidos, gostaria de expor a situação de Maia.

— Não há nada o que ser exposto ou decidido. Sua irmã continuará na clínica para a segurança de todos. — Maitê suspirou de frustração. — Você se dispôs a ser a responsável legal pela sua irmã e deve tomar as medidas necessárias. No entanto, como sempre, sua insegurança a impede de decidir por si só. Além disso, seu egoísmo e orgulho a impedem de ver claramente que Maia está totalmente fora de controle.

— Pai. — Melissa não aguentou a dureza das palavras do pai e levantou de supetão. — Maitê está coberta de razão... não seja cínico. Se existe alguém egoísta aqui, este alguém é o senhor.

Rodolfo levantou da cadeira e bateu os punhos na mesa.

— Cale-se, Melissa.

— Não vou me calar, papai. O senhor exigiu minha presença nesta maldita casa e terá que aguentar minhas intromissões. Cansei de seus jogos e manipulações.

— Melissa, não precisa...

— Claro que precisa Maitê. Nosso pai passou do tolerável há muito tempo. Maia não pode simplesmente ser largada em um hospício.

— O que você sugere que seja feito, Melissa? — Rodolfo explodiu. — Aceitei seu caso com o marido de sua irmã, deixei vocês morarem aqui, permiti que Pedro ficasse com a guarda de Joaquim. Diga-me o que mais lhe falta?

Pedro iria falar, mas foi interrompido por um sinal de Melissa.

— O senhor fala como se tivesse nos feito um favor em nos aceitar na mansão, quando na verdade o senhor nos chantageou. Estou cansada de seus jogos, Doutor Rodolfo. Não permitirei que o senhor erga a voz com Maitê. O senhor é um monstro. — Maitê saiu aos prantos da sala. — O senhor está satisfeito, papai? — Melissa fuzilou o pai com os olhos e foi atrás da irmã.

Rodolfo olhou para o genro.

— Você não vai atrás dela?

— Claro que não. As duas precisam conversar e não pretendo me meter entre elas.

O velho advogado tomou um longo gole de seu vinho.

— As coisas parecem ficar cada vez piores.

— Não vejo surpresa nisso, Rodolfo. — Pedro falou de forma sarcástica. — Era óbvio que nos fazer viver sob o mesmo teto resultaria nisso.

— Por que aceitou, Pedro?

— Eu não aceitei nada. Melissa quis assim e apenas a apoiei e continuarei a apoiá-la, custe o que custar.

— Se eu fosse você Pedro, não seria tão soberbo. — Rodolfo largou a taça de vinho na mesa.

— Está me ameaçando? Não tenho mais medo do senhor e do seu poder. Não sou mais aquele jovem tolo que desejava a todo custo sua aprovação. — Pedro levantou e seguiu para ver os filhos no andar de cima, com a certeza de que acabava de declarar guerra ao sogro.



Melissa encontrou Maitê sentada em um dos balanços que costumavam brincar quando crianças.

— Não preciso de sua pena, Melissa. — Maitê falou assim que avistou a irmã.

— Quem disse que sinto pena por você? Estou aqui apenas para dizer que você é minha irmã e que a amo. Saiba que nunca tive a intenção de machucá-la. Se mesmo assim a machuquei, peço que me perdoe. — Maitê não aguentou e caiu no choro, as defesas caíram e permitiu ser abraçada pela irmã. — Oh... minha querida, me perdoe por tudo. Fiquei imersa na minha dor e me esqueci dos seus sentimentos. Se eu pudesse voltar no tempo, Maitê... eu faria tudo diferente.

— Senti sua falta. — Maitê soluçava, deixando toda a dor sair para fora.

— Nunca mais deixarei você desamparada, minha irmã. Eu prometo que nada jamais conseguirá nos separar de novo.

— Você sempre foi a mais forte de nós, Melissa. Queria tanto ser como você. Talvez seja isso que a faz a preferida de papai.

— Ai Maitê... não sou tão forte assim. Afundei na depressão e foi tão difícil sair dela.

— Mesmo assim você conseguiu juntar os cacos e está aqui lutando pelo que considera ser certo. Olhe para mim, Melissa. Nunca tive metade da sua coragem. Pedro me contou por tudo o que passou. Eu a admiro, minha irmã.

— Melissa secou as lágrimas da irmã e abraçou-a com ternura. — Eu também devo me desculpar por ter me comportado como uma criança.

— Não precisa se desculpar Maitê. Eu entendo... eu devia ter considerado seu amor pelo Ricardo.

— Não... Melissa, eu preciso falar a verdade. O Ricardo sempre foi sincero comigo. Nunca escondeu que a amava e que não perderia a chance se um dia você viesse a aceitá-lo.

— Meu Deus!

— Eu deveria ter me afastado dele, mas sempre fui incapaz. Quando você e Pedro começaram a namorar eu acreditei que Ricardo e eu pudéssemos ter um futuro. Como sempre fui uma tola. Ele apenas me usou, assim como usou outras, para esquecer você. — Maitê caiu no pranto novamente. — Quando você e Pedro anunciaram a data do casamento, Ricardo enlouqueceu. Foi naquele momento que percebi o quanto ele a amava. Porém, eu continuava a me iludir e acreditei que seria o momento ideal para conquistá-lo. Dei tudo de mim para fazê-lo se apaixonar. E do nada, Pedro anunciou o casamento com Maia e você embarca para fora do país na companhia do amor da minha vida. Eu a odiei tanto, Melissa.

— Eu compreendo suas razões, Maitê.

— Não. Você nunca foi merecedora do meu ódio. Eu fui uma sonsa em acreditar que Ricardo viria a me amar. Ele nunca me prometeu nada mais do que algumas noites de prazer.

— Meu Deus... você dormiu com o Ricardo. — A mais velha das irmãs assentiu constrangida. — Você deveria ter me contado, querida.

— Era impossível, Melissa. Você era minha rival, ao menos na minha cabeça, era minha rival.

— Eu sinto muito — disse-lhe Melissa com o coração apertado diante das revelações de sua irmã.

— Depois de uns 2 meses da partida de vocês, eu descobri que estava grávida do Ricardo.

Melissa levantou chocada.

— Grávida! Meu Deus, Maitê! Você ficou grávida do Ricardo, enquanto eu embarquei com ele para fora do país grávida do Pedro. Você deveria ter tentado entrar em contato com ele ou com os pais dele. O Ricardo jamais recusaria assumir a responsabilidade por um filho.

— Eu sei... mas assim como você, eu estava machucada e não queria que

ele voltasse ao Brasil apenas pelo filho que esperava.

— E o bebê? — As lágrimas se intensificaram no rosto de Maitê e Melissa compreendeu o que havia acontecido. — Você não vai me dizer que...

— Sim, Melissa. Eu fiz um aborto. Eu matei o meu bebê. — Melissa caiu de joelhos no meio das pernas da irmã e começou a chorar. — Eu não sabia o que fazer. Papai iria me matar se soubesse... eu procurei uma clínica clandestina, onde me prometeram que tudo daria certo, mas não deu certo. Acabei pegando uma infecção e quase morri. Se não fosse Pedro me tirar daquele lugar, teria morrido sozinha. Eu deveria ter morrido mesmo. O que fiz com meu bebê não merece perdão. Deus me castigou ao me deixar viver.

— Não fale assim. Deus apenas lhe concedeu uma segunda chance, minha irmã.

— Você não entendeu ainda. Eu não posso ser mãe. Matei meu filho e fui castigada, nunca mais poderei gerar um filho, Melissa. E olha só no que deu... me transformei numa mulher amargurada e seca, ressentida e que vive de sobras, como Maia falou.

— Não fala assim, Maitê. Eu a amo tanto... — Melissa soluçava. — O que Maia fez com a gente?

— Ela não fez nada, não comigo. Chega de responsabilizar os outros pela minha falta de reação. Fui a única responsável pelo que aconteceu comigo e está na hora de assumir as consequências das decisões que tomei e as rédeas de minha vida. Por isso, assim que tudo estiver resolvido, quero deixar a mansão, o escritório, tudo para trás e reconstruir minha vida. Com você aqui, ao meu lado, eu me sinto forte para isso.

As duas irmãs se abraçaram e permaneceram em silêncio por um longo tempo até Melissa quebrá-lo.

— Maitê, não posso mudar o passado, mas posso prometer para você que farei o possível para vê-la feliz. Nunca mais você estará sozinha, irmã.



Na semana seguinte, Melissa se despediu das crianças e de Pedro e decidida, subiu as escadas até o sótão da mansão. Má avisara que as coisas da falecida mãe, que não foram doadas, haviam sido depositadas no sótão. Com a posse das chaves entregues pela governanta, Melissa destrancou a porta, fazendo com que um forte odor de mofo chegasse ao seu nariz. Procurou o interruptor e acendeu a lâmpada. Espirrou devido à quantidade de poeira acumulada nos lençóis que cobriam os móveis. Atravessou o quarto e chegou até uma das janelas, precisava deixar entrar um pouco de ar puro. Começou a descobrir os móveis, jogando os lençóis em um canto, procurando por uma poltrona para sentar e começar a desvendar o misterioso passado de sua mãe.

Depois de uma pequena pausa, Melissa levantou da antiga poltrona e foi em direção a um baú branco, em estilo colonial. A tampa do baú era pesada e teve que se esforçar para abri-la. Encontrou um vestido que parecia ser de noiva e um par de luvas. Puxou o vestido para fora, admirando a riqueza dos detalhes bordados. No fundo do baú, encontrou um exemplar da Hora da Estrela, o que parecia ser uma das primeiras edições do famoso livro de Clarice Lispector. Ao folheá-lo, deixou cair uma rosa seca e na folha de rosto, encontrou uma dedicatória:

À mais linda debutante de Santa Bárbara, com amor F.

Melissa olhou novamente para o vestido. Foi então que percebeu que não era um vestido de noiva e sim um vestido de debutante. Provavelmente, o vestido que sua mãe usou ao ser apresentada à sociedade de Santa Bárbara. Mônica Leite de Azevedo era filha única de uma rica e tradicional família da região, uma das famílias fundadoras de Santa Bárbara e com certeza foi apresentada à sociedade quando atingiu a idade de 15 anos.

Guardou o vestido de volta ao baú, mas levaria consigo o livro. Desempilhou algumas caixas e, ao abri-las, descobriu vários álbuns de fotografias, folheando alguns com cuidado. Também encontrou fotos de uma garota loira de olhos azuis, era sua mãe. Rodolfo sempre dizia que Melissa era muito parecida com a mãe quando jovem. Encontrou um álbum decorado com pequenas filigranas douradas: *Lembrança das bodas de Rodolfo e Mônica*. Era o álbum de casamento de seus pais. Melissa se perdeu naqueles momentos. Quando criança, desejou ver as fotos do casamento dos pais. Rodolfo parecia feliz e extrovertido, mas a mãe, apesar de sorridente, tinha os olhos tristes. Em uma caixa manchada, encontrou fotos da mãe com ela e Maitê. Melissa não aguentou a emoção e caiu no choro. Não havia fotos dos quatro juntos, apenas de Melissa com os pais ou de Melissa com a mãe e a irmã. Aquilo lhe causou um mal-estar.

Melissa continuou a exploração e encontrou algumas relíquias como livros e peças de decoração dos anos 70 e 80. Separou-as para serem levadas para baixo. Destampou mais alguns móveis e encontrou uma escrivaninha em estilo colonial e carcomida pelo tempo. Tentou abrir a gaveta e não conseguiu. Algo lhe dizia que deveria dar um jeito de abri-la, mas precisava esperar Pedro chegar para poder ajudá-la. Saiu e fechou a porta do sótão, encontrando o pai no corredor.

— Melissa? De onde vem? Seu cabelo está cheio de pó. — Rodolfo a repreendeu.

— Ai... que susto, papai! Estava no sótão, separando alguns objetos antigos e estes livros. — Melissa apontou para as edições antigas de Clarice Lispector, Jorge Amado e Lygia Fagundes Telles. — Isto aqui é uma preciosidade, papai.

— Esta casa está cheia de livros. Sua mãe amava literatura como você, minha querida. — Melissa assentiu. Sentiu um forte desejo de perguntar ao pai mais sobre a mãe, mas ele não iria responder, seria inútil. — Filha, quero que saiba que eu a amo muito. Sei que está chateada comigo e tem me

evitado durante os últimos dias...

— Não entendo você, papai. Diz que me ama, mas não fez nada para que eu ficasse com o Pedro... — respondeu-lhe Melissa irritada. — E tem minhas irmãs, por que o senhor as evita e trata mal o tempo todo?

— Melissa, por favor. Dê-me uma chance de ser um pai melhor. Nos últimos anos, estávamos nos dando bem.

— O senhor não faz ideia do quanto me arrependo de ter deixado o senhor se reaproximar. Mas Ricardo insistiu tanto. Diga-me, que tipo de acordo você e Ricardo tinham? Não suporto mais viver no meio de mentiras.

— As palavras de Maia envenenaram seu coração. Eu apenas avisei Ricardo de que você havia saído como uma louca de casa. Eu liguei para ele, porque sabia o quanto lhe amava e por entender que ele seria a pessoa certa a lhe confortar naquele momento tão difícil. Acredite em mim, minha filha.

Melissa pediu licença ao pai e foi para o seu quarto. Havia muitas perguntas sem respostas e parte delas estava na ponta da língua do pai. Seria tudo mais simples se ele se abrisse, pensou.



Enquanto isso, Pedro tentava convencer Tereza a tomar seu sorvete. Era sábado e Melissa sugeriu que ele saísse sozinho com os filhos.

— Por favor, tome seu sorvete.

— Não gosto de *gelato* de morango. — A menina respondeu ao pai com a cara emburrada.

— Está bem, Tereza. Então, me diga qual sabor você gosta.

— Pai. — Joaquim falou. — Posso tomar o sorvete da Tetê? — Pedro assentiu. — Eu gosto muito de sorvete de morango. Depois do sorvete, podemos ir soltar pipa. O que acham da ideia?

— Vamos ver o que Tereza quer fazer depois do sorvete. O que você quer fazer minha filha? — Pedro perguntou à menina.

— Nada! Eu nem queria estar aqui para começar.

Pedro começava a perder a paciência com a filha.

— Tudo bem — respondeu. — Joaquim, está decidido, eu e você vamos soltar pipa.

Joaquim comemorou batendo palmas.

— E eu? — Tereza perguntou.

— Você faça o que quiser. Estou cansado de implorar sua atenção. Se quiser vir conosco, será bem-vinda, se preferir ficar, então fique. — A menina aprumou-se na cadeira e encarou o pai com olhar furioso. Ela era terrível, pensou Pedro.

Enquanto Joaquim corria de um lado para o outro do parque empinando sua pipa, Pedro sentou ao lado da filha.

— Vamos conversar Tereza.

— *Madona mia* — Ela bufou e Pedro riu. Sua filha era muito brava, sem dúvida alguma.

— Quero saber qual é o problema Tereza. — Ela se manteve calada. — O que há de tão errado em mim para você não me aceitar na sua vida ou na vida de sua mãe?

— Você não é *mio papa*. Ricardo é *mio papa*.

— De novo isso. Olha... não estou pedindo para você deixar de considerar o Ricardo seu pai. Sei que ele foi importante para você, mas não seria possível me dar uma chance de ser seu pai também? Você está me castigando, é isso? Castigando-me por ter abandonado você e sua mãe? Pois saiba que eu não sabia de sua existência quando sua mãe foi embora. Se eu soubesse que você já estava na barriga dela, eu nunca a teria deixado ir para longe.

— Eu sei. Vovó Sofia me contou isso. — Tereza soltou mais calma, começando a amolecer.

— Você gosta dos seus novos avôs e também do seu tio Mateus, não é? — Tereza confirmou com balançar de cabeça. — Então, por que você não me deixa fazê-la gostar de mim também? Eu a amo minha filha, e sabe por quê? Porque você é o resultado do meu amor por sua mãe. Você é o presente que Melissa me deu. — Uma lágrima escorreu do olho de Pedro. Sentiu-se um idiota completo por aquela lágrima, mas ele queria muito que a filha o amasse.

— E meu pai Ricardo?

— Ele continuará sendo seu pai, querida. E continuará olhando por você lá do céu. Ricardo e eu éramos muito amigos, quase irmãos.

— Verdade?

— Sim.

— Então, ele não ficará triste se você for meu pai também?

— Eu acho que não, princesa.

— Então, eu quero tentar... tentar ser sua filha. Eu gosto do Joaquim, ele é um bom irmão e mamãe ficará muito feliz também.

Tereza abriu os bracinhos e agarrou o pai pelo pescoço. A felicidade não cabia dentro do peito de Pedro. Tereza, sua filha, não havia dito que o amava, mas que queria tentar e isso era um bom começo. Joaquim chegou e se atirou em cima dos dois. Risadas foram ouvidas do outro lado do parque.



Pedro entrou no quarto cantarolando, sentindo-se feliz. Melissa estava sentada na cama, absorta em um dos livros que encontrou no sótão.

— Olá, meu amor. Linda tarde, não acha? — Pedro deitou ao lado da mulher e puxou-a para cima de seu corpo. Excitou-se com seu toque, exalando o frescor de sua pele recém-banhada. — Amo você, querida.

— Humm... quanta animação. — Melissa correspondeu suas carícias mordiscando seu lábio inferior.

— Estou feliz meu amor. Tereza resolveu me dar uma chance como pai. Precisamos comemorar. — Abraçou-a mais forte contra seu corpo.

— Você é impossível. — Ela riu e Pedro foi incapaz de resistir ao impulso de tirá-la de dentro do vestido.

— Estou tão feliz. Sinto-me cheio de vida e energia, Melissa — falou-lhe, tirando a camiseta e puxando a calça para baixo. — Cheio de vontade de fazer mais filhos com você, o que acha?

— Filhos? — Melissa gemeu com uma mordida embaixo do seio. — Você só pode estar brincando. — Pedro mexeu a cintura de modo que sua amada se certificasse que não era brincadeira. — Ohhh... meu Deus. — Ela soltou. Pedro avançou para dentro de seu corpo, fazendo-a soltar um gemido e declarar-lhe seu amor incondicional. — Eu o amo tanto.

— Eu também amo você meu amor. — Pedro respondeu-lhe, tomado do desejo de fazê-la sua.

A felicidade transbordava pelos poros de Pedro. Ele tinha Melissa em seus braços, quente e suave como sempre deveria ter sido. O prazer aquecia seu sangue a cada toque da mulher em seu corpo. Fazer amor com Melissa era mais do que uma junção de corpos, era uma troca constante de promessas de amor eterno. Ela respondia com o mesmo desespero e paixão, doava-se por inteira a ele.

Depois de fazerem amor, Melissa relaxou entre os braços de Pedro.

— Preciso de sua ajuda, meu bem. — Pedro beijou a testa da loira. — Encontrei uma antiga escrivaninha no sótão. Acho que foi de minha mãe, mas não consigo abrir a gaveta.

Uma batida na porta foi ouvida.

— Mamãe. *Mama*. — Era Tereza.

— Só um momento, filha. — Melissa gritou, tratando de vestir-se. Pedro também levantou rapidamente para tomar a direção do banheiro aos tropeços. Os dois precisavam de uma lua de mel decente, pensou desapontado. Melissa avisou que acompanharia a filha até o quarto, sabendo que ela nada queria além do que chamar a atenção da mãe.

Minutos mais tarde Melissa e Pedro conseguiram abrir a gaveta da antiga escrivaninha. Encontraram vários diários de Mônica e um punhado de cartas antigas. Melissa não via a hora de começar a lê-los. Aqueles papéis e cadernos continham a história da sua mãe, uma história misteriosa, que seu pai fez questão de esconder a todo custo.



No dia seguinte, Pedro, Melissa e as crianças almoçaram na casa de Sofia e Mário. O almoço de domingo havia se transformado em um agradável hábito. Melissa sentia-se confortável na presença da família Rodrigues e Tereza sentia-se mais feliz e solta com o pai. Maitê também havia se reaproximado da irmã e as duas voltaram a ser confidentes e inseparáveis.

Na segunda-feira, Melissa foi até o escritório a fim de reunir-se com Rafaela. Precisava dar andamento ao inventário de bens do falecido marido. Pedro sugeriu que contratasse a advogada e ela aceitou a indicação.

— Não se preocupe Melissa. Darei andamento a todas as medidas cabíveis. Nunca faço serviços meia boca. — Rafaela falou para Melissa.

— Confio em sua competência Rafaela.

— Então você e Pedro finalmente resolveram as diferenças. — Melissa corou e endireitou-se na cadeira. — Calma... não tive a intenção de soar insensível. Eu e Pedro fomos muito chegados. — Melissa não gostou nada do comentário, fazendo-a se sentir enciumada. — Fique tranquila, querida. Pedro sempre só teve olhos para você. E, com todo o respeito por você e por meu amigo, se ele voltar a bancar o babaca, saiba que estou disponível.

Melissa não podia acreditar no que acabava de ouvir. A advogada acabava de lhe passar a mais descarada cantada que recebeu na vida. Uma voz chegou aos seus ouvidos.

— Não acredito que você está cantando a minha mulher Rafaela. — Pedro acabava de chegar.

— Eu? — Rafaela se fez de desentendida para espanto de Melissa.

— A senhorita mesmo... fique sabendo que não pretendo nunca mais bancar o babaca. Não haverá espaço nem para você, nem para outra pessoa na vida de Melissa. — Pedro estendeu a mão para Melissa que aceitou, puxando-a para um beijo carinhoso. — Não é meu amor?

— Está certo. Eu entendi... agora, os dois poderiam terminar isso aí em outro lugar? — Rafaela riu. — Darei início ao inventário de Ricardo. Mais adiante, precisamos definir a paternidade de Tereza. Pedro me adiantou que quer assumi-la.

A advogada acompanhou o casal até a porta e despediu-se. Pedro pediu que Melissa o aguardasse na recepção, pois ele iria até sua sala buscar as chaves do carro, para juntos buscarem as crianças na escola. Tempo suficiente, para Humberto se aproximar de Melissa com segundas intenções.

— Olha quem está aqui, se não é a mais bela de Santa Bárbara.

— Boa tarde Humberto. — Melissa o cumprimentou, estendendo a mão. — Como tem passado?

Humberto pegou a mão de Melissa e levou-a aos lábios.

— Tenho passado bem, embora confesso que senti saudades de você. — Hoje era o dia das cantadas, Melissa pensou constrangida. — O que acha de sairmos para jantar um dia desses? — Tentou puxar a mão de volta, mas o advogado não deixou. Pelo contrário, segurou-a com mais determinação e acariciou a face macia de seu rosto. — Gosto de você, Melissa. Podíamos...

Melissa levou um susto assim que Humberto foi jogado contra um aparador.

— Tire as mãos dela! Nunca mais ouse colocar um dedo em cima da

minha mulher, seu cafajeste. — Pedro estava enfurecido, segurando o colarinho da camisa de Humberto com força.

— Meu Deus! Pare com isso Pedro! — Melissa puxou Pedro pelo braço. — Ficou louco?

— Cara, eu não sabia que haviam reatado. — Aliviado, Humberto soltou-se do aperto de Pedro. Desculpou-se com a filha do chefe e voltou para sua sala como se nada tivesse acontecido

— O que foi aquilo? — Melissa perguntou.

— Eu que pergunto o que foi aquilo, Melissa? Nunca mais deixo você sozinha no escritório. — Pedro pegou-a pela cintura e puxou-a para perto de si. — Você é só minha. Não suporto vê-la com outro ou... outra. — Melissa riu e tratou de beijá-lo. Os anos o havia tornado ainda mais ciumento.



Durante a semana, Melissa ficou ocupada com seu trabalho de tradução e leitura dos diários da mãe, além dos cuidados com as crianças. Joaquim era um menino calmo e muito amoroso, o oposto de sua irmã Tereza, uma menina de espírito livre e aventureiro. As semelhanças entre ela e Pedro tornavam-se mais evidentes agora que passaram a conviver sob o mesmo teto.

Na quarta-feira, Melissa tirou a tarde para ler os diários da mãe. Havia chegado ao terceiro caderno e estava empolgada com as descrições minuciosas do cotidiano escritas pela mãe. Mônica contava com 17 anos e tinha o desejo de ir para a capital cursar uma faculdade.

Não vejo a hora de vê-lo. Sim, meu querido F. retornou para Santa Bárbara e espero que fique mais tempo desta vez. Eu o amo tanto. Tinha certeza de que ele iria me procurar. Quero-o tanto que chega a doer meu coração. F. continua lindo, apesar de parecer mais alto, mas acho que foi apenas impressão pelo tempo em que ficamos sem nos ver. Ele falou que sentiu saudades e nem um de nós foi incapaz de manter-se afastados, ele acabou me beijando e eu correspondi. Senti borboletas no meu estômago.

Sua mãe havia se apaixonado na adolescência e não havia sido pelo seu pai, como Melissa imaginara. Mas quem poderia ser F.? Intrigou-se.

Resolveu pular algumas páginas do diário.

Foi perfeita nossa noite. F. e eu simplesmente fomos feitos um para o outro. Agora tenho 18 anos e não sou mais uma menina. Sim, eu e F. nos amamos como homem e mulher. Não me arrependo de ter entregue minha pureza ao homem de minha vida. Sei que há muitas coisas a serem superadas para podermos viver nosso amor de forma plena e sem impedimentos. Nossa diferença de classe social tem-se mostrado um obstáculo terrível, mas estou determinada a enfrentar qualquer coisa em nome desse amor. Quando papai descobrir meu envolvimento com o filho de um simples arrendatário ficará furioso. Não importa, eu e F. nos amamos e tenho certeza de que esse amor é forte o suficiente para manter-se firme. Sinto muito, mas papai terá que entender. Talvez no início, ele não aceite nosso namoro, mas acredito que com o tempo irá se acostumar. Papai me ama e certamente irá querer minha felicidade.

Melissa não conseguiu evitar derramar lágrimas. Como a mãe, Melissa havia se apaixonado perdidamente por um rapaz de origem mais simples, havia idealizado, sonhado com um amor puro e forte o suficiente para resistir a tudo. Naquele momento, Melissa compreendeu as palavras do pai: “você é sonhadora como sua mãe.” Determinada, avançou na leitura.

Passamos o último mês nos encontrando sorrateiramente. F. quer enfrentar meu pai e pedir minha mão em noivado. Sinto orgulho de sua força e caráter, é um homem bom e direito. Por outro lado, não me sinto forte o suficiente para enfrentar a ira de meu pai. Temo que ele não compreenda bem nosso amor e acabe por nos afastar. Papai tem uma boa alma, mas é um sujeito muito tradicional. Tem se mostrado intransigente nos últimos dias, principalmente, depois de me ver conversando com F. no jardim.

Não sei mais o que fazer. Minha menstruação está atrasada há mais de 2 meses. De início, eu achei que era um atraso comum, nunca fui muito regulada. Eu acredito que esteja grávida. Não posso contar ao F. sobre o bebê. Estou convicta de que irá confrontar papai e não é o melhor momento para fazê-lo. Papai expulsou os arrendatários de nossas terras e entre eles a família de F. Algumas famílias recusaram-se a sair, provocando uma disputa sem precedentes em Santa Bárbara. Temo pela vida de F. e de seus

familiares. Papai anda tão descontrolado que não me surpreenderia em nada se viesse a tomar alguma atitude insana. Advogados entram e saem da nossa casa o tempo todo. Mamãe está mais depressiva do que nunca. Passa horas dormindo e mal tem tempo para conversar comigo. Não suporto tudo isso. Na semana passada, ela e papai tiveram uma discussão horrível, depois disso, ela se trancou no quarto e nega-se a falar com qualquer um. Papai desconversa, mas sei que está dormindo em um dos quartos de hóspedes.

Melissa correu os olhos rapidamente pelas linhas do diário de Mônica. Precisava encontrar a comprovação da gravidez da mãe. Pensamentos e linhas de raciocínio começavam a se formar em sua mente. Se sua mãe realmente estivera grávida, o que haveria acontecido com a gravidez ou com o bebê? Dez páginas depois, encontrou algumas anotações que poderiam esclarecer alguma coisa. Com mais atenção, deteve-se ali.

Não há mais dúvidas, estou realmente grávida de F. Provavelmente, devo estar com mais de 2 meses. Criei coragem e resolvi contar para meu amado F. sobre nosso bebê. Mas tudo correu mal. Papai, desconfiado com meu comportamento, seguiu-me até o jardim e me viu aos beijos com F. Foi horrível. Papai desferiu um soco em F., atingindo-o no olho esquerdo. F. revidou e acertou o queixo do meu pai com a canhoto. A pancadaria somente não evoluiu porque eu me coloquei entre os dois. Papai me puxou pelo braço, ameaçando F. e sua família de morte. Precisei entrar com ele, pelo bem do F. Acabei tendo uma discussão horrível, passei mal na frente do meu pai e ele vivido como é, descobriu que estou grávida. Depois disso, trancou-me no quarto. E, aqui estou eu, trancada no quarto há 5 dias, sem ter contado ao pai do meu filho que estou grávida. Papai apenas me disse que daria um jeito. Temo pela vida do meu bebê. A cozinheira da casa fez chegar através da bandeja de comida uma carta de F. Ele me propôs para que fujamos dentro de alguns dias. Não sei mais o que fazer. Estou perdida. Minha cabeça dói muito, não para nada no meu estômago, sinto-me esgotada. Por que tudo tem que ser tão difícil, meu Deus?

Cinco dias depois, Mônica volta a registrar suas emoções.

Nunca pensei que a gravidez pudesse ser tão difícil. Passo a maior parte

do tempo enjoada e tendo náuseas. Continuo trancada no quarto sem ver ninguém. Hoje pela manhã, papai esteve aqui para comunicar que irei me casar e que já está tudo planejado e acertado com o noivo. Dentro de 10 dias, estarei casada com Rodolfo, o filho do meio dos Leite de Azevedo, que acabou de chegar da capital, formado em Advocacia. É claro que papai comprou um noivo de família tradicional para mim. A família Leite de Azevedo tem tradição, mas está completamente falida. Para piorar a situação, F. me mandou mais um bilhete, avisando que seu pai foi baleado e que estão saindo da cidade dentro de 5 dias. Ele quer me levar junto, mas papai colocou dois guardas na minha porta. Toda minha comida, os objetos que entram e saem, até os empregados são revistados. Não consigo enviar qualquer bilhete para F. e não será fácil sair daqui para encontrá-los. Não sei o que fazer, estou completamente perdida. Ao menos, papai não fará com que eu tire o bebê como imaginei. Isso foi um alívio.

Melissa perdeu-se nas páginas do diário da mãe. Descobriu que a mãe casou-se com o pai, por não conseguir ir ao encontro de F. Mônica pareceu se conformar com seu destino. F. saiu da cidade como prometido, sem deixar qualquer pista de seu paradeiro. Depois de 7 meses, Mônica deu à luz a uma saudável menina, a quem chamou de Maitê, em homenagem a sua avó materna, a quem muito amou. Ela e Rodolfo passaram a viver na capital, a fim de despistar o nascimento precoce de Maitê e para evitar falatórios.

Melissa estava chocada com a descoberta, sua irmã Maitê, na verdade, era sua meia-irmã, fruto de um relacionamento de sua mãe com outro homem. Não conseguia conter a emoção e desandou em lágrimas. Tudo passou a ter sentido para Melissa. O desprezo e a frieza de Rodolfo com Maitê estavam explicados. Ele não era o pai de sua irmã mais velha.



Pedro encontrou Melissa encolhida e agarrada em um travesseiro aos prantos, o que o deixou desesperado.

— Querida, o que aconteceu? — Melissa não conseguia falar. — Meu Deus, Melissa... fala comigo. — Pedro pegou-a e puxou-a para seu colo, queria olhá-la. — Olhe para mim, querida. Alguém lhe machucou, alguém lhe feriu? — Ela apenas negava com a cabeça. — Diga-me a verdade, meu... se aquele insensível do seu pai chegou a falar alguma coisa para você, juro que o respeito que me restou por ele não será suficiente para me impedir de acabar com sua raça.

— Ai Pedro... — Melissa conseguiu soltar, mas ainda com a voz embargada.

— Ai o quê? Onde dói? Melissa, meu amor, você está me deixando nervoso.

— Pedro, eu descobri uma coisa muito séria nos diários de mamãe.

Melissa contou toda a história que havia descoberto sobre o casamento dos pais, sobre o nascimento de Maitê e sobre a existência de um homem chamado “F”. na vida de sua mãe. Pedro tentou confortá-la. — Querida, o que você acaba de me contar explica muita coisa, o comportamento frio de seu pai com Maitê. Estou perplexo.

— Eu também fiquei... para falar a verdade, ainda estou chocada com tudo isso.

Pedro secou as lágrimas dos olhos de Melissa. — O que pretende fazer? Acredito que a Maitê deve ser avisada sobre o que você descobriu.

— Sim, ela precisa saber que o papai, quer dizer o meu pai não é o pai dela. Mas não sei quando falarei. Acho melhor terminar a leitura de todos os diários e ainda preciso ler as cartas. Gostaria de ter mais pistas sobre o nome e o paradeiro do pai biológico de minha irmã antes de contar para ela.

Pedro concordou e puxou Melissa para perto de seu rosto a fim de beijá-la. — Tudo vai ficar bem, meu amor.

— Pegou-a pelo pescoço e depositou um beijo terno e delicado. O atrito de seus lábios nos de Melissa acendeu fagulhas no seu interior. Invadiu-a com a língua. Melissa deixou-se levar inebriada pela doçura dos lábios de seu amado. Todos os problemas se dissiparam, só restaram os dois ali, unidos pelo aconchego dos corpos.

Melissa decidiu permanecer no quarto, por não querer encarar o pai e a irmã depois de ter ficado sabendo da verdade. Além de tudo, estava com os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar. Pedro, a seu pedido, foi ao encontro das crianças. Ela não queria deixá-los sozinhos durante o jantar. Pegou o terceiro dos diários de Mônica e concentrou-se nele.

Minha pequena e linda Maitê está com 2 anos e eu me encontro grávida novamente. Rodolfo está feliz com a notícia, afinal, dessa vez o filho é dele. Espero do fundo do meu coração que o nascimento de um filho de sangue o torne mais carinhoso com a minha querida Maitê. Ele não a trata mal e sempre aceitou minha pequena como filha, sequer toca no assunto dela não ser sua filha biológica. Meus sogros também a tratam como uma legítima Leite de Azevedo. Não permitiria que fosse diferente afinal, o meu dinheiro salvou-os da falência. Porém, vejo amargura no olhar de meu marido. Ele fala que me amava antes mesmo do anúncio do nosso casamento. É estranho, pois nunca havia percebido sequer um olhar da parte dele. Provavelmente, porque estava ocupada demais com o amor de F., aliás, minha filhinha Maitê lembra seu pai biológico. Os cabelos castanhos escuros, assim como os olhos negros, são de seu pai. Ela é tão linda e perfeita, um pedacinho do meu grande amor, um pedacinho que F. me deixou. Minha gravidez já está avançada. Rodolfo queria me levar para a capital para fazer um exame de ultrassonografia, ele deseja muito saber o sexo do bebê, mas eu não quero, sei que será outra menina e até já escolhi um nome para ela: Melissa.

Escolhi este nome para minha bebezinha, porque representa a alma e a sabedoria. Sinto que minha Melissa terá uma alma boa e sábia e será uma boa irmã mais nova para Maitê.

O coração de Melissa parecia sair pela boca. Sua mãe a amava desde sempre. Como gostaria de ter tido a oportunidade de abraçá-la. Ela e as irmãs não conseguiam lembrar direito da mãe, eram pequenas demais quando a mãe morreu e as lembranças foram, aos poucos, desaparecendo. Vez ou outra, Melissa conseguia recordar alguma coisa, mas sempre eram lembranças vagas demais.

Minha doce e querida Melissa veio ao mundo cheia de saúde. Rodolfo se apaixonou assim que colocou os olhos na filha. Ela é linda, tem os cabelos dourados como eu e Rodolfo jura que terá o mesmo azul dos meus olhos. A probabilidade genética que Melissa tenha olhos azuis é alta, minha sogra tem olhos azuis também, embora os olhos de Rodolfo sejam castanhos amendoados. Desisti de saber do paradeiro de F. Que Deus não tenha permitido, mas eu acho que papai tem dedo nisso. Apesar do meu casamento não ter sido por amor, Rodolfo tem se esforçado para me fazer feliz. Sinto-me mal por não corresponder ao amor dele. Às vezes, eu acredito que ele saiba da verdade e a culpa que sinto se torna insuportável. Tenho procurado me agarrar na existência das minhas amadas filhas. Papai está muito doente e que Deus me perdoe, mas não sinto a mínima vontade de visitá-lo. Ele fez tanto mal ao me separar do amor de minha vida. Como sou filha única, Rodolfo tem tomado a frente dos negócios de papai. Mamãe se recusa a estar ao seu lado em seus momentos finais. É estranho, mas isso não me choca. Ela e papai sempre brigaram mais do que qualquer coisa. Preciso parar por aqui, Melissa chora no berço.

Melissa alisou seu nome na folha de papel, como se pudesse se conectar com aquele momento, com sua querida mãe. Ela era filha de Rodolfo e Maitê não. Não conseguia pensar em outra coisa a não ser no fato de que seu pai sempre havia a amado mais do que sua irmã mais velha. Os laços de sangue seriam assim tão fortes? Se ela tivesse tido um filho com Ricardo, ele amaria mais este filho do que Tereza? A resposta não seria dada, mas algo dentro dela, dizia que Ricardo não seria capaz de amar menos Tereza por ela não ser sua filha biológica. Deu-se conta, então, de que sua história acabou repetindo

a de Mônica, sua mãe.

A viúva virou a página do diário e percebeu que um salto de quase 3 anos fora dado. O nascimento de Maia se aproximava e com isso, a morte de sua mãe. Um arrepio gelado tomou conta do corpo de Melissa. Ela hesitou por um instante. Não sabia se teria coragem suficiente para descobrir a verdade sobre os últimos anos de vida da mãe. Respirou profundamente e armou-se de toda a coragem para seguir em frente.

Não suporto mais meu casamento. Sinto-me presa, sufocada. Eu tentei, juro que tentei amar meu marido. O que posso fazer se meu coração sempre pertenceu a outro homem? Rodolfo reclama que não o procuro e que apenas o suporto na cama. Se eu pudesse desaparecer, desapareceria para sempre. Não suporto ser tocada por ele. Gostaria de ter coragem para pegar minhas filhas e sair de casa. Eu tenho dinheiro para nos manter, papai me deixou muitos bens e uma herança milionária. Se eu soubesse onde F. está. O desgraçado do meu pai levou para o túmulo esse segredo. Minha mãe... bem, não há muito o que falar da minha mãe. Passa a maior parte do ano no exterior, aproveitando o dinheiro do meu pai. Sequer veio para o aniversário de Maitê, a quem chama de bastarda. Eu a odeio por isso, eu a odeio por não ter sido uma mãe presente. Rodolfo só tem olhos para Melissa. Maitê o ama tanto como pai. Esforça-se tanto para que ele sinta orgulho dela. Tento não culpá-lo por isso, mas não consigo. Ele faz minha menina sofrer e isso está acabando comigo. Meu conforto é saber que Melissa ama sua irmã. Melissa é tão doce e amável, uma menina adorável, o único elo capaz de nos unir como uma família. Tentei conversar com Rodolfo sobre nossa delicada situação, mas ele não conseguiu compreender. Ameaçou tirar minhas filhas de mim se eu ousar tocar novamente no assunto divórcio.

Melissa fechou o diário e olhou o relógio, passava das 9 horas da noite. Sentia-se esgotada, não conseguiria prosseguir, não naquele momento. Precisava sentir o cheiro e o calor de sua filha. Encontrou Pedro com as crianças no quarto de Tereza. Os três riam e aquela cena aqueceu seu coração, uma imagem que jamais se apagaria de sua mente. O homem a quem sempre amou ao lado de sua filha, sua amada Tereza. Havia também Joaquim, a quem já considerava como um filho. Eram uma família, com vários problemas, ela sabia, mas eram uma família. Agradeceu

silenciosamente a Deus pela sua segunda chance. Aproveitou e fez uma prece para que Deus os mantivesse unidos e capazes de superar todas as dificuldades.



Melissa acordou mais animada, desceu para o café da manhã e atendeu carinhosamente às crianças, auxiliando-as nos deveres de casa. Para seu alívio, Rodolfo havia saído cedo, uma vez que pretendia visitar Maia na clínica. No meio da manhã, encontrou com Maitê na piscina.

— Bom dia, Melissa. — Cumprimentou-lhe a irmã.

— Bom dia, querida.

— E a sua dor de cabeça?

Pedro havia avisado que uma forte dor de cabeça foi a desculpa dada ao sogro e à cunhada para justificar sua ausência durante o jantar.

— Estou melhor, Maitê.

— Você está estranha, Melissa.

— Não é nada demais. Apenas estou preocupada com tudo que vem acontecendo. — Melissa tentou desconversar. — Apesar de tudo o que Maia me fez passar, a minha separação forçada de Pedro, não consigo deixar de me preocupar com ela. Estou tentando reunir coragem para visitá-la na clínica. Porém, sinto medo da reação dela ao me ver. Com certeza, irá me culpar pela sua internação.

— Tem sido muito difícil. Maia também não quer me ver. A muito custo, iniciou um acompanhamento psicológico. O Doutor Tadeu conversou comigo a respeito, explicou que temos que ter muita paciência com ela. Gostei muito do médico, Melissa. Parece-me um ótimo psiquiatra e foi muito bem

recomendado pelo pessoal da clínica.

— Parece que você ficou muito impressionada com esse psiquiatra. — Melissa abraçou a irmã.

Maitê corou envergonhada.

— Acho que sim, irmã. Ele é muito bonito. Mudando de assunto, quem sabe podemos ir juntas visitar Maia? — Melissa concordou com a cabeça. — Querida, preciso ir... estou atrasada para o trabalho. — As duas irmãs se despediram.

Depois do almoço e de deixar as crianças na escola, Melissa trancou-se no seu quarto, estava determinada a terminar a leitura dos diários da mãe.

Não posso acreditar no que meus olhos viram. Era ele quem eu vi no Centro da cidade, F. está de volta a Santa Bárbara. Meu coração disparou ao reconhecê-lo. Ele também me reconheceu. Um simples trocar de olhares e acabamos escondidos em um beco, trocamos beijos e carícias. Absolutamente nada mudou entre a gente. O mesmo amor, o mesmo desejo, a mesma faísca explosiva de antes. Ele me contou que precisaram se mudar de Santa Bárbara pelas ameaças de morte de meu pai, que tentou me tirar da prisão que havia se tornado minha casa, que estava de volta para me buscar e que sentiu muito ao saber que eu havia me casado. Precisei contar sobre Maitê, que minha querida Maitê é sua filha. Ele ficou tão feliz ao saber. Precisei contar sobre Melissa. Estava com receio, mas F. foi compreensivo, falou-me que podemos levar Melissa junto e que seria um bom pai para ela. Ele estava muito animado. Depois disso, dei um jeito de despistar o motorista e fomos para um motel, nos amamos e renovamos nossas promessas de amor um para o outro.

Desde então, passaram-se 3 meses. Eu e F. nos encontramos frequentemente. Rodolfo anda desconfiado com meus sumiços durante as tardes. A situação só piorou quando me mudei para o quarto das meninas e tenho me recusado a me deitar com ele. Brigamos muito. Não o suporto mais. F. acha que devemos deixar tudo para trás, fugirmos nós dois e as meninas. Se fosse apenas eu... eu iria. Deixaria tudo para trás e iria viver uma nova vida. Mas me preocupo com minhas filhas, elas são tão pequenas. F. começou a pouco a trabalhar como fotógrafo e eu não tenho nenhuma formação. Tenho medo que Maitê e Melissa passem por necessidades quando eu ainda tenho boas condições financeiras. É tão injusto não poder dispor do

meu dinheiro livremente.

Na noite anterior, Rodolfo nos surpreendeu saindo de um motel. Foi horrível. Ele estava armado e não me restou alternativa a não ser acompanhá-lo até nossa casa. Rodolfo falou coisas horríveis de mim. Vingativo, deu ordens para que não me deixassem sair da mansão e tem sido tão cruel com Maitê. É claro que ele sabe que F. é o verdadeiro pai de Maitê e, propositadamente, tem a maltratado, pois sabe que essa é a maneira mais fácil de me fazer sofrer. Implorei pelo divórcio, cheguei a me ajoelhar, mas ele se recusa a dá-lo.

O coração de Melissa parecia saltar pela boca. Era muita informação para sua cabeça. Ela precisava descobrir quem era F. Algumas páginas à frente, ansiando por respostas, retomou a leitura.

Faz 5 dias que não piso fora da mansão, sequer ao jardim me deixam ir. Como na época do papai, fui feita prisioneira em minha própria casa. Rodolfo tem me castigado e me mantém afastada das minhas filhas. Melissa chora muito por sentir minha falta. Maitê é mais crescidinha e tenta consolar a irmã. Tem sido tão difícil. Voltei para o mesmo pesadelo do passado, porém, dessa vez é Rodolfo e não meu pai quem me encarcerou. F e eu trocamos algumas cartas. Rodolfo o procurou e o ameaçou de morte. Minha menstruação está atrasada e tenho certeza de que estou grávida, das outras vezes foi assim. Não sei o que fazer. Este novo bebê é do F., com certeza. Devo estar com umas 6 semanas e não pode ser de Rodolfo. Quando descobrir, ele me matará.

Melissa leu umas três vezes para se certificar de que não estava lendo errado. Maia também era filha de F. As idades batiam perfeitamente. Em resumo, apenas ela era filha legítima de Rodolfo. *Mamãe, o que a senhora foi fazer?* Melissa começou a chorar convulsivamente.

Rodolfo descobriu minha gravidez. Ele é um homem inteligente e deu-se conta de que o filho não é dele. Exigiu que abortasse. Às vezes, acredito que nunca terei paz ou serei feliz. Estou estressada, cansada de ser mantida presa num quarto, sinto falta das minhas meninas. Melissa foi trazida até mim há 2 dias atrás, porque chorava muito e se recusava a comer. Implorei

para que me deixasse ver também Maitê, mas Rodolfo se recusou. Ontem, ele voltou a falar em aborto. Disse-me que no final de semana, as meninas irão viajar com os avôs para a capital e só retornarão se eu aceitar tirar meu bebê. Caso contrário, serão mantidas afastadas de mim até o bebê nascer. Estou vivendo um inferno. É claro que não aceitei o aborto e peço perdão às minhas filhas, mas não posso matar a irmãzinha delas.

Melissa não conseguia conter as lágrimas. Seu pai era um monstro. Como pôde separá-las da mãe quando eram tão pequenas? Ela e Maitê foram mantidas separadas da mãe praticamente durante toda a gestação de Maia. A chantagem de Rodolfo continuou por um longo tempo ainda. O advogado exigiu que Mônica entregasse Maia para adoção assim que nascesse e como condição traria Melissa e Maitê de volta para a mansão. Mônica perdeu contato com F., devido o forte controle exercido por Rodolfo. A mulher deprimia-se cada vez mais à medida que escrevia cada vez menos. Um pouco antes do parto, Mônica não aguentando mais a pressão e a saudade de suas filhas chamou Rodolfo para uma conversa.

Rodolfo conseguiu superar meu pai em maldade. Não me restou alternativa a não ser aceitar parte dos seus termos. Eu sei que é a mim que quer e estou disposta a ser dele desde que devolva minhas filhas. Prometi que serei uma boa esposa, desde que eu consiga ficar com minhas 3 filhas. Ele prometeu que iria pensar a respeito, embora eu o sentisse vacilante quanto ao fato de assumir outra filha que não é sua. Foram longos cinco dias até Rodolfo entrar no quarto e dizer que aceitava minhas condições, mas que seria a última vez que seria tão condicente comigo. Não admitiria uma nova traição.

Então hoje, foi o dia em que pude abraçar minhas meninas. Maitê se mostrou um pouco distante e Melissa era só carinho. É estranho ver que a verdadeira filha de Rodolfo seja tão carinhosa e amável. Não deveria estar pensando nessas coisas, afinal, as duas são minhas filhas e as amo muito, assim como já amo minha pequena Maia. Com a chegada das meninas, Rodolfo me deu permissão para sair do quarto, inclusive posso passear com elas pelo jardim. Estou decidida a fazer as coisas funcionarem e por isso, vou procurar enterrar o amor que sinto pelo F. dentro de mim, para o bem das minhas filhas. Para começar, nunca mais escreverei. Despeço-me por

aqui.



Melissa não acreditou que havia chegado à última página do diário da mãe. Ela queria saber mais, saber o que a levou a cometer suicídio. Havia tantas perguntas ainda sem respostas. Largou o caderno em cima da cama e correu para a cômoda do outro lado do quarto. Abriu uma gaveta e tirou de lá o punhado de cartas amareladas, que estavam endereçadas à Mônica. Sentou-se em uma poltrona e desfez o nó que as prendiam. Todas estavam assinadas pelo F. O coração de Melissa disparou de emoção. As respostas às suas perguntas poderiam ser encontradas naquelas velhas cartas.

As primeiras cartas lidas por Melissa não revelaram nada que ela já não soubesse através dos diários da mãe. Por outro lado, a delicadeza e o amor se faziam presentes em cada palavra escrita por F. O amor de Mônica por F. era correspondido na mesma intensidade e Melissa sentiu uma tristeza profunda ao se recordar dos anos de sofrimento a separação de Pedro provocou em sua vida.

Uma das últimas cartas recebidas por Mônica chamou a atenção de Melissa. Ela foi escrita dois dias depois do nascimento de Maia.

Mônica, meu amor

Sinto saudades de você e a preocupação pelo seu estado de saúde me consome. Correm notícias pela cidade de que você passa por problemas de saúde gravíssimos. Muitos boatos surgiram sobre sua doença. Todos querem

saber o que de fato está acontecendo com você, o porquê de as crianças terem sido levadas para a capital. Como elas retornaram, presumo que você tenha se recuperado, meu amor. Tenho me mantido no anonimato para despistar seu marido, mas quero que saiba que não desisti de você e de nosso sonho de ficarmos juntos. Renovo a minha promessa de ser um bom pai para Melissa. Não me importa se ela não é minha filha biológica. Ela é linda como a mãe e meu coração já a fez minha filha. Não me importa também o tempo que teremos que esperar, só importa que, no final, ficaremos juntos, eu, você e as nossas filhas. Se esta carta chegou até você, significa que consegui colocar uma pessoa de minha confiança dentro de sua casa. Você poderá confiar nessa pessoa. Ela lhe ajudará a sair daí.

*Amo você, não esqueça.
F.*

A última carta escrita por F. para Mônica datava de 2 dias antes de sua morte. Melissa jamais esquecera o aniversário de morte da mãe, exatamente um mês depois do nascimento de Maia.

Mônica,

Daqui 2 dias, finalmente, nos reuniremos e fugiremos de Santa Bárbara para construirmos uma vida feliz, tenho certeza. Tudo já foi organizado. A nossa pessoa de confiança está a par dos detalhes do meu plano e lhe repassará as instruções do que você terá que fazer. Tente se manter calma e confiante, minha querida. Precisamos ter fé e tudo dará certo. Não se preocupe quanto ao futuro das crianças. Não tenho muito a oferecer no momento, mas meus pais e meus irmãos estão dispostos a nos acolher. Nossas meninas poderão não ter toda a riqueza que sua herança poderia proporcionar, mas crescerão cercadas de amor. Jamais esqueça o quanto eu a amo.

De seu F.

Melissa tremia da cabeça aos pés. Repassou as cartas a fim de se certificar de que nem uma havia sido deixada para trás, sentindo-se frustrada e tonta. O que poderia ter acontecido para que os planos de F. não dessem certo? Algo de muito grave havia acontecido e esse fato com certeza desencadeou na morte da mãe. Quem seria F.? Ele estaria vivo ainda? Eram muitas perguntas

sem respostas.

O desespero tomou conta de Melissa.

— Não entre em pânico agora, Melissa. — Ela falou alto. — Respira, respira fundo, Melissa. — Secou as lágrimas e olhou-se no espelho. — Meu Deus, Melissa... por que você tem que ficar com a cara marcada toda vez que chora como uma louca? Não posso sair desse jeito... papai pode me ver e desconfiar de algo e ele não pode sequer desconfiar do que acabei de descobrir.

Determinada, Melissa foi até o banheiro e ligou o chuveiro. Precisava controlar as emoções e nada melhor do que um bom banho para recobrar o juízo. Depois tomaria o rumo do escritório e encontraria com Maitê. Era chegada a hora de contar a verdade para sua irmã mais velha e estava segura de que Pedro a apoiaria.

Depois de vestir uma calça e uma blusa simples, penteou o cabelo, pegou a bolsa e a chave do carro. Ao descer a escada deu de cara com o pai.

— Até que enfim resolveu sair do quarto. — Rodolfo soltou, esperando que a filha lhe desse uma explicação convincente para seu sumiço.

— Papai, agora não... estou com pressa, tenho um compromisso de trabalho. — Melissa não queria explicar-se para o pai.

— Melissa, ninguém sai para um compromisso de trabalho com os cabelos molhados e vestindo jeans.

— Agora não, por favor. — Melissa deixou o pai falando sozinho e que ele pensasse o que quisesse. Estava cansada de esperar pela boa vontade do pai.



Ao chegar ao escritório, foi logo entrando na sala do Pedro. Encontrou-o sozinho e atirou-se no seu pescoço.

— Pedro. Achei que não conseguiria chegar até aqui. — Melissa começou a chorar, para desespero de Pedro.

— Melissa, meu amor... o que aconteceu? Algo com você? Com as crianças? Tereza caiu da casa da árvore de novo?

— Os diários... os diários de mamãe... — Melissa soluçava com os olhos vermelhos pelo choro que a tomava toda vez que se lembrava da história da mãe.

— Por Deus. Procure respirar fundo. — Pedro ligou e pediu que um copo de água fosse trazido até a sala. Acomodou Melissa no sofá e sentou ao seu lado. — Tente se acalmar para me contar meu amor.

Melissa contou todas as descobertas a respeito da vida de sua mãe e de seu pai. Pedro concordou que o melhor a ser feito era contar a verdade para Maitê.

Enquanto aguardavam a chegada de Maitê, Pedro refletiu e tirou algumas conclusões.

— Realmente, há muitas perguntas sem respostas. Por outro lado, é fato que a fortuna dos Leite de Azevedo foi refeita através da herança de sua mãe. Talvez seu pai não tivesse agido como um homem apaixonado que foi traído, mas também pela ambição e pelo medo de perder a galinha dos ovos de ouro.

— Sua hipótese faz sentido. — Melissa respondeu-lhe.

— Considerando essa hipótese, com as três filhas de Mônica sob o pátrio poder dele, era mais fácil controlar a herança da esposa.

— Claro... o que justifica o fato do meu pai suportar a presença de minhas irmãs.

— Precisamos ter acesso ao testamento do seu avô, Melissa.

— Meu Deus. Eu não posso acreditar que meu pai fez o que fez apenas pelo dinheiro. Ele sempre pareceu ter amado minha mãe. O sofrimento dele sempre foi tão real.

Melissa e Pedro foram interrompidos pela chegada de Maitê. — Não me diga que temos mais problemas? Vocês dois parecem ter acabado de sair de um velório. — Maitê exclamou, aflita com o chamado da irmã.

— Quase isso, Maitê. — Pedro respondeu. — Acho melhor você sentar. É melhor estar muito bem acomodada para escutar o que Melissa tem a lhe dizer.

Melissa repetiu toda a história para a irmã, que permaneceu petrificada, sem externar qualquer reação para espanto de Melissa e Pedro.

— Maitê, por favor, diga alguma coisa. — Melissa suplicou para a irmã.

— Não sei o que dizer, Melissa. Sei lá, eu me sinto aliviada.

— Aliviada? — Pedro estranhou a reação da cunhada.

— Sim... aliviada. Parece que me tiraram um peso enorme dos ombros. Não sou filha de Rodolfo Leite de Azevedo. — Maitê soltou uma gargalhada histérica. — Uma vida inteira tentando entender o porquê do desprezo de meu pai, o porquê não ser digna do seu amor. E agora eu tenho um por que,

eu não sou filha dele e tudo faz sentido. — Maitê começou a chorar. — Nem eu, nem Maia somos filhas daquele desgraçado. Só você, Melissa. Só você é filha dele. Aliás, você tem certeza de que é filha dele?

Melissa não estranhou a pergunta da irmã.

— Tenho sim. Mamãe escreveu que eu era sua filha.

— E o meu pai? Quem é meu pai verdadeiro? Onde podemos encontrá-lo? — A ansiedade ditava as ações de Maitê, fazendo-a cada vez mais determinada a descobrir suas verdadeiras origens.

— Este é o problema. Pelo o que Melissa me falou, não há maiores pistas quanto à identidade e o paradeiro do seu pai. Apenas sabemos que sua mãe o chamava de F. — comentou Pedro, deixando a cunhada ainda mais nervosa.



Depois de se certificar de que as duas irmãs estavam mais calmas, Pedro convenceu Melissa a encontrá-lo no chalé mais tarde. Ele iria buscar as crianças na escola e todos iriam se reunir para um fim de semana em família, já que assim ela desejava, por estar fragilizada com a história da mãe ser obrigada a ficar meses afastada das filhas, sem falar que temia por deixar os filhos sozinhos na presença de Rodolfo.

Maitê havia reagido de forma mais racional. Estava determinada a descobrir a identidade de seu pai biológico. Pedro, por sua vez, comprometeu-se em conseguir uma cópia do testamento de Enrico Belluno. Tudo deveria ser feito da forma mais sigilosa possível para que o sogro não ficasse sabendo de nada.

Pedro escutou uma batida na porta e mandou a pessoa entrar. Era Rafaela.

— Atrapalho? — A advogada perguntou

— Entre, Rafaela.

— Tenho notícias — disse-lhe a advogada, parecendo-lhe animada, mas ao mesmo tempo preocupada.

— Espero que boas. Depois do dia de hoje, mereço ouvir boas notícias.

Rafaela arqueou as sobrancelhas.

— Deixe-me contá-las e depois você decide se são boas ou ruins. — Pedro sinalizou para que Rafaela fosse adiante com as novidades. — Acabei de chegar de uma reunião com os Monteiros. Eles não pretendem contestar o

reconhecimento de Tereza como sua filha. Apenas impõem algumas condições.

Pedro socou a mesa.

— Sempre tem que existir uma condição, merda.

— Calma. Deixe-me terminar. Eles não se opõem, primeiro, por uma razão lógica, você é o pai biológico de Tereza e eles sabem disso. E, em segundo lugar, Ricardo deixou dito que se alguma coisa viesse a acontecer com ele e se você algum dia viesse a descobrir ser o verdadeiro pai de Tereza, ninguém deveria impedi-lo de reconhecê-la legalmente.

— É o mínimo. — Pedro bufou. — E quais são as condições?

— Com a correção da certidão de nascimento de Tereza, Ricardo deixará de ser o pai e, conseqüentemente, Tereza deixará de ser a herdeira do império dos Monteiro, pelo menos diretamente.

— Não enrola e seja mais direta, por favor. — Suplicou-lhe o advogado, temendo ouvir mais exigências descabidas.

— Enfim, os Monteiros deixarão um legado para sua filha e querem sua palavra de que não criará empecilhos para que a menina continue convivendo com eles. Eles querem que você, acima de tudo, respeite a memória de Ricardo. Há outra coisa...

— Mais?

— Sim. Ricardo deixou uma carta para você e os Monteiros contam com sua palavra e comprometimento de que irá lê-la.

— Eles sabem do que se trata?

— Não. A carta foi arquivada em um cartório. Só você terá acesso ao seu conteúdo.

— Bem a cara do Ricardo fazer esse tipo de coisa.

— Seu amigo parecia ser um sujeito meticoloso. Absolutamente tudo foi organizado antes de sua morte. Melissa e sua filha ficaram muito bem protegidas. — Pedro fechou a cara contrariado com a prepotência do falecido amigo.

— O que foi, Pedro?

— Ricardo fez o que eu deveria ter feito desde o início pelas duas, Rafaela. A culpa irá me atormentar pelo resto da vida. — Pedro foi até o aparador e serviu-se de uma bebida.

— Não adiantará de nada eu lhe falar que não deve se culpar pelo o que aconteceu, não é? — Pedro assentiu e refletiu que deveria ter feito o mesmo

pelo filho de Ricardo que Maitê esperava, mas ele havia chego tarde demais.
— Nem tudo pode ser controlado Pedro.

— Diga aos Monteiros que eles têm minha palavra de que não os impedirei de ver Tereza e que me comprometo em receber a carta do falecido.

— Pedro, devo alertá-lo. O Doutor Rodolfo esteve aqui hoje pela manhã. Ele e Humberto tiveram uma longa reunião a portas fechadas. Depois os dois saíram juntos.

— Isso não é bom sinal. Algo me diz que o fato de meu sogro aceitar minha relação com Melissa apenas foi para ele ganhar tempo.

— Também acho.

— Não tem um dia da minha vida que não me pergunto o porquê de não ter dado ouvidos aos meus pais. Teria evitado tanta dor de cabeça.

Enquanto isso, Melissa e Maitê chegavam em casa. Para o alívio das duas, o pai não se encontrava. Melissa subiu acompanhada da irmã ao quarto e entregou-lhe os diários e cartas da mãe.

— Por favor, tome cuidado com os diários e as cartas. Papai não pode desconfiar da existência deles, ao menos por enquanto. — Maitê assentiu. — O que você pretende fazer para tentar descobrir o verdadeiro nome de F.?

— Pretendo ir até a fazenda do vovô. É muito provável que os documentos antigos ainda estejam arquivados. Lá eu posso encontrar alguma relação dos arrendatários do vovô. Temos algumas pistas e isso deve bastar para dar início às investigações. Além disso, foi lá que papai, quero dizer, que Rodolfo viveu nos primeiros anos de casamento. Posso encontrar mais algum diário perdido.

— Tem razão. Eu poderia ir com você, duas procurando é mais rápido.

— Não há necessidade, querida. Você já fez o bastante em encontrar os diários de nossa mãe. Sem falar que você e Pedro acabaram de combinar de passar o final de semana com as crianças. — Maitê abraça a irmã. — Deixe comigo. Vá e aproveite um pouco de paz longe dessa casa.

— Seguirei seu conselho. Não suporto mais os fantasmas daqui, ainda mais agora que sei do que papai é capaz. Um pouco de paz me fará bem.

— Venha, ajudarei você a arrumar a bagagem.



No dia seguinte, Melissa despertou e sem fazer muito barulho para não acordar Pedro, levantou da cama. Como estavam sozinhos com as crianças, não se preocupou com a etiqueta e não trocou de roupa. Passou pelo quarto das crianças, Tereza e Joaquim dormiam tranquilamente. Foi para a cozinha e preparou o café da manhã. Puxou as cortinas da janela a fim de apreciar o amanhecer. O dia prometia ser lindo e agradável. O canto dos passarinhos chegou até seus ouvidos e uma paz a invadiu.

— Então é aqui que minha fujona está? — Pedro abraçou Melissa por trás e beijou-a na bochecha.

— Que susto! — Melissa sorriu, feliz.

O advogado a girou de maneira que ficasse de frente para si.

— Acho que alguém se esqueceu de me dar um beijo. — Melissa voltou a abrir seu lindo sorriso e Pedro foi incapaz de conter a vontade de beijá-la. Prendeu-a contra a pia e encostou os lábios na boca dela. Tocar Melissa tão intimamente, era como tocar o céu. — Amo você, meu bem. — Pedro sussurrou-lhe

— Também amo você, Pedro. Mas não devemos ficar nos agarrando dessa forma. As crianças podem nos ver... já falamos tanto sobre isso. — Melissa sentia-se constrangida só em pensar de serem surpreendidos pelos filhos em um momento tão íntimo.

— As crianças já estão acostumadas com o fato de dividirmos o quarto.

Joaquim até me perguntou quando nós dois vamos casar. Acho que meu filho gosta de você, querida.

Melissa riu, acanhada com a revelação.

— Eu também me apeguei ao meu sobrinho. Joaquim é um doce de menino.

— Fico feliz que vocês estejam se dando bem. Percebo que Joaquim também está feliz com a chegada da irmã e com sua presença. Maia nunca foi uma mãe amorosa ou preocupada com o bem-estar do filho. Ele nunca se queixou ou reclamou da mãe. Eu e minha família, assim como Maitê, tentamos compensar a sua ausência.

Melissa abraçou Pedro consternada com o que ele acabara de lhe confidenciar.

— Não precisa falar sobre isso se não quiser.

— É melhor eu falar. Estamos juntos já há algum tempo e mal conversamos sobre meu casamento com sua irmã. Eu nunca deveria ter me casado com ela. Meu casamento com Maia foi o maior erro de minha vida. No início, eu tentei encontrar algo de você nela... enfim, vocês são irmãs e me agarrei ao fato de que algo em comum teria entre vocês duas. Quando Maia perdeu o bebê, eu senti um alívio... eu sei que é horrível escutar de mim isso, mas eu não queria o bebê e muito menos estar casado com sua irmã mais nova. Quando ela revelou que não chegou a ficar grávida, um peso das minhas costas foi tirado.

— E por que você não pediu o divórcio, então?

— Porque não tive coragem de enfrentar seu pai, além disso, eu pensava que você tivesse me traído com o meu melhor amigo. Durante 10 anos, eu vivi sem qualquer escrúpulo. Tive muitas mulheres, foram muitos casos. Tudo porque queria te esquecer... quando a verdade era que em cada mulher que toquei, eu tentei encontrar algo de você. Eu sempre te amei, desde o primeiro dia que a vi. Esse amor apenas cresceu com o tempo, você sempre foi o maior motivo de eu querer viver e quando você foi embora pela besteira que fiz, eu parei de viver. Eu apenas sobrevivi por longos 10 anos.

Melissa começou a chorar.

— Eu sempre amei você, Pedro. Eu tentei matar o amor que sentia, mas foi impossível. Aquele dia em que nos reencontramos no escritório de papai, eu senti um desejo imenso de correr para seus braços. Ricardo queria que eu me reaproximasse da família, sugeriu que voltássemos para o Brasil para uma

visita. Eu nunca aceitei a sugestão dele, pois sabia que meu coração não suportaria encontrá-lo, talvez casado e feliz. Maia transformou nossas vidas em um inferno. Ficamos separados por uma década em razão da inveja de minha irmã. O pior é que me sinto péssima por guardar rancor dela. A verdade é que Maia também é uma vítima do meu pai. Ela cresceu sem amor, acreditando que havia provocado o suicídio de nossa mãe.

— Não chore, meu amor. E não se sinta mal por guardar rancor em relação à sua irmã. Nada é capaz de justificar o que Maia fez com a gente. O que importa é que estamos juntos e nada conseguirá nos separar.

— Ai Pedro... temos ainda tanta coisa para superar.

— Eu sei, meu amor. Prometo que vamos superar tudo e sempre unidos. — Pedro agarrou firme a cintura de Melissa e puxou-a para um beijo apaixonado. Escutaram uma voz infantil. Era Joaquim. — Acabamos de ser flagrados. — Pedro sussurrou.

Melissa, muito corada, saiu do abraço de Pedro e foi ao encontro do menino.

— Bom dia, Joaquim.

— Bom dia, tia Melissa. A senhora e meu pai estavam se beijando e não precisa sentir vergonha por isso. Ele me explicou que vocês irão se casar e que já foram namorados antes, caso contrário Tereza não seria minha irmã. — O menino riu. — Eu fico feliz por isso e também porque faço parte de uma família de verdade. — Com carinho, Melissa abraçou o sobrinho.

— Joaquim. — Um grito veio da escada. — Pode largar minha mãe. — Tereza descia em disparada para junto da mãe.

— Tereza, isso são modos? — Melissa zangada chamou a atenção da filha. — Joaquim é seu irmão, não há qualquer problema em ele me abraçar.

— Mas você não é mãe dele. É minha mãe, só minha. — Melissa não podia acreditar nos ciúmes da filha. — Nem me olha assim, *mama*. Eu mal me acostumei com você abraçando o Pedro.

— Tereza! — Melissa sentiu um puxão em sua camisola.

— Tia, não ligo para o que a Tetê fala... na verdade, ela está com ciúme de mim. Sabe como é, sou o irmão mais novo dela. Precisa ver como ela me protege na escola.

Os três caíram na gargalhada, enquanto Tereza permanecia séria. Pedro se aproximou da filha e a ergueu no colo. Tereza aceitou o carinho.

— Querida, você realmente é minha filha. Tão ou mais ciumenta do que

eu. — Pedro riu.



No domingo, por volta das 7 horas da noite, Pedro, Melissa e as crianças retornaram para a mansão. Rodolfo os aguardava para o jantar.

— Papai. — Melissa tomou um susto ao ver o pai sentado em uma das poltronas da imponente sala de estar.

— Boa noite, minha filha. Esperava vocês para o jantar. Todos resolveram me abandonar durante o fim de semana. — Rodolfo se aproximou da filha para beijá-la.

Melissa julgou ser melhor fingir diante do pai.

— Boa noite, papai. E Maitê?

— Sua irmã resolveu descansar na fazenda de seu avô. Achei que a Maitê havia lhe informado.

— Não... não encontrei minha irmã antes de viajar. Eu e Pedro decidimos de última hora tirar o fim de semana para um passeio na companhia das crianças.

— Você está muito estranha, Melissa. Vocês todos estão muito misteriosos para o meu gosto.

As crianças entraram correndo e foram ao encontro do avô para alívio de Melissa.

Depois do banho, todos se reuniram para o jantar. Rodolfo tentou manter a cordialidade em família. Perguntou detalhes sobre o final de semana às crianças e iniciou uma breve conversa a respeito dos processos do escritório

com Pedro. Teceu inúmeros elogios às qualidades de Melissa. Era visível o esforço de Rodolfo para manter a harmonia familiar. Melissa irritou-se com o comportamento forçado do pai, acreditando que agia como se Maitê ou Maia não lhe fizessem a menor falta.

— Papai, o senhor me parece muito feliz hoje. Alguma novidade? — Melissa resolveu entrar no jogo do pai.

— Nada demais, minha querida filha. Estive fora também e apenas retornei ontem à noite. Além de resolver alguns negócios, também tirei um dia para um descanso na serra.

— Descanso na serra? — Melissa continuou o seu interrogatório.

— Sim, Melissa... não entendo seu espanto. Também sou um filho de Deus e mereço um descanso vez ou outra. Ou não mereço?

— Claro que o senhor merece. Apenas achei estranho por não ser de seu feitio descansar na serra. O senhor esteve visitando Maia?

— Sim. Sua irmã continua a mesma maluca inconsequente de sempre. Minha filha, veja bem o que eu acabei fazendo por você... aceitei que a incompetente da Maitê assumisse uma obrigação para a qual não estava preparada.

— Não entendo você, meu pai.

— O que quero dizer é que sua irmã não poderia ter assumido a responsabilidade de ser tutora de Maia. Sua irmã precisa de tratamento psiquiátrico apropriado e não de um médico qualquer.

— Desculpe-me a intromissão, Rodolfo, mas Maitê nos falou que antes de ser dado um diagnóstico mais preciso quanto à saúde emocional de Maia, era necessário acompanhá-la por certo tempo. — Pedro falou na tentativa de acalmar os ânimos entre pai e filha e evitar discussões na frente das crianças.

— Maitê não sabe o que está fazendo, Pedro. Ela simplesmente entregou o caso de sua ex-esposa a um psiquiatra qualquer e tratou de se livrar do psiquiatra que eu havia contratado. E pensar que aceitei isso para atender um capricho de Melissa.

— Diga-me então o que o senhor faria? Largaria sua filha em um hospício? — Melissa levantou da cadeira muito nervosa. — Estou cansada disso tudo, papai. Cansada do inferno que o senhor conseguiu nos fazer viver, por nos tratar com tanta frieza e desprezar minhas irmãs, cansada de o senhor me usar para justificar suas ações, estou cansada do senhor... o senhor insiste para que eu permaneça nessa casa, tem a capacidade de nos chantagear para

isso, para na primeira oportunidade jogar na minha cara o quanto teve que se sacrificar para que eu ficasse ao seu lado. Será que o não percebe que o doente aqui é o senhor?

Rodolfo não conseguiu reagir diante das colocações da filha. Levantou-se de sua cadeira e com poucas palavras, retirou-se.

— Farei de conta que não ouvi suas palavras. Um dia quem sabe, você conhecerá meus motivos e talvez me entenda.

Melissa voltou a sentar ainda inconformada com a indiferença do pai. Assim que Rodolfo deixou a sala, ela deixou seu coração falar em um resmungo entre lágrimas.

— Eu conheço os seus motivos, papai... e não os aceito, jamais os aceitarei.

Tereza, assustada com o que presenciou, também começou a chorar, sendo amparada por Joaquim, que apesar de mais novo, havia crescido na mansão e estava acostumado com as frequentes brigas durante as refeições, o que explicava ser tão maduro para a idade.

— Joaquim, leve sua irmã para o quarto e fique com ela até eu chegar. — Joaquim atendeu ao pedido do pai. — Melissa, meu amor... por Deus, não suporto mais vê-la chorar. Tem certeza de que quer continuar a morar nesta casa depois de tudo o que aconteceu? Você sempre foi tão sensível, fico preocupado com você.

— Ai Pedro. Não posso fraquejar agora que estamos tão próximos de saber a verdade. Preciso ser forte, eu preciso aguentar mais um pouco.

Pedro abraçou-a com carinho e devoção. Ela deixou-se confortar como uma menina indefesa, pois naquele momento era assim que se sentia. O calor e o aconchego do homem que amava a fortaleciam e a faziam acreditar que tudo iria terminar bem, que um dia alcançariam a tão merecida felicidade, longe de tantas assombrações.



No dia seguinte, Maitê retornou da antiga fazenda do avô e foi direto ao encontro da irmã no jardim. Melissa brincava feliz com Tereza e Joaquim.

— Melissa... Melissa. Você não vai acreditar. — Correu para perto da irmã e abraçou-a apertado por estar feliz e empolgada. — Passei o maior trabalho no meio de uma papelada velha, mas consegui localizar 6 pessoas com as iniciais “F” que foram arrendatários de vovô na época em que eu nasci.

— Seis pessoas? — Melissa demonstrou surpresa.

— Sim, todos homens. — Isso reduz consideravelmente nosso campo de pesquisa. Nossa sorte é que vovô manteve arquivos com os nomes dos familiares e não apenas do arrendatário propriamente dito. Temos Frederico, Francisco, Fabiano, Fausto e dois Fernando.

— E você encontrou alguma informação a respeito do paradeiro dessas pessoas? — Melissa questionou curiosa por mais detalhes.

— Infelizmente não. Todos foram embora das terras de vovô há algum tempo. Mas temos os nomes completos deles e pretendo contratar um detetive particular para investigar. — Maitê estava radiante com o que havia descoberto.

— Isso é muito bom, Maitê. — Melissa não quis estragar o momento de felicidade da irmã, mas sabia que poderia ser uma investigação longa e difícil.

— Sente aqui, Melissa. — Maitê pegou a mão da irmã e puxou-a até um banco próximo. — Tadeu, o psiquiatra que contratei para acompanhar Maia... bem, ele me avisou que papai esteve na clínica visitando-a na sexta-feira.

— Eu sei... papai falou a respeito. E a senhorita vai ter que me contar que negócio é esse de ter falado com o Tadeu?

— Irmã, ele me ligou e como a fazenda fica próxima da clínica, perguntou se poderia me visitar. Não podia ser grosseira e acabei convidando-o para passar o final de semana comigo.

— Fico feliz por você, Maitê. Muito feliz mesmo.

— Voltando ao assunto “nossa irmã problemática”... papai tentou extorquir a equipe médica responsável pela Maia. Doutor Rodolfo quer transferi-la para uma clínica especializada em doentes mentais. Aliás, desde o início, ele queria tê-la levado para lá. Eu que acabei intervindo e chamando o antigo médico de Maia, da época em que foi internada por uma overdose de ansiolíticos.

— Meu Deus. O Pedro se esqueceu de me contar sobre isso. — Melissa se chocou com a revelação da irmã.

— Olha Melissa, até eu preferia ter me esquecido deste episódio. Não julgo o Pedro por se esquecer. Eu acho que Joaquim não tinha nem 2 anos quando ocorreu. O que foi? — Maitê estranhou o semblante preocupado de Melissa.

— Apenas pensando... Maia teve problemas com ansiolíticos e bebidas, eu entrei em depressão pós-parto e pelo pouco que você me contou, também passou por momentos de dificuldade quando perdeu seu bebê.

— Não perdi Melissa. Não seja condescendente comigo, pois sabemos que abortei meu filho.

— Não consigo falar dessa forma. Prefiro pensar que foi a situação que a levou a tomar essa atitude e você já sofreu tanto por isso. — Maitê concordou. — Retornando ao ponto, será que herdamos de nossa mãe essa tendência depressiva e de autodestruição? Mamãe entrou em depressão porque não aguentou ficar longe do amor de sua vida, presa a outro homem e simplesmente, resolveu se suicidar.

— É uma hipótese plausível, Melissa.

— Por essa razão que Pedro anda tão preocupado comigo. Ontem mesmo me sugeriu de nos mudarmos daqui. Ocorre que tenho chorado tanto, a ponto dele acreditar que irei entrar em depressão.

— Pedro ama você, irmã. Sempre amou. Não teve um dia na vida dele em que não se lamentou ou não se arrependeu da escolha que havia feito. É natural a preocupação.

— Vocês dois sempre foram muito amigos, não é?

— Sim. Houve um tempo em que éramos eu, Pedro e Ricardo. É engraçado o quanto a vida pode mudar de uma hora para outra. Estávamos sempre juntos e em um dia qualquer, alguém acorda, resolve tomar alguma atitude egoísta e mesquinha e tudo muda. Tenho pensado muito a respeito de como tudo teria sido, caso Maia não tivesse inventado a gravidez e papai ter feito Pedro casar com ela.

— Também pensei muito a respeito. — Melissa abraçou a irmã. — Provavelmente, tudo seria diferente. Tereza teria crescido ao lado de seu verdadeiro pai, assim como seu bebê. Porém, não adianta ficarmos presas no que deveria ter sido Maitê. Jamais conseguiremos voltar no tempo e não há como mudarmos as coisas. Resta-nos seguir em frente e tentarmos ser felizes, em nome de Tereza e Joaquim.

As duas irmãs encostaram as cabeças e permaneceram longos minutos em silêncio, acompanhando com os olhos as crianças que corriam pelo gramado, no mesmo jardim que um dia as acolheu quando pequenas, um tempo em que tudo parecia mais simples.

— Melissa. — Maitê quebrou o silêncio. — Quanto à Maia, Tadeu mandou avisá-la de que nossa irmã tem perguntado por nós duas. Ele gostaria de conversar com você a respeito, desde que se sinta confortável para falar, é claro.

— Como ela está?

— Maia oscila entre o arrependimento e o ódio por todos nós. No entanto, em alguns momentos em que está mais calma e controlada, ela externa o desejo de nos ver, a nós duas. Tadeu acha que seria bom para ela se fôssemos ao seu encontro.

— Então iremos Maitê. Apesar de toda a confusão que ela provocou em nossas vidas, não podemos deixá-la para trás. Eu jamais me perdoaria. Não agora que sei que ela também não é filha de Rodolfo e que também sofreu com a indiferença dele.



Alguns dias depois, ansiosas e aflitas, Maitê e Melissa foram ao encontro de Maia. Pedro, muito preocupado com a possível reação da ex-esposa ao rever as irmãs, decidiu acompanhá-las. Melissa, de início não concordou, pois preferia que ele ficasse em Santa Bárbara com as crianças.

— Não há a mínima chance de deixá-la ir sozinha ao encontro de Maia.
— Pedro andava de um lado para o outro do quarto que dividia com Melissa.
— Eu passei 10 anos casado com ela e sei muito bem o quanto é desequilibrada.

Melissa foi para perto de Pedro, puxou e acariciou seu rosto.

— Querido, não precisa ficar nervoso, muito menos se preocupar. Estarei com Maitê... sem falar que estaremos acompanhadas de vários profissionais.

— Não. A resposta sempre será não. Eu irei com as duas e não falamos mais nisso.

Melissa decidiu que não valia a pena falar mais nada e apenas concordou. Pedro conseguia ser muito teimoso quando queria.

— Posso saber o motivo do riso? — perguntou-lhe Pedro ainda chateado.

— Você e sua filha. Os dois cruzam os braços da mesma maneira quando são contrariados.

Pedro riu e puxou Melissa para um lascivo beijo.

— Amo você, Melissa. Preocupo-me com você, não suportarei passar o dia em Santa Bárbara, sem saber notícias suas e sabendo o quanto Maia

poderá maltratá-la. Quero que toda essa confusão acabe de uma vez para nos casarmos, irmos embora desse mausoléu e vivermos nossa vida em paz.

— Prometo que assim que tudo se resolver, sairemos daqui com Tereza e Joaquim. Apenas peço que aguento mais um pouco, meu amor.

Pedro abraçou sua mulher com muito carinho e cuidado.

— Meu medo é que tantos segredos acabem por nos separar novamente.
— Confessou-lhe apavorado.

— Não iremos nos separar. — Melissa encostou a testa no queixo de Pedro. — Basta nos mantermos unidos e fiéis um ao outro e nunca duvide do amor que sinto por você.

O coração de Pedro se encheu de esperança. Melissa sempre teve esse efeito sobre ele. Ao mesmo tempo em que era uma menina frágil e doce, que se desmanchava em lágrimas por qualquer coisa, conseguia ser uma mulher forte e decidida. Como pôde em algum momento duvidar dos seus sentimentos ao ponto de acusá-la por traição. Se tivesse confiado no amor que sempre demonstrou, jamais teria permitido que ela ficasse por tanto tempo longe de sua vida.



Depois de 2 horas de viagem, os três chegaram ao trevo que dava acesso à clínica. Um portal anunciava as boas-vindas aos visitantes. A Clínica Santa Helena era uma casa de reabilitação, referência no tratamento para dependentes químicos.

— Boa tarde, senhora Maitê. — A recepcionista reconheceu a irmã de Melissa. — Doutor Tadeu os aguarda no consultório. — Maitê assentiu com a cabeça.

— É mesmo o que eu penso? — Melissa cochichou no ouvido da irmã, ansiosa pelas novidades.

— Você não mudou nada. — Maitê riu. — Eu mandei uma mensagem pra ele.

Ao chegarem ao consultório, Melissa não deixou de observar a intimidade entre a irmã e o psiquiatra. Era um sujeito de mais de 40 anos, muito bem apessoado e com uma aparência física atraente, alto, forte e loiro de olhos azuis. Faziam um bonito par. Maitê era uma mulher muito bonita e tinha todo o direito do mundo de encontrar alguém que realmente a amasse.

Pedro ficou enciumado com o interesse de Melissa no médico e puxou-a para perto, abraçando-a, para que não restassem dúvidas de que a mulher já era comprometida.

— Pedro, por favor. Não há motivos para ciúmes. Será que vocês homens são tão cegos... olhe bem, querido. Doutor Tadeu mal reparou em mim, só tem olhos para minha irmã. — Melissa riu.

— Tadeu, esta é minha irmã Melissa e este é meu cunhado Pedro.

Tadeu estendeu a mão para Pedro.

— Ah sim, o ex-marido de Maia, que agora é casado com sua outra irmã. Maitê me contou a história de vocês dois. Faço votos de que encontrem a felicidade. — Depois cumprimentou Melissa com dois beijinhos no rosto, para desespero do enciumado Pedro. — Bem... já solicitei que uma das enfermeiras prepare a paciente para que possam vê-la. Mas acho melhor apenas Maitê e Melissa entrarem.

— Desde que não as deixe sozinhas. — Pedro falou sério, com antipatia evidente por ainda não confiar no psiquiatra.

— Não se preocupe, estarei presente. Não podemos esquecer de que foi um pedido da própria Maia. — O médico olhou para as mulheres. — Por favor, me acompanhem. Pedro pode aguardar aqui e fique à vontade.

Pedro apertou a mão de Melissa e sussurrou em seu ouvido.

— Estarei com você em pensamento, meu amor. — Melissa se despediu com um selinho e saiu acompanhada do médico e da irmã.

Tadeu as conduziu até o quarto de Maia. Era um cômodo amplo, bem ensolarado e arejado. Maia estava encolhida em um sofá, olhando na direção da janela, lembrando uma criança indefesa, talvez por ser a mais miúda das três. Os traços eram suaves e lembravam muito aos de Joaquim.

— Maia. — Tadeu a chamou e ela virou a cabeça em sua direção. Os olhos marejados indicavam que havia chorado. — Maia, minha querida, suas irmãs atenderam seu pedido. Maitê e Melissa estão aqui. — Maia soltou um gemido. — Já conversamos sobre isso. Tenha coragem, enfrente seus medos e converse abertamente com suas irmãs. É a sua oportunidade. — Encorajou-lhe o médico, na expectativa de que a paciente conseguisse dar seu primeiro passo.

— Eu sei Doutor. — Maia respondeu.

— Então, qual é o problema?

— Estou envergonhada...

Maitê iria falar, mas Tadeu fez sinal para que permanecesse em silêncio. Maia voltou a olhar para fora da janela.

— Querida, sei que se sente mal diante de Melissa e também sei o quanto você deseja falar com sua irmã. Então, seja corajosa e fale o que você precisa pôr para fora. — O psiquiatra incentivou-a com palavras carinhosas, fazendo com que olhasse para a irmã com olhos molhados.

— Melissa... eu sinto muito por tudo. — Maia não conseguia mais encarar a irmã e voltou olhar em direção à janela. — O que fiz foi horrível. Eu sempre senti inveja de você. Papai só tinha olhos para você, todos sempre a preferiam, todos os elogios eram para a loira angelical da família.

Melissa se aproximou da irmã e perguntou. — E o Pedro?

— Nunca amei o Pedro. Ele apenas foi um meio para atingir meu fim. Queria tirá-lo de você para que sofresse, para que pudesse me vingar pelos anos de amor do papai que você me privou. E queria atingir o papai também... sabia que seu sofrimento acabaria com ele. Sei lá... hoje, percebo que nada adiantou, tudo o que fiz... olhe para mim, Melissa. — Maia gritou. — Você foi embora, nunca mais voltou... mesmo assim papai continuou a me desprezar e eu continuei a ser a menina problemática. Depois de um tempo, descobri que ele havia se acertado com você. Hoje entendo que não era você, Melissa. Você nunca foi o problema, talvez tivesse sido eu o problema ou talvez o monstro do nosso pai. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Melissa. — Eu errei com você e com Pedro e o pior de tudo, errei com o meu filho. Ele nunca mereceu uma mãe como eu. Ele merece uma mãe como você, Melissa. Se não fosse Maitê, eu não saberia o que teria sido de Joaquim. Eu não quero seu perdão, Melissa. Eu apenas quero que você me prometa que vai cuidar do Joaquim como seu filho.

— Maia, você fala como se... — Melissa não conseguiu terminar a frase.

— Como se eu fosse me matar, não é? Não pretendo fazer isso, por enquanto. Mas eu não sei o que será de mim. Faz alguns dias que papai esteve aqui. Falou-me coisas estranhas sabe... depois eu conto sobre isso. Antes de tudo, quero que você me prometa que cuidará de Joaquim.

— Eu prometo. — Melissa respondeu sentindo a aflição lhe tomar por inteiro.

— Maia, você está indo muito bem. — Tadeu parabenizou, fazendo-a se sentir mais confiante para prosseguir.

— Doutor Rodolfo esteve aqui, como já mencionei. Ele acha que estou

louca e que ninguém vai ligar para as coisas que falo. Por isso chamei vocês duas aqui... ele me disse que não sou sua filha, que sou fruto de uma traição de nossa mãe. — Melissa olhou para Maitê. — Sabe... eu acredito no que ele falou. Isso explica muita coisa.

— Maia. — Maitê se aproximou da caçula. — Acreditamos em você. Papai não mentiu. Você não é filha dele, assim como eu não sou.

— Como? Você também não? — Maitê sacudiu a cabeça em sinal de negação. — Meu Deus. Então, apenas Melissa é filha dele.

— Infelizmente, sim. Doutor, podemos contar o que descobrimos à Maia? — Melissa perguntou e o médico concordou. — Eu encontrei alguns diários de nossa mãe. Neles, ela confessa que você e Maitê são filhas de um amor... de um grande amor do passado dela.

As lágrimas escorriam pelos rostos das três irmãs.

— Não sabemos quem é este homem, o nosso pai. Mas descobriremos. — Maitê completou.

— E quanto à mamãe? Ela se matou por minha culpa? — Maia precisava saber a verdade.

— Não sabemos o que de fato ocorreu com nossa mãe. Porém, ela amava muito você. Ela sempre escrevia que nos amava muito. — Melissa queria compartilhar as memórias de Mônica com a irmã mais nova, como uma tentativa de apaziguar sua alma atormentada.

Maitê se sentou ao lado da irmã, querendo abraçá-la e confortá-la como fazia quando era pequena.

— Acredite minha irmãzinha. Mamãe amou você desde o dia que descobriu que a esperava. Quando você estiver melhor e sair daqui, poderá ler os diários e ver com os próprios olhos o que ela escreveu sobre você.

Uma enfermeira entrou trazendo uma bandeja com a medicação de Maia e um silêncio constrangedor reinou no quarto.



Depois que a enfermeira saiu, Maia se manteve calada, olhando para o vazio. Melissa e Maitê não se sentiram encorajadas em quebrar o silêncio. O branco das paredes e cortinas não ajudava em nada, apenas tornavam o ambiente mais frio. Tadeu notou o mal-estar e falou.

— Maia? — Ela olhou para o médico. — Você estava nos contando a respeito da visita de seu pai. O que acha de continuar de onde parou?

Maia se levantou do sofá e foi em direção à janela e de costas para as irmãs, continuou o seu relato.

— Rodolfo esteve aqui, como havia dito. Além de me revelar que não sou sua filha, também deixou claro que irá se livrar de mim.

— Como assim, se livrar de você? — Melissa se chocou com as palavras da irmã.

— Não sei ao certo o que ele quis dizer. Eu estava nervosa e não consegui prestar atenção em tudo o que ele me dizia. Ele me falou algo em me enviar para algum lugar, depois me falou algo como que mamãe ficaria feliz em saber.

O coração de Melissa parecia sair pela boca de tanto que batia acelerado. Seu pai não teria coragem de matar Maia, era só o que faltava. Ele não poderia ser tão desprezível a ponto de mandar matar a própria filha, sim, pois Maia havia sido criada como sua filha.

— Olha... — Maia parecia mais transtornada do que antes. — Eu pensei

de início que ele quisesse me enviar para algum hospício. Ele sempre deixou claro isso, mas depois eu pensei melhor e eu acho que Rodolfo quer me matar. Eu estou com muito medo. Vocês duas... — Maia se virou para as irmãs. — Eu sei que fui injusta com as duas, que as tratei muito mal, principalmente Melissa. Mas eu imploro que me ajudem. Por favor, não deixem que papai me leve para qualquer lugar, que me tire daqui. Eu temo pela minha vida. Eu prefiro me matar antes de deixá-lo fazer isso. — Maia falou agitada. Havia desespero e aflição em sua voz. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Estou com frio, com muito frio. — Maia encolheu-se em um dos cantos do quarto. Tadeu a amparou, ajudando-a a se acomodar na cama.

Melissa foi para um dos lados da cama, já que a irmã parecia ter se acalmado, mas seus olhos castanhos pareciam estar vazios novamente.

— Não sei se prestará atenção no que falarei. — Afagou-lhe a mão. — Não posso dizer que lhe perdoei porque ainda dói. Talvez um dia eu consiga. Porém, prometo que irei cuidar de Joaquim até você conseguir se recuperar. Prometo também... — Melissa engoliu em seco com os olhos tomados por lágrimas. — Prometo também que não deixaremos papai lhe fazer mal. Nada de ruim vai acontecer com você.

Maitê foi para junto da irmã e colocou sua mão sobre a de Melissa. — É verdade, Maia. Todas nós fomos vítimas do rancor do papai. Eu, você e Melissa, sofremos muito com tudo. Temos nossas diferenças, mas agora precisamos nos unir para enfrentar o poderoso Rodolfo Leite de Azevedo.

Maia continuava a olhar para o nada. Melissa apenas sentiu um aperto em sua mão. Tadeu pediu para que todas se retirassem e a deixassem descansar.

— Doutor, podemos confiar no que minha irmã nos falou? — Assim que cruzaram a porta, Melissa perguntou aflita.

— Não posso garantir nada. Maia alterna momentos de lucidez com outros em que a raiva a domina. Aparentemente, ela parecia centrada quando conversou com vocês. No mínimo, temos que lhe dar o benefício da dúvida. Vamos... conversaremos mais em minha sala.



Pedro estava aflito. Fazia mais de uma hora que Melissa e Maitê estavam no quarto de Maia. O ambiente austero demais do consultório do psiquiatra

também lhe deixava nervoso. Ouviu um clique na fechadura. Para seu alívio, era o médico acompanhado das duas mulheres.

— Melissa. — Soltou aliviado. — O que ela lhe fez, meu amor? — O advogado secou uma lágrima na bochecha de Melissa.

— Nada. Apenas fiquei emocionada. — Melissa soluçou e abraçou Pedro.

Melissa e Maitê contaram os detalhes do encontro delas com Maia para Pedro. O advogado também entendeu que Rodolfo tinha planos de matar a filha caçula. Tadeu pediu para que todos se acalmassem, pois era muito precipitado tirar conclusões. Maia poderia ter interpretado mal as palavras do homem.

— Vejam bem, a própria Maia admitiu que não conseguiu entender muito bem as palavras do pai. Não podemos simplesmente acusar Rodolfo sem provas. É apenas a palavra de uma paciente em tratamento, que está a maior parte do tempo sob o efeito de tranquilizantes.

— O que o senhor sugere então, Doutor? — Pedro perguntou aflito.

— Precisamos ter cautela. Maia pode estar falando a verdade, como também pode estar equivocada. Assim, acredito que o melhor a fazer, é mantermos tudo em segredo por enquanto.

— E se papai realmente tentar matá-la? Não podemos ficar de braços cruzados.— Maitê demonstrava preocupação.

— Temos que elaborar um plano para mantê-la protegida, mas de forma discreta Maitê. — Tadeu sugeriu, sem desviar o olhar da advogada por nem um momento. Estava cada dia mais encantado por ela e desejava muito fazê-la sua namorada.

— Ocorre que aqui ela não está segura. — Melissa pontuou com perspicácia. — Papai poderá facilmente comprar os funcionários.

— Tem razão, meu bem. O melhor a fazer é transferir Maia para outra clínica. Não será difícil. Maitê é a responsável legal, o que facilitará as coisas.

— Pedro tem razão. — O médico concordou com a ideia.

— Tudo bem... iremos transferir Maia para outro lugar, eu assino a papelada. Porém, parece que vocês esqueceram algo importante. O que iremos fazer com papai? Com certeza, Doutor Rodolfo vai me colocar contra a parede. — Maitê chamou a atenção para a delicada situação, sabendo quanto o velho advogado era astuto e ardiloso.

— Não se preocupe, Maitê. Com papai, eu me entendo. — Melissa

respondeu animada, para desespero de Pedro.

— Nem pense nisso, Melissa — falou-lhe, não querendo sua mulher em perigo.

— Pedro, não seja bobo. Eu sou perfeita. Papai não tem um afeto especial por mim? — Ele concordou. — Então, o que preciso fazer é dar uma trégua nas nossas brigas e jogar com meu charme de filha preferida para convencê-lo aceitar a transferência de Maia para outra clínica, que seja comum para nós dois. Depois, colocamos alguns enfermeiros de nossa confiança para ficar de olho. Doutor Tadeu poderá nos auxiliar. — O médico assentiu.

— Não sei não, Melissa. Seu pai é muito traiçoeiro. Ele poderá usar a desculpa para tentar nos afastar ou mesmo tentar outra coisa mais perigosa. — A agonia em perder Melissa não deixava Pedro raciocinar.

— Querido, dessa vez vai ser diferente. Sabemos do que papai é capaz. Não se preocupe. — Melissa acariciou o rosto de Pedro com ternura.

— Bem, acredito que chegamos a uma definição. Fico no aguardo para colocar nosso plano em prática. Maitê, meu plantão está chegando ao fim e estou indo para Santa Bárbara daqui uma hora mais ou menos, é só o tempo de fazer algumas visitas aos meus pacientes. Não gostaria de me acompanhar?

Melissa deu uma cotovelada na irmã. — Adoraria. — Maitê respondeu envergonhada.



Nos dias que se seguiram, Melissa concentrou-se na tarefa de encontrar uma clínica segura para Maia ser transferida. Reuniu em uma lista as possíveis clínicas que apresentaria ao pai. Era a hora de enfrentar o poderoso Rodolfo Leite de Azevedo, pensou.

Melissa desceu as escadas e foi ao encontro do pai na biblioteca. Encontrar o pai naquele lugar sempre havia significado problemas para ela. Bateu na porta e entrou. Encontrou Rodolfo concentrado em uma espécie de relatório, por essa razão arranhou a garganta para ser notada.

— Olá, minha filha. Que bela surpresa. — Rodolfo ergueu a cabeça.

— Boa tarde papai. O senhor está muito ocupado ou poderia me dar alguns minutos para conversarmos?

— Nunca estou ocupado para você, Melissa. Venha... acomode-se, por favor.

— É sobre Maia, papai. Eu e Maitê visitamos nossa irmã e não gostamos nada da situação em que a encontramos. Maia está muito desequilibrada. O senhor estava coberto de razão. Tivemos uma conversa e achamos razoável transferi-la para um lugar mais apropriado.

— Eu sabia que você cairia em si, minha querida. — Rodolfo estufou o peito em sinal de orgulho e Melissa se sentiu mais segura para dar prosseguimento ao plano.

— Eu reuni em uma lista o nome de várias clínicas, inclusive, várias delas

tem ótimas avaliações. Gostaria muito da opinião do senhor.

— Não será necessário, querida. Fico feliz, é claro, que tenha se dado ao trabalho de pesquisá-las. Porém, já sei para qual clínica Maia será transferida.

— Melissa não conseguiu evitar o espanto. — Não me olhe assim, meu bem. Tenho uma ótima clínica para ela, recebi ótimas indicações na época em que sua irmã foi internada pela primeira vez. Posso repassar o contato se quiser checar a veracidade do que falo.

Melissa julgou que era melhor não contrariar o pai.

— Acredito no senhor e não será necessário checar. Apenas, dê-me o nome que tomarei as providências para a transferência.

Rodolfo, em um pedaço de papel escreveu o nome, telefone e endereço da clínica. Não abriu sequer uma lista telefônica ou de endereços para copiar. Melissa ficou intrigada com a atitude do pai. Ninguém poderia se lembrar tão facilmente de um endereço, a não ser que ele tivesse pesquisado recentemente.

— Tome querida. Aí está o endereço da clínica... você e sua irmã poderão visitá-la, se desejarem. — Melissa assentiu. — Acho estranho você estar preocupada com Maia. Nos últimos anos, sua irmã não lhe foi muito honesta.

— Não pense que esqueci o que Maia fez comigo e com Pedro. No entanto, ela continua sendo minha irmã e quero vê-la bem instalada. O bem-estar de Maia está acima dos meus sentimentos, papai.

— Admiro seu caráter gentil, Melissa. Em seu lugar, jamais conseguiria ser tão abnegado.

— Não é uma questão de abnegação, mas sim de um sentimento fraterno. Ela me fez muito mal, brincou com meus sentimentos e me separou do homem que eu amo, sem falar que minha filha cresceu longe do verdadeiro pai. Mas não sou vingativa papai.

Sem falar mais nada, Melissa se retirou. Sabia que era inútil falar sobre bondade e amor fraterno ao seu pai, uma pessoa amargurada e ressentida com a vida. Era assim que passou a enxergar Rodolfo depois do que leu nos diários da mãe.

Rodolfo esperou Melissa fechar a porta, tirou seu celular do bolso para chamar um velho conhecido.

— Bom dia, favor me passar para Doutor Inácio.

— Bom dia, Rodolfo. Quer notícias, presumo.

— Na verdade, estou ligando para deixá-lo avisado que minhas filhas

mais velhas, Maitê e Melissa, poderão visitar a clínica.

— Entendo. Provavelmente, o amigo convenceu-as a trazer para cá a caçula.

— Quase isso. Há grandes possibilidades de Maia ser transferida para aí. Ligo também para preveni-los para que fiquem de olho nas duas e que as mantenham longe daquela pessoa. Preciso desligar, meu velho amigo. Talvez no final do mês eu apareça. Tchau. — Encerrou a ligação por temer ser pego em flagrante.

Enquanto isso, Pedro concentrava-se na leitura do testamento de Enrico Belluno, o avô das irmãs Leite de Azevedo. Ele conhecia suficientemente o sogro ou ao menos acreditava conhecê-lo bem o suficiente, para ter segurança em afirmar que manter Maitê e Maia sob sua tutela era vantajoso. Rodolfo Leite de Azevedo sempre procurou tirar vantagem de tudo e de todos. Não assumiria duas paternidades se algo grande não estivesse envolvido. Depois de entrar em contato com vários tabeliães e escrivães, Pedro conseguiu localizar o processo de inventário e, com isso, o testamento.

— Bingo. Peguei você. — Pedro falou alto, largando os papéis na mesa e pegando o telefone para chamar Maitê até sua sala.

Em questão de minutos, sua cunhada estava sentada à sua frente e ansiosa pelas novidades.

— Descobriu alguma coisa?

— Eu estava certo. Veja isso. — O advogado empurrou a papelada em direção à amiga. — Seu avô era um homem de visão. Vá direto para a cláusula 10.

Maitê correu os olhos até a cláusula 10 e chocou-se com o que leu.

— Meu Deus. O vovô deixou metade dos bens dele para mim e para os futuros filhos que mamãe viesse a ter.

— E não foi só isso. Sua avó também deixou um testamento, com as mesmas disposições. O que significa que você, Melissa e Maia foram nomeadas herdeiras diretas dos Belluno, além de serem herdeiras dos bens deixados pela sua mãe.

— Sim. O que é motivo suficiente para papai ter nos reconhecido.

— Também revela o quanto seu avô era um homem inteligente e sabia com quem estava lidando. Veja bem, Enrico Belluno teve o cuidado de garantir que mesmo morto, Rodolfo cumprisse com sua parte no acordo. Em outras palavras, Rodolfo aceitou um acordo para o resto da vida.

— Pedro, estou pasma. Eu e minhas irmãs somos mais ricas do que imaginamos. E o pior de tudo, Rodolfo manipulou nossas vidas como se fôssemos suas marionetes.

Pedro concordou com a cabeça.

— Melissa não vai gostar nada disso. E o detetive, conseguiu algum progresso?

— Recebi uma mensagem dele. Conseguiu localizar o paradeiro de 4 dos 6 homens com as iniciais “F” que passei para ele. Mas como 2 deles são irmãos, estamos com apenas 5 no rastro.

O telefone de Pedro tocou e ele atendeu. Assim que encerrou a ligação, virou para Maitê e falou.

— Era Melissa. Rodolfo passou para ela o nome de uma clínica. Ela se antecipou e entrou em contato com Doutor Tadeu. — A cunhada corou com a simples menção do nome do médico. — Eu entendi mal ou você e o psiquiatra estão tendo alguma coisa?

— Nem vem dar uma de irmão mais velho, Pedro. Estamos apenas nos conhecendo.

— Não falei nada. — Pedro ergueu as mãos em sinal de inocência.

— Para de gracinha e fala logo o que Tadeu adiantou para Melissa.

— Hum... Tadeu é? Bem, o seu quase namorado adiantou que a Clínica em questão não é de todo ruim, embora ela tenha enfrentado processos no passado por aceitar internações digamos um pouco ilícitas.

— Como assim?

— Membros de famílias ricas da região considerados fora dos padrões e que causavam problemas, eram internados sem necessariamente existir uma indicação clínica para tanto.

— Que horror. — Maitê lamentou destinos tão tristes.

— Porém, Tadeu acredita que consiga colocar lá dentro algumas enfermeiras de sua confiança. A questão é convencer a direção da clínica de que ele continue sendo o médico assistente de Maia. — O que poderia ser mais simples se Rodolfo não resolvesse atrapalhá-los.



Quinze dias se passaram. Maia fora transferida para a Clínica Santa Luzia. O divórcio de Pedro fora concluído e havia chegado o momento de procurar uma casa para ele e Melissa morarem com as crianças. Melissa queria uma casa grande e confortável, mas simples e preferencialmente próximo à casa de Sofia e Mário. Tereza e Joaquim passavam cada vez mais tempo com os avôs paternos do que na mansão. Maitê também planejava sair de lá, queria recomeçar sua vida longe dos olhos do inescrupuloso Rodolfo. Seu relacionamento com Tadeu havia evoluído e os dois assumiram o namoro.

Pedro esperava Melissa e Maitê na sala principal da mansão. Haviam marcado uma reunião com o detetive particular contratado pela cunhada. Acabou preso nas recordações que a casa lhe trazia ao olhar para tudo à sua volta. Pouca coisa havia mudado desde que pisara pela primeira vez no palácio dos Leite de Azevedo e sentiu-se sufocado com a austeridade das paredes brancas. Às vezes, Pedro se sentia preso no passado, era um misto de remorso com arrependimento. Apesar de toda a confusão de sua vida atual, das incertezas que o cercavam, estava feliz ao lado de sua mulher e de seus filhos. Mas o sentimento de culpa sempre o atormentava. Sua ambição e ganância o afastaram daquela que sempre teve seu coração e jamais poderia ser feliz sem Melissa ao seu lado. Ela sempre fora seu sol a cada manhã, sua fortaleza e sua razão de querer lutar. Tudo se tornava simples e leve ao lado

dela.

— Querido, estamos prontas. — Melissa chegou e tocou-o no ombro. — O que pensa, meu amor?

— Apenas o quanto amo você e sou imensamente feliz por tê-la ao meu lado novamente. — Melissa o beijou apaixonadamente, já não se sentindo incomodada de demonstrar seu afeto por Pedro na frente dos outros.

— Ei pombinhos, vejam isso. Vocês dois estão bombando na internet. Escute isso:

Depois de um sumiço inexplicável da esposa, o advogado Pedro Rodrigues, genro e sócio de Rodolfo Leite de Azevedo, é visto na companhia da bela viúva de Ricardo Monteiro em momento familiar e íntimo em um restaurante badaladíssimo de Santa Bárbara. É lógico que a fila andaria para a lindíssima Melissa. Nosso espanto é o fato de que a bela herdeira tenha escolhido justo seu cunhado. A boca do povo nunca mente. Pedro e Melissa foram noivos no passado e há boatos de que Tereza, na verdade, é filha de Pedro e não de Ricardo. Curiosos comentam que a menina o chamou de pai na ocasião.

Melissa colocou a mão na boca para conter o espanto.

— Oh... meu Deus...

— Tem mais ainda...

— Maitê, por favor, não quero escutar mais nada. O que os ouvidos não escutam, o coração não sente, não é? — Melissa confessou indignada.

— Melissa, meu amor, um dia nosso relacionamento teria que vir à tona, não é? — Pedro afagou os cabelos loiros da mulher.

— É verdade. Além disso, o escândalo de vocês dois juntos de novo... — Maitê apontou para os dois. — Será pequeno quando descobrirem sobre eu e Maia não sermos filhas de Rodolfo. Vamos logo, não quero chegar atrasada.

Melissa e Pedro foram em um carro e Maitê em outro, já que passaria para buscar Tadeu em seu apartamento. O médico fazia questão de acompanhá-la. Ao chegarem ao escritório do detetive, Maitê apresentou todos.

— Tenho boas notícias. Modéstia à parte sou bom no que faço. — Paulo Serqueira era um policial civil aposentado, muito bem apessoado. Usava óculos e tinha a mania de mexer constantemente neles. — Com base na lista

que a senhora Maitê me entregou, consegui reduzir a lista para 5 nomes, o que veio a facilitar meu trabalho. Depois de algumas pesquisas e contatos, consegui excluir de cara Fabiano e Fausto. Não há mínima chance de Mônica ter tido qualquer caso com eles. Há fortes indícios de que nunca se aproximaram da casa grande. Somado a isso, temos ainda o fato de que Fabiano é 10 anos mais velho do que Mônica e era casado quando viveu nas terras de Enrico Belluno. Fausto, por sua vez, apesar de constar nos registro da fazenda, foi para a capital aos 15 anos e nunca mais voltou. Anos mais tarde, os pais e as irmãs mais novas migraram para lá também.

— Sobram apenas os outros 3, então. — Melissa falou, mais convencida de que chegariam ao verdadeiro pai de suas irmãs.

— Na verdade, apenas Fernando e Frederico. Localizei os irmãos Oliveira. Fernando e Frederico são irmãos, com apenas dois anos de diferença e praticamente cresceram dentro da casa grande. A mãe deles, Dolores, foi uma das cozinheiras da casa. O que nos traz grandes possibilidades de que um deles seja o homem que procuram.

— E quanto ao outro Fernando? — Maitê perguntou.

— Fernando Carvalho. Esse ainda não consegui localizá-lo. No entanto, meu faro de policial me diz que não será necessário. Aposto minhas fichas de que o homem que procuram é um dos irmãos Oliveira. Frederico vive no Sul do país em uma cidadezinha com a família, formou-se em Medicina Veterinária. Consegui conversar com ele por telefone. Frederico me confirmou as informações, incluindo o fato de que seu irmão mais novo Fernando era muito próximo de Mônica Belluno, que depois passou a se chamar Mônica Leite de Azevedo.

Maitê apertou a mão de Tadeu.

— Fernando Oliveira, então é meu pai?

— Há forte probabilidade de ser. Frederico se recusou a me confirmar o namoro secreto do irmão com a filha de Enrico. Porém, se eu lhe der um motivo plausível, tenho certeza que ele falará o que sabe.

— E qual seria este motivo plausível? — Pedro questionou-lhe.

— Revelar sobre a existência de duas filhas.

— Com certeza. — Maitê se adiantou na resposta. — Falo isso por mim e por Maia, uma vez que sou sua responsável legal.

— E Fernando? O senhor nos falou sobre Frederico, mas e Fernando, onde está? — Melissa perguntou curiosa e temerosa de que já estivesse

morto.

— Aí que está a diversão de toda a coisa. — O detetive abriu um sorriso de canto. — Fernando foi para São Paulo com a família, lá ele cursou Jornalismo, tornou-se repórter cinematográfico e dos bons. Hoje, ele vive em Londres e é mais conhecido pelo nome de Nando Oliveira.

— O senhor quer dizer que o provável pai de Maitê é o Nando Oliveira, aquele repórter cinematográfico ganhador de diversos prêmios e que atuou em diversas coberturas internacionais? — Tadeu perguntou e o detetive assentiu, revelando alegria pela descoberta.

— Você sabe de quem se trata? — Maitê confusa olhou para o namorado.

— Claro que sei! O cara é um gênio do jornalismo internacional, cobriu várias guerras. — Tadeu pegou o celular, digitou o nome do jornalista e mostrou sua imagem para Maitê, que começou a chorar de emoção. Ela havia reconhecido traços seus no homem, mas temia estar sendo precipitada.

Pedro notou que os olhos de Melissa brilharam ao ver a irmã cheia de esperanças.

— O senhor fez um ótimo trabalho. — Ela elogiou o detetive.

— Imagine só, Senhora Melissa. Este é o meu trabalho e sou muito bem pago para dar o meu melhor. Considerando que sua irmã autorizou, comunicarei ao Frederico os reais motivos do meu contato. Em breve, ligarei para sua irmã. Se me derem licença, tenho outros negócios para tratar.



Semanas depois, no escritório, Rafaela invadiu a sala de Pedro afoita para lhe contar o ocorrido.

— Por Deus, você não sabe o que acaba de acontecer.

— O que houve, mulher? — perguntou o advogado, preocupado com a exaltação da amiga.

— O processo da fazenda Misericórdia, aquele no qual a Promotoria pediu o bloqueio de uma fortuna... lembra dele?

— Claro que lembro Rafaela. Como poderia me esquecer de um processo tão importante como esse? — Era um caso muito importante para o escritório e que envolvia uma soma significativa de dinheiro.

— Ai Pedro... a sentença foi favorável à Promotoria. Uma amiga minha que trabalha no fórum acabou de me avisar que amanhã é o último dia para apresentar o recurso.

Pedro sentou na cadeira.

— Não pode ser.

— Minha amiga achou estranho não termos feito nada a respeito.

— Não posso acreditar nisso Rafaela. Anos de trabalho indo para o ralo por uma falta de atenção. Alguém tem que ser responsabilizado por essa falha. Eram 2 milhões envolvidos.

— De que adianta irmos atrás dos responsáveis, Pedro? Além disso, temos que concentrar nossas energias para fazer o recurso em 24 horas ou

correr atrás de um milagre.

— Não admito uma coisa dessas. — Pedro esmurrou a mesa. — Nossos processos são controlados por uma agenda eletrônica.

— Mas a agenda pode ter falhado, quem atualiza a agenda pode ter falhado. — Rafaela pontuou com propriedade.

— Não Rafaela. Ninguém falhou. Suspeito que fomos vítimas de uma sabotagem e até já imagino quem está por trás disso. Meu sogro provavelmente tem um dedo nisso.

— Você acha que ele iria colocar em risco o nome do escritório?

— Tenho certeza que sim. Isso significa que o velho não aceita minha relação com Melissa e está jogando sujo para nos afastar. Porém, dessa vez ele não vai ganhar. Preciso que me ajude Rafaela. Vamos tentar um acordo com a Promotoria, você assume a negociação com o promotor e coloque o melhor advogado para preparar o recurso. Enquanto isso, vou entrar em contato com o cliente.

Rafaela saiu da sala deixando Pedro sozinho e enfurecido com a situação. Anos de trabalho e dedicação poderiam ter sido jogados no lixo sem qualquer consideração. Melissa não merecia um pai como Rodolfo, um homem sem escrúpulos, que jamais se preocupou com as pessoas à sua volta.

Avisou Melissa que não poderia encontrá-la e que ficaria até mais tarde no escritório. Os dois haviam combinado com um corretor local de visitar algumas casas. Melissa compreendeu o contratempo e preferiu manter o encontro com o corretor ao desmarcá-lo. O advogado passou o dia entre reuniões a fim de convencer o cliente a aceitar a proposta da promotoria. Rafaela tinha trabalhado bem e conseguido barganhar com eficiência com o promotor. Com certeza, o charme e o poder de sedução da advogada lhe ajudaram muito.

Pedro olhou no relógio e passavam das 7 da noite. Cansado e com fome, não via a hora de chegar em casa e cair nos braços de sua mulher. Sentia-se péssimo por não tê-la acompanhado. Desligou o monitor, pegou a carteira, as chaves do carro e o casaco. Também desligou as luzes da sala. Assim que cruzou a porta, deu de cara com um par de pernas cruzadas em uma das poltronas da recepção.

— Até que enfim, Pedro. Achei que não iria mais sair de lá. — A mulher apontou para a sala.

— O que está fazendo aqui, Valéria?

— Isso é jeito de me receber, querido? — A mulher se levantou e encarou o advogado. Valéria era uma advogada que havia feito parte do quadro de colaboradores do escritório quando era apenas uma estagiária e com quem Pedro manteve um caso por alguns meses. — Vim porque recebi a informação de que o escritório está selecionando advogados para uma vaga que foi aberta. — Era estranho, pois Pedro não havia ficado sabendo de que algum dos advogados tivesse saído. — Então, pensei em revê-lo. Mas a chata da secretária, aquela mulher continua uma intrometida, não quis me deixar entrar, alegando que estava muito ocupado.

— O que quer?

Valéria se aproximou de Pedro e tirou um pelo de seu casaco

— Estava com saudades e resolvi esperá-lo, quem sabe podemos ir a um barzinho e depois...

— Nosso caso acabou Valéria. A única coisa que quero é ir para casa. Meu dia foi cheio, para não dizer turbulento.

Valéria abraçou-o, na tentativa de seduzi-lo.

— Só falta me dizer que virou um bom marido e um pai de família exemplar, querido. — Pedro tentou afastá-la, mas a mulher era persistente e beijou-lhe no queixo, depois no pescoço.

— Por favor, não se rebaixe. Não quero sair com você, é melhor me largar.

Valéria não deu ouvidos ao que Pedro falava, continuando com seu jogo de sedução. É claro que Pedro não correspondeu às investidas da mulher e a empurrou assim que conseguiu se livrar dela. Mas era tarde. Melissa estava do outro lado da porta de vidros, totalmente imóvel, sem reação e com os olhos marejados.

— Melissa. — Pedro gritou.

Assim que ouviu o grito de Pedro, Melissa foi tirada do torpor e saiu correndo em direção às escadas. Pedro não pensou duas vezes e correu atrás, dessa vez não a deixaria fugir, não a deixaria ir embora de sua vida novamente. Melissa corria desesperadamente, o que a fez perder um dos sapatos, depois o outro. O advogado apenas escutava as batidas das portas se fechando atrás dela.

— Melissa. Por favor, meu amor. Você precisa me ouvir. Droga, Melissa. — Ela não parava de correr. Determinado, Pedro aumentou a velocidade e o tamanho de seus passos. Ela não poderia vencê-lo, não dessa vez. Escutou um

barulho e depois um grito. — Melissa?

— Não chegue perto, Pedro. Estou com muito ódio de você. — Ela respondeu.

— Aconteceu alguma coisa? Que barulho foi aquele?

— Eu caí e torci o pé. — Pedro conseguiu alcançá-la, encontrando-a encostada na parede. — Não chegue perto de mim. — Estava muito nervosa com o que acabara de presenciar.

— Melissa... por favor, deixe-me explicar... eu não fiz nada de errado. — Implorou-lhe.

— Como não Pedro?! Você estava aos beijos com uma lambisgoia. Que ódio. Meu pé dói muito — falou-lhe esfregando a mão no tornozelo machucado.

— Deixe-me ver. — Pedro puxou o pé de Melissa para examinar que já inchava. — Melissa, por favor, você mesma disse que precisamos confiar um no outro. Eu não fiz nada. Valéria...

— Claro que a lambisgoia tem nome, não é? Tira a mão daí, Pedro. Dói muito.

— Amor, eu não fiz nada. — Pedro ergueu Melissa no colo. — Encontrei-a na recepção...

— O que cargas d'água ela fazia na recepção depois do expediente?

— Não sei ao certo Melissa. Passei o dia resolvendo um problema...

— Um problema que usa saia presumo.

— Depois te conto tudo, foi sério, Melissa. Achei estranho encontrar Valéria na recepção. Dona Clarice não costuma sair e deixar cliente ou qualquer um que não seja do quadro de colaboradores sozinho.

— Me larga Pedro. — Melissa socou o peito de Pedro.

— Não adianta reclamar. Vou levá-la para um pronto-socorro, você torceu o pé, querida.

— Por sua culpa, seu mentiroso. Você prometeu que não me faria mais sofrer, Pedro.

O advogado chegou até o carro, abriu a porta e sentou-a no banco. Foi para o outro lado e entrou.

— Olha para mim Melissa. — Ela se recusou. — Você acha que eu iria colocar a perder nossa segunda chance por causa de uma qualquer? É claro que não. — Pedro socou o volante. — Eu a amo, Melissa. Você até pode não acreditar em mim, mas eu a amo e não sou tão burro para colocar tudo a

perder de novo. Olhe para mim e deixe-me explicar tudo o que aconteceu.

Melissa resolveu dar a Pedro o benefício da dúvida, que por sua vez, relatou detalhe por detalhe do seu dia, a suspeita de sabotagem na agenda de controle de processos e seu encontro com Valéria. Foi preciso esclarecer o tipo de relação que manteve com a advogada, deixando claro que fazia muito tempo que os dois haviam terminado o caso.

— Você me entende agora, meu amor? — Pedro secou as lágrimas de Melissa.

— Acho que sim. Mas continuo com ódio e muita dor no pé. — Melissa resmungou.

— Seu pé Melissa. Terminamos esta conversa em casa, certo? Você precisa de um médico no momento. — Pedro beijou uma das mãos de Melissa, ligou o carro e engatou a marcha ré. Quando descobrisse quem tinha enfiado aquela mulher dentro do escritório, iria acabar com o sujeito.



Enquanto isso, Rodolfo dirigia em direção à Clínica Santa Luzia. No dia anterior, havia se reunido com Humberto para acertar os últimos detalhes de seu plano. A ideia era denegrir a imagem do genro perante os clientes mais importantes. Para isso contaria com a colaboração de Humberto, a quem havia prometido sociedade e a mão de sua filha Melissa. Rodolfo sabia que teria que abrir mão de alguns clientes, mas era um preço justo a se pagar desde que conseguisse se livrar de Pedro.

Quanto a Pedro, apesar de ter nutrido algum afeto por ele, já não lhe era mais útil. Melissa não havia nascido e sido criada para se casar com um sujeito sem berço, sem estirpe, um mero filho de taxista. Assim que o plano fosse colocado em ação por Humberto, teria a desculpa perfeita para mandá-lo embora, tanto do escritório quanto da vida de sua filha. Melissa havia sobrevivido uma vez e certamente sobreviveria outra. No final, lá estaria Humberto para consolá-la. Tudo deveria ser feito com muito cuidado, pois Melissa era muito inteligente e poderia desconfiar.

O carro estacionou ao lado do portão que dava acesso à clínica, o depósito de malucos como costumava chamar o lugar.

— Boa noite, Doutor. Sua vaga está disponível como sempre. — Rodolfo acenou para o vigia que o deixou passar. Rodolfo entrou na garagem e

estacionou o carro. Caminhou alguns metros e entrou no elevador despretensiosamente. Havia gravado o caminho de tanto percorrê-lo por muito tempo e poderia chegar lá até de olhos fechados.

Quando o elevador abriu, uma elegante senhora já o aguardava.

— Boa noite Doutor. Ela lhe espera em seu quarto.

— Olá Miriam. Como ela está hoje?

— Está calma e serena. — Rodolfo sorriu para a senhora e agradeceu. — Não precisa me acompanhar. Já sei o caminho.

O velho advogado cruzou a porta que dava ligação ao corredor, percorrendo-o tranquilamente. As janelas estavam abertas e uma leve brisa refrescava seu rosto. Como a noite estava agradável e estrelada, pensou que poderiam dar um passeio mais tarde. No final do corredor, deveria bater na porta à esquerda, mas não o fez, queria fazer uma surpresa e foi logo entrando.

— Boa noite querida. — Rodolfo sentiu seu coração parar. Fazia algum tempo que não a visitava e sentia saudades de seu cheiro, de sua pele, da maciez do seu cabelo, ela continuava linda. Havia se apaixonado assim que a viu naquele baile e foi naquele momento que havia decidido que um dia ela seria dele. Reconhecia que o destino havia contribuído, mas teve que lutar muito para mantê-la ao seu lado. — Não vai cumprimentar seu marido, Mônica?



Por volta da meia noite, Melissa e Pedro chegaram à mansão. Melissa havia contundido o tornozelo direito e deveria permanecer em repouso por alguns dias.

— Pedro, eu não posso acreditar que papai colocaria em risco um processo tão importante para o escritório. — Preocupada, Melissa falou. No caminho para casa, Pedro relatou os detalhes do péssimo dia que teve, incluindo suas suspeitas de que o sogro poderia ter sabotado a agenda de controle de processos.

— Tenho quase certeza, meu amor. Outra coisa, a presença de Valéria na recepção do escritório é coincidência demais. Quando a indaguei sobre o motivo de estar no escritório em uma hora tão imprópria, ela me respondeu que veio pela vaga de advogado. Achei estranho, pois acreditava que todas as vagas estavam preenchidas.

— Não me fale da lambisgoia Pedro. Faça-me o favor de me ajudar com a calça. — Melissa bufou irritada.

Pedro foi em direção à cama a fim de ajudá-la com a calça.

— Venha cá, amor. — Tirou seus cabelos dos ombros e beijou-a no pescoço. — Hum... estava com saudades de você, do seu perfume.

— Ah não, Pedro. Em primeiro lugar, pedi para me ajudar a tirar a calça e não para me beijar. Estou irritada com você.

Pedro desceu com mais beijos até a base do pescoço de sua amada, que

suspirou faminta por mais de seu toque.

— Melissa, meu bem. Quantas vezes terei que falar que você é a única? Sempre foi você, meu amor, e sempre será você... para sempre você. Não precisa sentir ciúmes.

— Como não sentir ciúmes? Aquela mulher odiosa estava tão grudada em você que parecia que queria engoli-lo. Que ódio. — Pedro tomou a boca de Melissa em um beijo pecaminoso, mas quente e repleto de promessas indecentes. Se as palavras não bastavam para ela, demonstraria toda a sua devoção através da união de seus corpos.



No dia seguinte, Maitê e Pedro tentavam convencer Melissa a ficar em casa, já que seu tornozelo continuava inchado.

— Nem pensem em me deixar em casa — respondeu-lhes irritada e com os nervos à flor da pele.

— Inferno, Melissa. Você está com o pé machucado e o médico ordenou que permanecesse em repouso por alguns dias. — Pedro tentou mais uma vez colocar um pouco de juízo na cabeça dela.

— Pedro tem razão! Seu tornozelo está muito ruim. — Maitê repreendeu a irmã.

— Por favor, você é minha irmã e quero estar junto de você no momento que encontrar seu pai pela primeira vez. Venha até aqui e me ajude a sair dessa cama.

— Aconteceu alguma coisa para seu péssimo humor? Ou fiz algo que a desgostou? — Maitê perguntou ao estranhar o comportamento da irmã. Melissa era sempre muito amável.

Pedro foi para o lado de Melissa.

— O problema não é com você, Maitê. É comigo. Vamos, querida. — Pedro a pegou pela cintura. — Ajudarei você a se vestir e levarei as duas até o encontro com o tal do Fernando, se isso lhe fizer feliz e melhorar seu humor. — Melissa deu um tapa na mão de Pedro.

— Depois vocês vão ter que me explicar direitinho o que aconteceu. Vamos logo, gente. Estou uma pilha, não é sempre que se está prestes a conhecer o pai, não é mesmo?



Duas horas depois, os três se encontravam na recepção do hotel onde Fernando Oliveira estava hospedado.

— Boa tarde. — A recepcionista do hotel cumprimentou Maitê.

— Boa tarde. Meu nome é Maitê e o senhor Nando Oliveira nos aguarda.

— Sim. — A moça sorriu. — Ele aguarda a senhora no bar do hotel, é só seguir reto e chegará lá.

Maitê agradeceu a gentileza e foi em direção de Pedro e Melissa, que aguardavam sentados em uma poltrona.

— Eu ainda acho que você deveria ter ficado em casa Mel. Mal consegue firmar o pé no chão.

— Deixa de bobagens, Maitê. Pedro me carrega, afinal, ele veio junto para isso não é, querido?

Maitê notou um toque de sarcasmo na fala da irmã.

— Vocês dois estão muito estranhos para o meu gosto. — Pedro piscou. — Não vão me dizer que brigaram!?

— Imagine só, eu brigar com o amor da minha vida. — Pedro se fez de ofendido. — Melissa que está um pouco nervosa por uma bobagem que ocorreu ontem.

Melissa deu um beliscão no braço de Pedro, que resmungou de dor.

— Você fica se agarrando com outra e depois sou eu que fico nervosa.

— Amor, depois da noite de ontem, pensei que tivéssemos feito as pazes. — Pedro beijou Melissa na ponta do nariz.

Maitê revirou os olhos para os dois. Ela estava uma pilha de ansiedade e os dois ali, parados, trocando carícias. Que eles se danassem, ela iria para o bar sozinha. O garçom a recebeu e indicou a mesa onde poderia encontrar Fernando. Ele estava sentado e mexia os gelos dentro de um copo. Maitê pôde vê-lo de perfil. Era um homem atraente, braços fortes e um tórax grande, se não fosse os cabelos grisalhos, passaria tranquilamente por quarentão.

— Onde está ele? — Carregada por Pedro, Melissa perguntou. Muito eufórica, Maitê foi incapaz de responder qualquer coisa. — Coloque-me no chão. — Pedro atendeu seu pedido e Melissa segurou as mãos da irmã. — Querida, estamos com você. Lembre-se do que o detetive nos falou, ele

também quer conhecê-la.

Os três seguiram para a mesa onde Fernando estava sentado. Assim que chegaram, o homem ergueu os olhos para Maitê, que não conseguiu segurar as lágrimas.

— Fernando, quer dizer, Nando?

— Sim! E você deve ser a Maitê?! — Ele levantou. — Você é uma mulher feita. — Fernando apertou os olhos. — É claro que você é uma mulher feita. O tempo passou, eu sei, mas no fundo eu esperava encontrar uma menina. Posso abraçá-la? — Maitê concordou com um simples gesto de cabeça e pela primeira vez em sua vida pôde sentir o caloroso abraço de um pai. — Querida, você se tornou uma linda mulher. Você me perdoa, Maitê?

— Perdoar você?! Não entendo. — Confusa, Maitê exclamou.

— Sim... filha, eu deveria ter voltado para buscá-las. Fui um covarde, minha querida. Sua mãe morreu, mas eu deveria ter voltado por você e por Maia. Afinal, vocês duas são minhas filhas. — Fernando olhou por cima do ombro de Maitê e avistou Melissa. — Meu Deus, é você Melissa? — Ela assentiu. — Meu Deus, você é uma cópia de sua mãe.

— É um prazer conhecê-lo, Nando. — Melissa estendeu a mão.

— O prazer é meu em revê-la, Melissa.

Depois de Pedro também ser apresentado, todos se sentaram e pediram uma bebida para acalmar as emoções. Fernando não conseguia tirar os olhos de Melissa e Pedro, ciumento que era, sentiu-se incomodado.

— Desculpem-me, mas estou chocado com a semelhança entre Melissa e Mônica. — O jornalista disse-lhes assim que percebeu os ciúmes do advogado.

— Você acha mesmo? — Maitê perguntou. — Não temos muitas fotos de nossa mãe e papai, quer dizer Rodolfo, fala muito pouco dela.

— Melissa é uma cópia perfeita de sua mãe, Maitê. E Maia? Por que não veio?

— É uma longa história, mas se o senhor tiver paciência, podemos contá-la. — Pedro respondeu.

Maitê, Melissa e Pedro se revezaram para contar os fatos que envolveram a família Leite de Azevedo, nos últimos 30 anos: o casamento de Maia e Pedro, a fuga de Melissa para o exterior, o nascimento de Tereza e Joaquim, a internação de Maia e a descoberta dos diários e cartas de Mônica.

— Então quer dizer que Maia está numa clínica de reabilitação? Meu

Deus, o que eu fui fazer. Eu deveria ter voltado por vocês. — Fernando aperta a mão de Maitê. — E por você também, Melissa. Eu prometi para sua mãe que protegeria você como uma filha. Eu e Mônica tínhamos tudo combinado, cada detalhe foi planejado com cuidado. Mas, na última hora, a pessoa que eu acreditei ser de confiança nos traiu.

— Eu li em uma carta que o senhor enviou para mamãe. — Melissa confessou-lhe comovida.

— Sim, eu contei com a ajuda de uma das arrumadeiras da fazenda. Estava tão desesperado em tirar Mônica e vocês daquela prisão que não levei em consideração que a moça em questão nutria uma paixão por mim. Ela nos traiu e contou para o Rodolfo que acabou por armar uma cilada. Ele mandou vocês três para a casa dos pais sem avisar Mônica. Ela entrou no quarto para pegá-las e não encontrou nem uma de vocês lá. Como Mônica estava atrasada, eu fui até a fazenda. Tentei conversar com algum funcionário para saber o que estava acontecendo, mas todos se recusavam a abrir a boca. Paula, o meu contato na casa, havia sumido.

— Como o senhor ficou sabendo da traição? — Pedro questionou.

— Eu fui atrás dela depois que consegui despistar Rodolfo. Coloquei-a contra a parede e ela confessou. Se a infeliz da Paula não tivesse aberto a boca, nosso plano teria dado certo. Quando cheguei à fazenda e ninguém queria me falar o que estava acontecendo, me vi obrigado a entrar na casa grande e ir à procura de Mônica. A casa estava deserta, nenhum empregado, absolutamente vazia. Mônica estava no quarto que dividia com vocês, sentada na cama, desesperada e muito preocupada. Rodolfo estava de pé, perto de uma janela. Nunca consegui esquecer aquela imagem, apesar de quase 30 anos terem passado. Rodolfo usava as filhas para manipular Mônica. Eu não aguentei e parti para cima dele, foi quando ele disparou para cima de mim e fui atingido de raspão. Rodolfo exigiu que Mônica escolhesse entre eu ou as filhas. Diante do vacilo de Mônica, Rodolfo deu seu golpe final, obrigando-a a escolher as filhas, ameaçando acabar com minha vida.

— Eu não entendo... mamãe se suicidou, então? — Melissa desejava saber a verdade.

— Eu não sei ao certo o que ocorreu. Sua mãe me implorou para que eu saísse e assim fiz. Naquele momento, meu coração se partiu em muitos pedaços e nunca mais consegui ser o mesmo. Eu amava Mônica. Um velho conhecido da fazenda me deu abrigo e comida. Minha ideia era dar um tempo

e depois tentar entrar em contato com Mônica. Para minha tristeza, alguns dias depois, recebi a notícia de que sua mãe havia se suicidado. A notícia caiu como uma bomba em minha vida, eu fiquei enlouquecido, não sabia mais o que fazer, para onde ir. Queria ir buscar vocês e levá-las comigo, mas não tinha meios para isso.

Melissa agarrou as mãos de Fernando.

— Minha mãe lhe amou mais do que tudo, Fernando.

— Eu sei. E eu a amei mais do que tudo, mas não fui forte o suficiente para lutar por cada uma de vocês. Eu fui um covarde.

— Não acho que você tenha sido um covarde. O que você poderia fazer diante do poder do nome e do dinheiro de meu pai, Fernando? Absolutamente nada. Papai teria passado por cima de você e hoje não estaria aqui para poder abraçar suas filhas. — Melissa secou uma lágrima que escorreu pelo rosto.



Nos dias que se seguiram, Melissa e Pedro dedicaram seu tempo a encontrar uma casa para morarem com os filhos. Aparentemente, Maia estava estabilizada e não havia indícios de que Rodolfo poderia atentar contra sua vida. Maitê e Fernando passavam mais tempo juntos. A irmã mais velha das Leite de Azevedo estava radiante e feliz como há tempo não se via. Fernando insistia em visitar Maia também, mas Tadeu aconselhou que esperasse um pouco até conseguir prepará-la para a visita, sem comprometer o tratamento.

Quanto à sabotagem no escritório, Pedro desconfiou de Humberto, pois o advogado andava estranho e passava muito tempo em reuniões com Rodolfo, que por sua vez, resolveu reassumir alguns processos no escritório, alegando que se encontrava muito entediado.

— Quero que você estabeleça uma rotina diferente para o acompanhamento dos processos mais importantes e que fique sob seu gerenciamento direto, ao menos até que as coisas se esclareçam. — Pedro passou instruções precisas para Rafaela, a única que lhe era confiável.

— Está bem. Para onde vai? Não me lembro de você ter audiência marcada para hoje.

— Não é audiência, Rafaela. Vou cumprir minha palavra com os Monteiro. Tenho um testamento ou sei lá o que seja, talvez uma carta para ler. Nem sei bem como chamar esse documento que Ricardo me deixou. Quero terminar com isso logo e poder registrar Tereza como minha filha de

uma vez por todas.

Pedro se despediu e foi até o Tabelionato de Santa Bárbara.

— Bom dia, Doutor Pedro. — A atendente o cumprimentou e o conduziu até uma sala reservada. — O tabelião chegará em breve para dar seguimento às formalidades.

O advogado assinou vários documentos e recebeu a carta deixada por Ricardo.

— Minha missão foi cumprida. Fique à vontade e pode usar a sala pelo tempo que achar necessário. — O tabelião, um senhor de 60 e poucos anos, calvo e gordo, bateu no ombro de Pedro e deixou-o sozinho para que pudesse ler com tranquilidade o documento.

O advogado rompeu o lacre do envelope e abriu a carta. Um misto de ansiedade e receio atingiu seu peito. Era a hora de saber o que Ricardo tanto tinha para lhe falar.

Caro Pedro,

Em primeiro lugar, se estiver lendo esta carta é porque estou morto antes do devido tempo. Talvez você já saiba que é o verdadeiro pai de minha adorada Tereza. Sim Pedro, Tereza é minha adorada filha e a amo muito, mesmo não sendo minha filha biológica, assim como amo a mãe dela. Se você acha que um dia cheguei a me arrepender por ter levado Melissa comigo, esqueça a ideia e pare de se torturar por isso. Cada dia que vivi ao lado de Melissa, superou qualquer sentimento de arrependimento. Sempre o considerei meu amigo, o irmão que não tive. No entanto, Melissa nunca foi negociável para mim. Amo-a desde a minha adolescência e jamais poderia abrir mão de uma vida com ela, por nada e por ninguém.

Sempre fui um sujeito meticoloso e organizado. Assim que garanti o conforto de Melissa e a tirei da confusão que você a jogou, tratei de colocar pessoas de minha confiança para investigar o que de fato havia acontecido. Algo em torno da história da gravidez de Maia não batia muito bem. Aquela menina sempre foi uma louca e poderia ter aprontado uma das suas. Foi então que descobri que a caçula de Rodolfo havia comprado um exame falso de gravidez e simulado mais tarde um aborto. No entanto, era tarde para contar a verdade para você e Melissa. Tereza havia nascido e me encantado. O amor por Melissa cada dia crescia mais. Fui um covarde Pedro. Não somente porque sentia medo de perder Melissa, mas sim porque não

suportaria mais viver longe dela, depois de ter conhecido a verdadeira felicidade. Era certo que Melissa me deixaria e levaria consigo minha filha. Não me arrependo de ser tão egoísta, pois vivi os melhores anos de minha vida. Melissa e Tereza se tornaram minha razão de viver. Minha vida foi perfeita.

Por outro lado, apesar da fidelidade e do carinho de minha esposa, sempre soube que você era o homem que ela verdadeiramente amava. Desejo irmão que você seja feliz com Melissa e Tereza e me perdoe pelo egoísmo. Quero que diga às duas mulheres de minha vida que as amei muito e tudo o que fiz foi para tê-las ao meu lado.

Por fim, peço que diga à Maitê que sinto muito pela perda do nosso bebê. Ela devia ter procurado meus pais. Assim como descobri toda a armação de Maia, também descobri a respeito do bebê e do aborto que quase tirou a vida de Maitê. Não pense que não senti culpa pelo que aconteceu. Eu teria sido mais feliz se tivesse tido a oportunidade de abraçar e cuidar do meu filho ou filha. Houve ocasiões em que pensei que deveria tê-la procurado, mas de nada adiantaria, pois o mal havia sido feito e o que não tem mais remédio, remediado está. Maitê era uma mulher admirável e surpreendente, porém, no coração não se manda, não é? Meu coração sempre foi de Melissa, assim como o seu, presumo. Nunca menti para Maitê, sempre fui sincero a respeito dos meus sentimentos para com ela e com a irmã. É claro que deveria ter resistido às investidas e a mantido afastada, mas a carne foi fraca. Não me critique, Pedro. Também sei que não tem sido um santo em seu casamento. É bem provável que você faça aquilo que eu fazia para tentar tirar Melissa da cabeça: envolver-se com muitas mulheres. Maitê foi uma das mulheres que me envolvi. Sei que soa frio, mas é a verdade e não tenho como mudar isso.

Com isso, cumpri minha última obrigação: esclarecer os fatos. Sinceramente, espero que tenha se tornado um homem menos ambicioso e que seja capaz de alcançar a verdadeira felicidade que deixou passar. Não se sinta traído, Pedro. Não há motivos suficientes para isso. O coração de Melissa, que tanto quis para mim, sempre foi seu, sempre foi você para ela.

Ricardo Monteiro.

Pedro releu a carta umas três vezes. Da primeira vez, soltou uma gargalhada. Seu amigo era um homem pragmático e sem meias verdades, era tudo preto no branco e era certo que nunca escondeu seu amor por Melissa. A

verdade era que Ricardo tinha sido leal e um bom amigo e, assim que Melissa o escolheu, manteve-se afastado. Ao reler a carta pela segunda vez, sentiu muita raiva, pois Ricardo havia vivido junto de Melissa e Tereza, havia roubado os anos que eram seus por direito. Já, na terceira e última vez que leu as palavras escritas pelo falecido, Pedro deixou algumas lágrimas rolarem, afinal, ele era seu amigo e apesar de tudo, de ter levado Melissa para longe, de ter sido o pai de Tereza em seu lugar, tratou de protegê-las.

O advogado dobrou a carta e enfiou-a no envelope.

— Não há como sentir rancor por você, amigo. Você cuidou do amor de minha vida, cuidou de minha filha, não há como sentir ódio por você, Ricardo. — Pedro suspirou. — Você não me tirou nada. Você simplesmente pegou para você aquilo que eu não tive a decência de cuidar. Muito obrigado, Ricardo. — Pedro desabafou. Dobrou o envelope e colocou dentro do bolso interno do casaco.

Ao chegar ao escritório, decidido a não revelar o segredo de Ricardo, Pedro queimou a carta. De nada adiantaria revelar para Melissa que Ricardo sabia da gravidez falsa de Maia. Apenas mancharia a memória do amigo, além de fazer Melissa sofrer. Ricardo estava morto e que descansasse em paz, pensou.



Uma semana e meia depois, Pedro e Melissa entravam felizes na mansão Leite de Azevedo, acompanhados de Tereza e Joaquim. Os quatro acabavam de chegar da rua. Tereza ria do irmão, que havia se sujado ao cair numa poça de barro no pátio da casa que estava sendo reformada. Tereza não lembrava mais a menina carrancuda de alguns meses atrás. Pedro havia assumido a paternidade e seu nome havia mudado para Tereza Leite de Azevedo Rodrigues.

— Para de rir, Tetê. — Joaquim reclamou da implicância da irmã.

— Meu Deus. — Maitê exclamou ao ver o sobrinho. — O que aconteceu com você, Joaquim?

— Ele caiu numa poça de barro titia. — Tereza respondeu correndo para os braços da tia. — A senhora está linda hoje. — A menina beijou a tia com carinho.

— Tia Maitê é sempre linda, Tetê. — Joaquim, o gentleman da família, também a elogiou. — É certo que ela vai se encontrar com o médico gostosão.

Maitê corou de vergonha.

— Isso é coisa que se fale para sua tia, Joaquim?! — Maitê o repreendeu.

— Mas foi a tia Melissa quem falou... outro dia, eu a escutei falando para Má que a tia Maitê estava toda linda para encontrar o médico gostosão.

— Joaquim. — Melissa chamou a atenção do enteado, tapando os ouvidos de Pedro.

— Não adianta mais, Melissa. Eu ouvi tudo e não gostei nem um pouco.
— Pedro fechou-se em uma carranca.

Melissa e Maitê riram.

— Vamos crianças. Vocês precisam de um bom banho e depois de um lanche. — Má chamou-os, dando ordens para que os dois subissem para seus quartos.

— Melissa, Tadeu acabou de ligar... é Maia.! — Maitê suspirou. — Maia tem chamado por você, insiste que está te vendo no jardim.

— Então, ela piorou? — Aflito, Pedro perguntou. Apesar de tudo, a ex-esposa continuava a ser a mãe de seu filho.

— Tadeu não quer se precipitar. Vocês o conhecem e sabem que prefere observar bem antes de adiantar qualquer coisa. Por isso ele pediu que Melissa a visite na clínica. Nando, quer dizer, meu pai, esteve lá na semana passada. Ela o recebeu bem e ele contou que era nosso pai. Aparentemente tudo correu bem.

— Por falar em pai, por onde anda o meu? Faz alguns dias que não o vejo.

— Nem eu o tenho visto, querida. — Pedro respondeu. — Depois da sabotagem no escritório, Rodolfo também não apareceu por lá.

— E como ficou isso? — Maitê questionou Pedro.

— Contratei uma auditoria para passar um pente fino no escritório. Porém, tenho certeza de que Humberto está envolvido na sabotagem.

Maitê assentiu.

— Se alguém quis nos prejudicar, com certeza, a auditoria vai pegar o sujeito. Quanto à Maia, o que acham de a visitarmos amanhã?



Na manhã seguinte, Melissa e Pedro se dirigiam de carro à Clínica Santa Luzia, onde ficaram de encontrar Maitê e Tadeu.

— Minha irmã está tão feliz. — Pedro concordou com um balançar de cabeça. — Ela é outra pessoa. Quem poderia imaginar que Maia, no final, acabaria sendo a responsável pela felicidade de nossa irmã.

— É estranho mesmo, mas devo discordar, meu amor. Não foi Maia a responsável. — Melissa olhou de esguelha para Pedro. — Você foi a responsável por Maitê encontrar um novo amor ao exigir que ela fosse a responsável legal de Maia. Eu sou mesmo um grande sortudo por tê-la como

minha mulher. Eu admiro você, Melissa. Admiro sua generosidade, sua inteligência, sua resiliência e tenacidade em superar as adversidades.

— Não sou tudo isso, Pedro. Teve um tempo em que apenas queria morrer. Não sou toda essa fortaleza que você acha que sou. Perder você me fez quebrar inteira. No final de tudo, eu sequer acreditava ser possível juntar os cacos do meu coração.

O advogado pegou a mão de Melissa e levou à boca, depositando um beijo.

— Nos fortalecemos, meu amor. Por essa razão, nunca mais nada e ninguém nos separará. Eu amo você, Melissa.

— Eu também amo você, Pedro. E já que tocou no assunto, preciso contar uma coisa para você. Eu queria deixar para um momento especial, mas depois dessa troca de votos de amor eterno, acho que devo contar para você que estou grávida.

Pedro estacionou o carro no acostamento da estrada.

— Grávida? Você me disse que está grávida? — Riu. — Grávida de um filho meu? — Melissa assentiu com a cabeça. — Você tem certeza de que está grávida?

— Tenho. Eu fui até um laboratório e confirmei minhas suspeitas. É ainda recente, não devo passar de 4 semanas.

— Caramba! Eu sou mesmo um puto de um sortudo. Nós estamos grávidos, Melissa. — Pedro saltou do carro, indo em direção ao outro lado, onde abriu a porta e puxou Melissa para seus braços. Afoito, beijou-a e, logo em seguida, ajoelhou-se diante da mulher que sempre amou para mudar sua vida para sempre. — Você aceita se casar comigo? Só um pouco. — Pedro levantou e foi até o carro, remexeu em sua pasta de trabalho e voltou para ficar de joelhos novamente diante de seu grande amor. — Agora sim... você quer se casar comigo? — Ele abre um estojo com um par de alianças de ouro.

— Mas e o seu divórcio?

— Saiu. Eu estou legalmente livre para me casar com você, meu amor. — Melissa começou a chorar. — Então, aceita se casar comigo? — perguntou-lhe novamente por ansiar uma resposta, aquela que mudaria sua vida para sempre.

— É claro que sim, meu amor. Agora levante e vem logo me beijar.

Pedro encostou Melissa contra o carro e grudou sua boca nos lábios dela. Sua língua avançou feroz, exigindo-a com paixão. Amava-a mais do que tudo

e nada e nem ninguém poderia impedi-los de viver esse amor.

— Você grávida, Melissa. Eu não acredito. Não sei se mereço essa benção, depois de tudo. Não. Claro que mereço, nós merecemos viver isso. Será um sonho poder acompanhar você nas consultas, enxergar sua barriga crescer, segurar sua mão na hora do parto, poder ver o rostinho de nosso bebê. — Pedro colocou a aliança no dedo de Melissa e ela fez o mesmo com ele.



Assim que chegaram à clínica, Melissa e Pedro contaram a novidade para Maitê e Tadeu que os cumprimentaram empolgados.

— Melissa, por favor, procure não se estressar com Maia. Você está grávida e quero que meu sobrinho ou sobrinha nasça saudável. Também acho bom não falarmos da sua gravidez na frente dela. Sei lá... — Maitê fez mil e uma recomendações à irmã.

— Dessa vez eu vou com você Melissa. — Pedro falou em tom de voz grave, revelando toda sua preocupação. — Nem pense que vou deixá-la enfrentar a louca da Maia sem mim, não esperando um filho meu.

— Pedro, Maia não irá me fazer nada. Estamos dentro de uma clínica, cercados de médicos e enfermeiras. Não sei se será bom para Maia lhe ver.

— Eu vou junto e não se fala mais nisso.

— Pedro, não seja teimoso.

— Deixe-o, Melissa. Pedro poderá aguardar no corredor. Assim fica bom para você e para ele também. — Tadeu interviu. — Você também Maitê, por favor, aguarde aqui no corredor com Pedro. Eu a acompanho, estará segura comigo, eu prometo Pedro. — Tadeu deu um beijo em Maitê e entrou no quarto de Maia, sendo seguido por Melissa. — Bom dia, Maia. Olha quem eu trouxe para vê-la.

— Melissa! — Maia gritou assim que viu a irmã e correndo foi ao seu encontro. — Melissa, você tem que dizer para Doutor Tadeu que estive na

clínica. Ninguém acredita em mim.

Tadeu foi para perto de Maia e, com cuidado, levou-a de volta para a cama.

— Calma Maia. Lembre-se que você tem que se manter tranquila.

— Sim. Prometo que me mantereí calma. Por favor, Melissa, diga-me que esteve na clínica?

Tadeu fez sinal para que Melissa respondesse.

— Infelizmente, não estive. Sinto muito, mas você deve ter me confundido com outra pessoa.

— Isso. Eu devo ter confundido você com outra pessoa. Doutor, por favor, você precisa acreditar em mim. Estou tentando permanecer o maior tempo possível sem tranquilizantes e sei que vi alguém muito parecido com a minha irmã, se não era Melissa, então, deve ser alguém que se pareça com ela.

Melissa foi para perto da irmã e tentou acalmá-la.

— Maia, conte-me os detalhes dessa mulher que você viu?

— Viu Doutor, eu sabia que Melissa iria acreditar em mim. Apesar de tudo o que fiz, minha irmã sempre foi a melhor de nós três, ela sempre espera o melhor das pessoas. Eu e Rita estávamos passeando no jardim há dois dias, perto do lago. Em um dos bancos eu avistei uma mulher loira, com os cabelos um pouco abaixo dos ombros. Ela tinha o rosto delicado como o seu, o mesmo formato da boca e dos olhos, a mesma cor dos olhos. Essa mesma mulher... ela já havia me chamado a atenção antes.

— Maia, você acabou de me dizer que essa mulher estava um pouco distante de você. Como pode ter conseguido perceber tantos detalhes? — Melissa comentou.

— Ela levantou e veio caminhando em nossa direção. Passou ao lado do nosso banco, foi então que consegui observar alguns detalhes. Na hora, fiquei nervosa e chamei por você. Como me descontrolei, Rita acabou me trazendo de volta para o quarto.

— Lembra-se de mais algum detalhe, Maia? Tente se concentrar. — O médico a incentivou.

— Sim, eu lembro. Não era Melissa, não. Ela era mais velha, não poderia ser minha irmã. Mas era como se eu pudesse enxergá-la daqui a 20 anos.

Melissa empalideceu e ficou tonta de repente, agarrando-se na cama a fim de não cair. Tadeu percebeu e foi ampará-la para que não se machucasse.

Maia gritou diante do desmaio da irmã. Pedro entrou assustado, seguido por Maitê.

— O que você fez com ela Maia? Juro que vou te matar, sua infeliz. — Pedro partiu para cima da ex-esposa completamente transtornado. Maitê se colocou entre ele e a irmã a fim de evitar o pior.

— Maia não fez nada. — Tadeu exclamou. — Ajude-me a colocar Melissa na cama Pedro.

— O que ela tem doutor? — Aflito, Pedro perguntou.

— Os batimentos estão normais. Ela deve ter tido um mal-estar devido ao estado delicado em que se encontra. — O médico respondeu.

— Eu não sabia que gravidez passou a ser chamada de estado delicado. — Maia se aproximou rindo.

— Não ouse chegar perto dela. — Pedro parecia um cão protegendo a dona.

— Pare com isso Pedro. Não vou fazer nada com ela e o bebê. Quer saber, eu posso ser uma louca de uma viciada e bêbada, mas me sinto feliz e aliviada por ter colocado um fim na mentira que era nosso casamento e fico feliz por você e Melissa estarem juntos.

— Ai Maia. — Maitê abraçou a irmã. — Você não sabe o quanto eu fico feliz em ouvir isso querida.

Uma enfermeira entrou com um copo de água e um aparelho de aferir pressão em uma bandeja, que foi entregue ao médico.

— A pressão está um pouco baixa. — Tadeu deu tapinhas no rosto de Melissa e ela acordou.

— Amor! Meu Deus, Melissa! Que susto. Nunca mais faça isso de novo. — Pedro beijou-a.

— Eu acho que fiquei muito tempo sem comer. Acontecia o mesmo quando estava grávida de Tereza. Maia? — A caçula se aproximou. — Maia, você me falou que a mulher era muito parecida comigo e que poderia ser eu daqui a 20 anos? — Maia assentiu, deixando claro que tinha certeza. — Por Deus, eu não posso acreditar.

— O que foi Melissa? Você ficou mais branca do que estava querida. — Maitê se aproximou de Tadeu.

— Eu acho que Maia pode ter visto nossa mãe — falou Melissa, consternada com a conclusão a que chegara.



— Eu não estou de brincadeira. — Melissa exclamou, um tanto irritada, pelo olhar de susto de todos. — É bem possível que papai tenha trazido nossa mãe para esta clínica.

— Querida, está apenas impressionada. Acabou de desmaiar. — Pedro também confuso tentava acalmar a mulher.

— Não! Eu estou apenas grávida e me senti mal. Eu acho que devemos investigar. Minha mãe é muito parecida comigo. Todos que a conheceram falam isso. Até Nando falou isso. Maia viu uma mulher e acabou de descrever que se parecia comigo daqui a alguns anos. Logo, pode ser nossa mãe. Além disso, papai insistiu muito para que Maia fosse internada nesta clínica.

— Ele não teria tido coragem para fazer uma coisa dessas! — Indignada, Maitê falou.

— Quem? O Doutor Rodolfo? Não seja ingênua, Maitê. É claro que ele teria coragem de fazer. Eu, você e até Melissa fomos manipuladas por ele. — Maia pontuou.

— Deixe-me levantar. Tenho que ir até a direção, preciso descobrir se nossa mãe está aqui. — Pálida, Melissa sentou na cama, deixando o noivo preocupado. — Doutor Tadeu, pode nos ajudar com isso?

— Infelizmente não. Apenas venho à clínica para atender Maia. — O médico respondeu.

— Maia. — Melissa olhou para a irmã. — Você terá que nos ajudar. Está disposta? — Ela concordou. — Terá que se aproximar da senhora que se parece comigo e descobrir de quem se trata.

— Melissa, isso é loucura. — Pedro interrompeu a conversa das irmãs.

— Por que é loucura, Pedro? — Maia encarou o ex-marido. — Com certeza você acha que não sou capaz, sempre me julgou uma viciada.

— Você me deu motivos para isso Maia. — Irritado, Pedro respondeu à ex-esposa, lembrando da dor que ela provocara por ser egoísta e mimada.

— Espera aí! Que horas são? — Maia interrompeu Pedro.

Maitê olhou no relógio de pulso.

— São 10 para as 10 da manhã. Por quê?

— Ela deve estar tomando sol agora. Vamos para o jardim. — Maia saiu da sala, sendo seguida pelos outros. — É hoje que nós tiramos a teima, Melissa.

Ao chegarem ao jardim, perto do lago, não encontraram a mulher que se parecia com Melissa.

— Não falei. — Pedro resmungou e foi beliscado por sua amada.

— Mas ela pode estar no outro jardim. Uma das pacientes me falou que existe um jardim que fica na parte dos fundos da clínica. É uma espécie de jardim de inverno. — Maia se afastou e conversou com uma moça. Logo depois retornou com novidades. — Esta é Tatiana, minha amiga. Ela sabe onde fica o jardim de inverno e aceitou nos levar até lá.

Pedro revirou os olhos e levou outro beliscão de Melissa.

— Tudo bem, vamos lá — resmungou mais uma vez contrariado por ter sido voto vencido.

Atravessaram o enorme gramado que separava o lado da casa onde funcionava a clínica. Contornaram o edifício até chegarem aos fundos do terreno.

— É aqui. — Tatiana anunciou.

O jardim de inverno na verdade era uma estufa de vidro com lindas folhagens e várias espécies de flores. No meio da estufa, havia uma pequena fonte com alguns bancos ao redor. Em um deles, uma senhora de cabelos loiros repousava serenamente.

— É ela! — Animada, Maia soltou.

Assim que ouviu o grito, a mulher ergueu sua cabeça. Melissa gelou ao perceber que Maia tinha razão. A semelhança era impressionante. A mulher

se levantou, também tomada de uma forte emoção.

— Mãe! — Melissa deixou escapar, sentindo seus olhos se encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Eu não posso estar sonhando. É você, Melissa? A minha doce Melissa! — A mulher correu ao encontro da filha, queria abraçá-la, acariciá-la.

Melissa segurou as mãos da mulher.

— Sim, sou eu, Melissa! A senhora é Mônica, minha mãe?

— Sim, sou eu, Mônica! Então, eu não estou sonhando.

Melissa abraçou a mãe e tomadas por uma emoção profunda, começaram a chorar. Maitê e Maia não aguentaram e se jogaram em cima das duas.

— Deixe-me vê-las. Você deve ser a Maitê, os olhos são os mesmos de seu pai e, você é Maia, a minha bebê. Você era uma bebê recém-nascida quando nos separaram.

As quatro permaneceram ali, abraçadas por algum tempo. Havia perdido completamente a noção dos minutos. Eram quase 30 anos de separação.

— Vocês se tornaram mulheres lindas. — Mônica conseguiu falar. — Deus sabe o quanto senti a falta de vocês, minhas queridas.

Pedro e Tadeu apenas observavam à distância, pois sabiam que aquele momento era somente das quatro. Anos de angústia, de dor e solidão não seriam facilmente apagados, mas a esperança acabava de renascer no coração delas.

Assim que as quatro conseguiram se acalmar, Maitê se sentiu encorajada para perguntar o que suas irmãs também desejavam saber.

— Mãe, quem a colocou aqui? Por que a senhora nos deixou?

— Foi Rodolfo que me trouxe para cá. Desculpem-me, por favor! Eu deveria ter sido mais forte, eu deveria ter lutado por vocês.

— Você não nos deve desculpas por papai ter sido um monstro. — Melissa acariciou o rosto de Mônica. — Sabemos de tudo, mamãe. Sabemos que Maia e Maitê não são filhas de Rodolfo.

— Venham. Sentem-se comigo. Precisamos manter a compostura ou chamaremos a atenção das enfermeiras. — Mônica advertiu as filhas das consequências se a vissem exaltadas. — Não posso parecer muito disposta, senão acabam por me medicar.

— Como assim? — Maia perguntou.

— A maior parte do tempo eu passo sob o efeito de tranquilizantes. Faz algum tempo que tenho fingido e não os tomo.

Mônica contou que no dia seguinte em que deveriam ter fugido com Fernando, Rodolfo a levou para a fazenda, onde a deixou lá por alguns meses até ser transferida para a clínica, que na época era um sanatório.

— Rodolfo me disse que havia mandado matar Fernando. Eu havia perdido o meu amor e Rodolfo se recusava a me deixar vê-las. Ele foi vingativo.

— Mãe, Fernando não morreu. Rodolfo mentiu para você. — Maitê interrompeu a narrativa de Mônica. — Com a ajuda de um detetive particular, nós o encontramos. Não é maravilhoso?

Mônica voltou a chorar.

— O meu Fernando não morreu? — Maia negou com a cabeça. — Rodolfo não pode saber disso em hipótese alguma.

— Mãe, esquece meu pai. — Melissa levantou determinada a dar um fim naquela situação vergonhosa. — A senhora não ficará mais nesse lugar, nem Maia. Acabou. — Melissa chamou Pedro e Tadeu para perto. Os dois foram apresentados para Mônica.

— Só um pouco. Acho que não entendi direito. Tadeu é o novo namorado de Maitê e médico de Maia, que também está internada nesta clínica. Já, Pedro é ex-marido de Maia e agora noivo de Melissa.

— Depois explicamos melhor. O importante é tirá-las daqui o mais rápido possível. — Melissa exclamou ansiosa para deixar a clínica na companhia da mãe e da irmã.

— Melissa, não será fácil tirar sua mãe daqui. Quanto a Maia, tudo bem.

— Não importa Pedro. Vamos dar um jeito. Você e Maitê são advogados, espero que deem um jeito nisso.

— É verdade. Não sairemos daqui sem a nossa mãe. — Maia apoiou Melissa.



Duas horas depois, as três irmãs ainda estavam na sala do diretor da clínica.

— Precisam entender que não posso deixar a paciente Angelina sair sem autorização de seu médico e de seu responsável. — Mônica havia sido internada com o nome de Angelina Vieira.

— Por favor, o senhor pare de chamar minha mãe de Angelina. — Melissa praticamente gritou. — O nome dela é Mônica. Olha aqui, o senhor é um criminoso por compactuar com meu pai. Nós não vamos deixar as coisas baratas. Pedro! — Melissa olhou para o advogado com aflição. — Faça alguma coisa, por favor. Não podemos deixar nossa mãe nem mais um dia nesse hospício.

— Tudo bem, Melissa. Mas prometa que vai tentar ficar calma. — Melissa chorava de nervosismo. Ela sempre reagia da mesma maneira, chorava para tudo. — Querida, respira fundo. Você precisa pensar no nosso bebê.

— Melissa, você está grávida? — Mônica perguntou e ela assentiu com um breve aceno de cabeça. — Pedro tem razão. É importante que tente se acalmar.

Mônica levou a filha até uma poltrona e serviu-lhe um copo de água. Enquanto isso, Pedro assumiu as negociações com o diretor.

— Doutor Fagundes, veja bem. Minha mulher e suas irmãs têm razão. A

clínica já esteve envolvida em muitos escândalos e sabemos que a muito custo voltou às atividades. Será o fim de vocês se mais um escândalo vier à tona. E olha que sequer cheguei a falar nos crimes pelos quais o senhor poderá vir a responder. Se o senhor não nos deixar sair daqui com a minha sogra, voltarei acompanhado de um oficial de justiça e tenha certeza de que isso não será a melhor escolha.

— Além de uma decisão judicial, ainda faremos questão de denunciá-lo ao Ministério Público. Se minha mãe vive aqui durante anos é quase certo que outros também se encontram em igual situação. — Maitê completou o discurso de Pedro.

— Tudo bem. Ela sai com vocês. Mas quero a palavra de todos de que o que aconteceu dentro desta sala não saia daqui. Quando seu pai descobrir o sumiço dela. — O diretor apontou para Mônica. — Não quero estar perto.

Pedro não pensou duas vezes e tirou Melissa e Mônica da clínica. Tadeu e Maitê ficaram para trás para assinar a papelada da alta de Maia. Todos se reuniram mais tarde no chalé de campo. Havia ficado decidido que Mônica e Maia iriam permanecer escondidas lá até terem decidido o que deveria ser feito com Rodolfo. Eles contavam com alguns dias para isso, já que o velho advogado costumava visitar a esposa uma vez ou duas por mês e a próxima visita estava prevista para o próximo mês, conforme ele havia adiantado para Mônica.



— Tem certeza de que mamãe ficará segura aqui? — Preocupada, Melissa questionou Pedro.

— Claro que sim. Ninguém, além de mim, de você e das crianças sabe do chalé.

Melissa subiu com a mãe até o quarto principal e Mônica se encantou com o quadro em tamanho natural da filha.

— Nossa, tudo aqui nos lembra de você. Olhe esta fotografia. — Passou os dedos pela grande moldura.

— Este é nosso ninho de amor. — Melissa abraçou a mãe. — Não consigo acreditar que você está aqui junto de nós, as suas filhas.

— Nem eu. Querida, antes que suas irmãs cheguem, por favor, conte-me mais sobre vocês. Por que Maia estava internada?

— Claro que conto, embora eu acredite que teremos todo o tempo do mundo para isso. Mas posso começar com um pequeno resumo. — Melissa relatou os detalhes de sua separação com Pedro, a gravidez de Tereza, seu casamento com Ricardo após a decepção que sofreu ao saber que o noivo se casaria com a irmã. Apenas omitiu o aborto do bebê de Maitê, pois aquilo era um segredo da irmã e julgava inadequado revelar.

— Meu Deus. Rodolfo ultrapassou qualquer limite. Ele me visitava sempre, às vezes me trazia fotos de vocês, em raras ocasiões, devo dizer. Porém, nunca mencionou os problemas de Maia ou que você tivesse sido noiva de outro antes de casar-se com um rico herdeiro, era assim que ele se referia. Melissa?

— Sim.

— Não quero que sinta ódio pelo seu pai. Eu sei que deve ser difícil para você encarar a realidade de tudo, mas ele é seu pai.

— Mãe, eu sei que ele é meu pai. Senti desejo de que eu também não fosse filha dele. Seria mais fácil poder sentir ódio se ele não fosse meu pai. Eu acompanhei o alívio que foi para Maitê e para Maia ao descobrirem que não eram filhas de Rodolfo. Elas se livraram da culpa por odiar o pai, mamãe.

— Ele sempre te amou querida.

— Isso não é amor. Papai destruiu as nossas vidas, a sua vida. Sufocou cada uma de nós com seu rancor. Fez-me crescer sem mãe, nos fez crescer sem a presença e o amor de uma mãe. Maitê carrega até hoje as cicatrizes das exigências de papai e Maia... bem, Maia aceitou passivamente o rótulo de problema da família. Já eu, me omiti de tudo, simplesmente deixei a tristeza me corroer e fugi. — Melissa suspirou e uma lágrima escorreu pelo rosto.

— Me desculpe Melissa. — Mônica a puxou para seu colo. — Anos sozinha me fizeram refletir sobre várias coisas... dentre as quais está o fato de não ter me esforçado o suficiente para deixar de amar Fernando.

— Você ainda o ama? — Melissa saiu do colo da mãe e acariciou delicadamente a sua face já enrugada.

— Nunca fui capaz de deixar de amá-lo. Ainda hoje eu o amo.

— Então, a senhora vai gostar de saber que Fernando se tornou um renomado jornalista, não se casou e não a esqueceu.

— Não se casou? — Melissa sacudiu a cabeça. — Nossa chance já passou, minha filha.

— Não, não passou. Você e Fernando ainda podem ser felizes.

— Não sei não, querida. Já prejudicamos tantas pessoas por causa do nosso amor.

— Por isso mesmo mamãe. Faça valer a pena todo o sacrifício pelo qual passamos e seja feliz junto de seu amor.

— Oh querida... eu tinha certeza de que você se transformaria em uma mulher bondosa e gentil. Desde pequenina, sempre foi amorosa e preocupada com os outros. Eu a amo tanto Melissa. Você não é filha de Fernando como suas irmãs, mas sempre foi minha preciosidade.



MÔNICA

Reencontrar minhas filhas foi a coisa mais maravilhosa que poderia ter me acontecido. E pensar que perdi quase 30 anos da vida delas. Rodolfo foi um monstro e eu uma fraca. Sinto-me uma miserável pelo que minhas meninas tiveram que suportar. Maitê abortou um bebê, Maia se tornou uma viciada e Melissa se casou com um homem que não amava. Sinto-me culpada pelo destino cruel que tiveram que enfrentar. Por essa razão, tomei a decisão de não me aproximar de Fernando. Quero paz e simplesmente conformei-me, com o fato de que não merecemos ficar juntos.

Desci as escadas do chalé. Melissa e Pedro nos trouxeram para cá assim que conseguiram nos tirar daquele inferno que era a clínica. Nem quero ver o que Rodolfo fará quando descobrir. A casa estava em completo silêncio. Maia havia me avisado que daria um passeio, mas Melissa e Maitê já deveriam ter chegado. Minhas filhas mais velhas não deixavam de vir nos ver um dia sequer.

— Mônica. — Senti meu coração disparar ao reconhecer a voz de Fernando. Era ele sem qualquer dúvida. O timbre grave e harmonioso sempre foi uma de suas marcas registradas. Eu sempre lhe dizia que deveria ser cantor de ópera. Sorri com a lembrança dos momentos que dividimos.

— Fernando! — Seu nome escapou de meus lábios. Ele continuava lindo,

mas mais refinado e isso me fez estremecer. — O que faz aqui? — perguntei sem jeito.

— Vim vê-la, meu amor. Não admitirei me separar de você de novo. — Ele encurtou a distância que nos separava. Sentindo-me fraca com a proximidade, acabei por procurar amparo em uma das poltronas. — Você acreditava que iria aceitar sua decisão, Mônica? Eu amo você, desde sempre ameí você. Durante malditos 30 anos, eu ameí você com todas as minhas forças, mesmo acreditando que você estivesse morta. Eu não via a hora de encontrá-la do outro lado. Foi por isso que me tornei um correspondente de guerra. Tive a esperança de que uma bomba me matasse para que a dor terminasse e eu pudesse reencontrá-la. E agora que eu sei que você está viva, ninguém mais nos separará. — Quando Fernando me puxou pela cintura, fui incapaz de resistir. Toda minha determinação em não querê-lo mais é deixada de lado. Eu o queria muito, sempre o quis.

— Não sei se devemos. Sinto medo por minhas filhas. Rodolfo poderá fazer mal a elas.

— Será diferente, Mônica. As meninas cresceram e são mulheres agora.

— Eu sei, mas e Rodolfo?

— Rodolfo é um problema para lidarmos depois. Deixe-me apenas beijá-la, meu bem. Preciso senti-la, cheirá-la e amá-la. A tarde é nossa.

— Oh... meu Deus. Por que você faz eu me sentir como uma menina de 20 anos?

— Porque nos amamos Mônica. Eu amo você e preciso ouvir o mesmo de ti.

— Eu amo você Fernando! — Meu coração acelerou e minha pele se aqueceu. Eu queria beijá-lo, tê-lo em meus braços. A saudade era desesperadora. Fernando me ergueu em seu colo e subiu as escadas sem me deixar pensar em rechaçá-lo. Lágrimas escorriam dos meus olhos, sabendo que uma tarde seria pouco para aplacar a saudade de 30 anos.



Alguns dias se passaram. Mônica e Maia descansavam no chalé de campo de Pedro. Melissa e Maitê passavam parte de seus dias com a mãe e a irmã. Para sua segurança, decidiram que ainda não era o momento adequado de Joaquim e Tereza conhecerem a avó. Maia continuava seu tratamento sob a supervisão de Tadeu e desejava muito reaproximar-se do filho. A auditoria no escritório havia sido concluída e Humberto foi apurado como responsável pela sabotagem no controle eletrônico dos processos. Por orientação de Rafaela, Pedro não adotaria nenhuma medida contra o advogado até a situação de Mônica se resolver. Maitê foi pedida em noivado por Tadeu e os dois estavam decididos a morar juntos. Também planejavam adotar uma criança. Mônica e Fernando finalmente se reencontraram. Era seu destino ficarem juntos. É claro que as filhas precisaram dar uma forcinha, empurrando-os para os braços um do outro. Aparentemente, tudo corria bem e todos se encaminhavam para o “felizes para sempre”. No entanto, Melissa sabia que ainda havia uma pedra no caminho e essa pedra era poderosa e atendia pelo nome de Rodolfo Leite de Azevedo.

O celular de Melissa tocou. Era Pedro muito preocupado.

— Amor, aquele médico diretor da clínica que sua mãe e Maia estiveram internadas acabou de me ligar. Seu pai ficou sabendo que tiramos sua mãe da clínica.

— Ai meu Deus! — Melissa soltou apavorada.

— Devemos esperar qualquer coisa de seu pai, querida. Onde você está?

— Eu e as crianças acabamos de chegar na mansão.

— Meu amor, escute. Seu pai já sabe que fomos nós que tiramos Mônica da clínica. Eu quero que você saia da mansão o mais rápido possível.

— Mas e a Má? Não posso deixá-la sozinha.

— Leve-a junto se isso lhe tranquilizar, mas saia logo daí. Encontro com vocês na casa dos meus pais.

Melissa se despediu de Pedro. Quando estava prestes a pisar no primeiro degrau das escadas, ouviu uma voz de homem.

— Boa noite Melissa. — Olhou para o lado e deu de cara com Humberto.

— Humberto, o que faz aqui?

Ele se aproximou de Melissa.

— Seu pai me mandou buscá-la.

— Buscar-me? Por quê?

— Apenas me acompanhe Melissa. — Ela tentou escapar, mas foi impedida pelo advogado. — Acredito que seja melhor você me acompanhar por bem.

— Não, eu não irei. Você ficou louco, nem sei se é verdade o que me fala.

— Melissa estava prestes a entrar em pânico, desesperada por não conseguir se livrar do homem.

Humberto tirou o celular de suas mãos quando viu a imagem de Pedro na tela. — Nem pense em chamar Pedro.

— Tire as mãos de mim, Humberto. Não vou com você a lugar algum. Se meu pai queria me ver, ele devia ter vindo pessoalmente.

— Não seja mimada, Melissa. Você vai subir para chamar sua filha, somente Tereza, vai descer sem falar nada para ninguém e nós iremos ao encontro de seu pai. — O advogado apertou o braço de Melissa. — Não brinque comigo. É melhor você me obedecer, não há mais o que ser questionado. Assim que estivermos fora do país, iremos nos casar.

— Casar? Não irei me casar com você. Você ficou louco!

Humberto se cansou. Subiu as escadas, puxando Melissa pelo braço. Obrigou-a separar os passaportes dela e da filha. Passaram pelo quarto de Tereza para pegá-la.

— Faça sua filha se calar. — Ordenou, amarrando primeiro as mãos de Tereza e depois as de Melissa. Em pouco menos de 15 minutos, os três estavam dentro do carro a caminho do centro, onde um helicóptero os

aguardava para levá-los até a Capital.

Assim que chegaram ao Centro, Tereza e Melissa foram conduzidas por Humberto até uma sala reservada. Estavam em um hotel, Melissa percebeu.

— Papai! — gritou assim que viu Rodolfo.

— Por que as amarrou? — Rodolfo esbravejou em direção a Humberto.

— Ela não queria colaborar.

— Papai, o senhor enlouqueceu de vez. O que pensa que está fazendo? Eu não irei com você a lugar algum.

— Melissa, não é hora e lugar para conversarmos. Precisamos estar na capital a tempo de pegarmos o último voo para a Europa.

— Não vou a lugar algum, já disse. — Melissa enxergou a mãe sentada em um sofá que ficava em um dos cantos da sala. — Mãe! Papai, eu não acredito que o senhor encontrou minha mãe.

— Querida, você menospreza a inteligência de seu pai, não é? Era óbvio que iria encontrá-la. Sempre soube da existência do chalé. Foi só questão de tempo para ligar os pontos e saber que vocês a teriam levado para lá.

— E Maia? O que fez com minha irmã?

— Sinceramente, preferia ter dado fim naquela bastarda. Passou a vida me causando problemas. Mas sua mãe implorou pela vida dela. — Rodolfo gritou enfurecido, totalmente fora de controle.

— Para de gritar. Não percebe que Tereza está com medo? — A menina agarrou-se na cintura da mãe e começou a chorar, estava assustada com o que fora obrigada a presenciar.

— Melissa, minha filha, não seja teimosa. Está tudo pronto para a nossa partida. Viveremos em Bruxelas, apenas nós, como deveria ter sido desde sempre.

— Ir para onde? Mamãe nem pode sair do país. Esqueceu que ela é dada como morta?

— Filha, está tudo certo. Nosso patrimônio está todo em contas na Suíça. E sua mãe agora se chama Angelina.

— Pare de falar. — Melissa gritou com o pai. — E Humberto? Você pretende que eu me case com ele?

— Para tudo existe um preço, querida. Precisava de uma pessoa de confiança e você foi o preço que ele cobrou.

— Nunca me casarei com ele.

Rodolfo agarrou os braços da filha. Quando estava prestes a esbofeteá-la,

Mônica o impediu.

— Não permitirei que espanque nossa filha Rodolfo. Melissa está grávida.

— Grávida? — Nervoso, Humberto se aproximou do velho advogado. — Não pense que serei como o senhor ou como Ricardo. Não assumirei um filho que não é meu. Entrei nessa confusão porque queria apenas roubar Melissa do Pedro. O senhor é louco se acha que colocarei o nome da minha família no lixo ao assumir um filho que não é meu. — O jovem advogado tomou a direção da porta para ir embora e ao abri-la, acabou no chão atingido por um soco de Pedro.

— Desgraçado! Não vou te matar porque não quero ir para cadeia e deixar meus filhos desamparados.

— Pedro! — Melissa gritou tentando se soltar dos braços do pai. Tereza conseguiu se livrar de um dos capangas do avô e correu em direção ao pai.

— Vamos Melissa! — Rodolfo a empurrava em direção à porta que dava acesso ao heliponto. Mônica já havia sido colocada dentro do helicóptero por um dos capangas.

— *Pappa!* — Tereza agarrou forte o pai. — Não deixe vovô levar minha mãe.

Pedro se agachou para que pudesse ficar na altura dos olhos da filha.

— Filha, sua mãe não irá para lugar algum. Não vou deixar. Mas você tem que prometer que ficará escondida atrás daquele sofá e só sairá de lá quando papai voltar para buscá-la. Promete? — A menina sacudiu a cabeça e Pedro tomou a mesma direção que o sogro e Melissa haviam tomado.



Pedro subiu as escadas que davam acesso ao heliponto como um louco. Estava desesperado e sentia um sufoco. As cenas de dez anos atrás, dele correndo desesperado pelos corredores do aeroporto na tentativa de impedir que Melissa embarcasse nublaram seus pensamentos, deixando-o ainda mais amedrontado. Precisava focar no presente. Dessa vez, não deixaria que ninguém levasse seu amor para longe. Ele havia prometido para sua filha que traria a mãe de volta e ele a traria, nem que custasse sua própria vida.

Ao cruzar a porta corta-fogo que separava o corredor do heliponto, Pedro gritou por Melissa. Foi então que Rodolfo se virou em sua direção e um disparo foi ouvido. Em questões de segundos, Rodolfo caía sobre Melissa. Pedro passou as mãos nos cabelos na tentativa de conter o desespero que estava prestes a tomar sua alma. Transtornado, correu para perto dos dois. — Melissa, meu amor! — Para alívio de Pedro, ela gemeu. — Amor, fale alguma coisa. Você está bem?

— Estou! — Melissa resmungou. — Acho que papai foi ferido.

Assim que Pedro empurrou o corpo de Rodolfo para o lado, puxou Melissa para seu colo. Sua blusa branca estava suja com o sangue do pai. Mônica chegou e agachou-se perto da filha, largando um revólver no chão.

— Filha, você está bem? Desculpe-me, filha, eu não queria ter matado seu pai. — Mônica em pânico tentava se justificar. — Eu fiquei com muito medo que ele fizesse alguma coisa com você. Ele estava transtornado...

— Mônica? — Rodolfo resmungou. — Mônica venha até aqui e traga Melissa, eu imploro. — As duas foram para perto dele. — Mônica, eu sempre amei você. Eu a vi pela primeira vez em seu baile de debutantes...

— Não fale Rodolfo. Guarde suas energias para lutar pela vida.

— Estou morrendo meu amor. Quero que saiba que fiz tudo o que fiz porque queria que você me amasse. Mas você nunca me amou... nada que eu fizesse era suficiente para você. Eu assumi sua filha com outro, duas filhas eu assumi e nada era suficiente para que você viesse a me amar como eu a amava. Então, meu amor se transformou em ódio, ódio de seu amante e das filhas que ele lhe deu, ódio de minha vida, minha miserável vida. Eu me sinto livre de todo esse rancor que pesa no meu coração. Melissa.

— Sim papai. — Melissa pegou a mão de seu pai.

— Você é o meu melhor! A minha mais bela e perfeita criação. Eu a amo tanto, filhinha. Desculpe-me pelo sofrimento que a fiz passar. Não sinta ódio por mim. Eu amo você.

Melissa sentiu o pai apertar sua mão e depois soltá-la aos poucos.

— Pai, por favor, não morra! — Ela caiu num pranto dolorido. Seu pai havia feito coisas erradas, havia machucado ela e sua mãe, mas era seu pai e sentia muito que as coisas terminassem de maneira tão trágica.

Pedro foi para junto de Melissa, puxando-a para seus braços na tentativa de reconfortá-la.

Maitê, Tadeu, Fernando e Maia, que acabavam de chegar ao hotel, também se aproximaram.

Fernando tratou de amparar Mônica. Maitê abraçou Tereza e cuidou para que a menina não enxergasse o corpo sem vida do avô. Em poucos minutos, policiais avisados pelos funcionários do hotel, isolaram o local e Mônica foi conduzida até a delegacia para prestar esclarecimentos.

— Maitê. — Pedro chamou a cunhada, deixando Melissa deitada em um sofá aos cuidados de Tadeu. — Por favor, levarei Melissa até um hospital. Ela está muito nervosa e preocupo-me com o bebê. Desculpe-me, mas não poderei acompanhá-las até a delegacia. Não tenho cabeça para mais nada.

— Não se preocupe. Eu vou com mamãe. Rafaela está indo para a delegacia também. E quanto à Tereza? Alguém deve levá-la para a mansão. — A menina continuava agarrada à cintura da tia.

Pedro a chamou e abraçou-a forte.

— Estou muito orgulhoso de você, querida!

— Pedro. — Maia se aproximou. — Eu cuido de Tereza, se você e Melissa não se importarem.

O advogado assentiu, rezando para que não se arrependesse, mas não queria levar a filha para o hospital ou ter que mandá-la com a tia até a delegacia.

— Maia, quero que a leve para a casa dos meus pais. — Ela concordou. — Mais uma coisa, passe na mansão e pegue Joaquim. Deixe-o também com meus pais. Querida. — Pedro olhou com ternura para a filha. — Vá com sua tia Maia e a obedeça. Ela deixará você e Joaquim na casa da vovó Sofia e do vovô Mário. Logo, eu e sua mãe estaremos com vocês. — Pedro beijou a testa da menina que continuava calada e com os olhos arregalados, lembrando duas jabuticabas maduras. Tereza estava pálida e assustada. Para uma criança de apenas 10 anos, ela havia presenciado mortes demais.



Melissa foi atendida e liberada depois de 2 horas. Pedro não saiu de seu lado por nem um momento. Ela mal havia falado.

— Não quero voltar para a mansão. — Foi seu único pedido.

Ao chegarem à casa de Sofia e Mário, Pedro levou Melissa para um dos quartos de hóspedes, onde Sofia a ajudou trocar as roupas sujas de sangue. A velha mulher era só cuidados com a nora grávida e estava feliz com a chegada de mais um neto. Depois de uma xícara de chá de camomila e de conseguir desabafar toda sua dor no colo aconchegante da sogra, Melissa conseguiu adormecer.

Pedro conseguiu falar por telefone com Tadeu, que se prontificou a tomar as providências para a liberação do corpo de Rodolfo. Maitê e Rafaela conseguiram agilizar a liberação de Mônica. O delegado acabou convencido de que Mônica não representava perigo após o depoimento de Tadeu. O médico atestou que a mulher estava em pânico pelo risco de morte que ela e a filha correram. Tadeu era uma boa pessoa e era chegada a hora de Maitê ser feliz.

O advogado encerrou a ligação e deixou o celular em cima de um aparador. Foi para o jardim, de onde vinham vozes e risadas de crianças. Maia brincava com Tereza e Joaquim.

— Olha só quem veio me ver! — Joaquim gritou feliz na direção do pai.

— Minha mãe! Ela está linda, não está? — Pedro concordou e olhou para Tereza, que estava corada e feliz. Era muito bom ser criança, pensou. Aproximou-se dos filhos e abraçou-os carinhosamente.

— Como está Melissa? — Maia perguntou apreensiva, dando a impressão de que estava verdadeiramente preocupada.

— Está com minha mãe. Ela e o bebê estão bem. Espero que consiga repousar. Obrigado por ter cuidado de Tereza e Joaquim.

— Não precisa agradecer. Pedro, não nos falamos mais depois daquele dia... — Maia colocou os cabelos curtos atrás das orelhas. Ela estava nervosa e envergonhada. — Devo me desculpar contigo. Eu sei que nada do que falar ou fazer irá compensá-lo pelo tempo que você ficou afastado da minha irmã, mas quero que saiba que eu me arrependo muito por tudo o que fiz. Melissa é a melhor pessoa que eu conheci na vida, Pedro. Apesar de todo o mal que causei a ela, de toda a inveja que eu senti dela, nunca deixou de atender a um pedido meu. Ela poderia ter sido rancorosa e até vingativa, mas não, lutou por mim. Eu nunca poderei me redimir com ela e com você. Até agora eu não posso acreditar que Melissa é filha do Rodolfo. — Pedro colocou as mãos no bolso e permaneceu calado. — Seria tudo mais fácil de entender se eu fosse filha daquele crápula, não Melissa. Mas isso me fez entender o porquê de todos a amarem e fazerem loucuras por ela. Nunca foi pela beleza dela, não é? — Pedro concordou com a cabeça. — O exterior de Melissa apenas reflete o que ela tem por dentro. — Maia se aproximou de Pedro e segurou seu braço. — O amor de vocês é lindo e tão forte. Do fundo do meu coração, eu desejo que vocês sejam felizes e que meu filho cresça com vocês. Não irei tirá-lo de você. Eu ainda preciso me encontrar, Pedro. Será melhor para Joaquim que ele cresça com você e Melissa. É claro que estarei presente, se você não se importar. — Ele não se importaria, mas não estava preparado para dizer-lhe. Ainda lhe doía muito para perdoá-la, embora desejasse fazê-lo em um futuro.



2 meses depois

Melissa e Pedro haviam se casado em uma cerimônia simples e para os mais íntimos no jardim de sua nova casa. A morte de Rodolfo e a revelação de que Mônica estava viva, já foi motivo suficiente para agitar Santa Bárbara. Pedro e Melissa não queriam que o seu casamento fosse motivo para reacender as fofocas.

Mônica fora denunciada pelo Ministério Público por crime de homicídio e seria levada a júri dentro de alguns meses. Maitê e Rafaela, com a ajuda de uma famosa criminalista, debruçaram-se no caso e estavam otimistas quanto à sua absolvição. A opinião pública havia se sensibilizado com a história de Mônica e as advogadas contavam que ela seria absolvida por unanimidade de votos. Fernando havia pedido licença do trabalho para viver com Mônica, viviam em uma casa de campo simples. Depois de décadas de afastamento, finalmente os dois viveriam seu amor. Joaquim e Tereza passavam muito tempo na presença dos novos avôs, a quem haviam se afeiçoado muito.

Maia havia passado uma temporada no campo na companhia dos pais. Dentro de poucos dias se mudaria para a Capital, onde se dedicaria à Faculdade de Moda, queria se tornar uma grande estilista, já que a Moda era sua verdadeira paixão. Joaquim estava acostumado com sua rotina ao lado do pai, de Melissa e da irmã e Maia respeitava isso.

Maitê vivia seu conto de fadas ao lado de seu lindo, loiro e másculo

namorado, era assim que a ex-advogada se referia a Tadeu. O médico realizava todos os desejos da amada, não hesitava em mover céus e terras para deixá-la feliz. Passaram a dividir um apartamento há dois meses e estavam empolgadíssimos com a mudança para a mansão Leite de Azevedo. Maitê e Tadeu iriam se mudar para lá assim que a reforma fosse concluída, o que estava previsto para daqui a 3 meses. Era lá que Maitê iria realizar seu sonho de ser mãe. O pedido de guarda provisória de três irmãos estava para ser deferido pelo juiz.

— O que está olhando, meu amor? — Pedro se aproximou de Melissa e abraçou-a por trás, pousando as mãos na sua barriga.

— Minha família, amor! — Melissa se aconchegou nos braços de seu marido, seu grande amor. — Custa acreditar que Maitê está tão feliz. Tadeu é tão carinhoso com ela e eu fico tão feliz. Somente um homem muito apaixonado para encarar uma meta maluca como a que Maitê estabeleceu. Chegar ao número de 15 filhos, Pedro.

Pedro riu. — Sabe o que eu penso? — Ele encarou a esposa. — Que poderíamos aumentar consideravelmente nosso patrimônio se Maitê não fosse minha cunhada e eu pudesse cobrar pelos serviços que o escritório está prestando para ela. — Os dois riram.

— Não seja resmungão, Pedro. Serão seus sobrinhos e farão parte da família. Além disso, bem sei que o escritório tem ótimas perspectivas. — Com a desistência de Maitê da advocacia, Pedro assumiu o escritório como acionista majoritário.

— Maitê merece ser feliz assim como nós, querida e Tadeu é um bom homem, sua irmã tirou a sorte grande. Mas sua mãe e Fernando também não ficam para trás. — O advogado apontou para um casal escondido em um canto do jardim. — Não acha estranho saber que seus pais fazem sexo? Eu evito pensar que meus pais fizeram ou fazem esse tipo de coisa.

Melissa deu um tapa carinhoso no braço do marido.

— Não acredito que eu ouvi isso. Todo casal que se ama faz sexo, Pedro. Eu e você já fizemos muito disso.

— É diferente.

— Não é diferente. Eu nem imagino o que vai ser quando Tereza trouxer o primeiro namorado para casa.

— Tereza não vai namorar, é óbvio! — Melissa o beliscou. — Isso doeu, amor. Está bem, ela vai namorar, mas minha filha não vai fazer sexo. —

Melissa revirou os olhos, indignada com o ciúme do marido. — Ai meu Deus! Os bebês mexeram — disse-lhe o advogado com um sorriso no rosto. Sua esposa acabava de entrar no seu quarto mês de gestação e recentemente haviam descoberto que eram gêmeos.

— Acho que não Pedro. Foi só impressão sua. Que pena que não deu para ver o sexo dos nossos bebês.

— Não vejo a hora de contar meu grande feito.

— Grande feito? — Melissa o olhou de esguelha.

— Sim ou você acha que é tão simples assim engravidar a esposa de gêmeos?

Melissa soltou uma gargalhada.

— Você não tem jeito mesmo.

Pedro ajoelhou diante de Melissa.

— Você está tão linda, meu amor. Às vezes, chego a me beliscar para acreditar que não é um sonho. Eu amo você, minha adorada Melissa. — O vestido de noiva de Melissa era delicado e romântico. A saia não era volumosa e na lateral uma fenda provocante se abria, deixando à mostra sua perna torneada e esguia. A barriga estava ainda muito pequena para ser percebida. Os cabelos estavam escovados e caíam em uma linda cascata de fios loiros sobre as costas. — Eu prometo amar você todos os dias de minha vida e pelo resto dela.

— Você já prometeu isso antes, na frente do juiz de paz.

— Não importa, quero prometer de novo. E vou me ajoelhar todo dia aos seus pés, a cada novo amanhecer, para prometer que a farei a mulher mais feliz do mundo, porque a amo muito e quero que você jamais se esqueça disso.

— Pedro, meu amor, meu grande e eterno amor. Eu também o amo. — O advogado levantou para ficar na altura da esposa. — A felicidade que sinto não cabe em mim. Era meu sonho me casar contigo, vestida de branco, com você me esperando no altar. Eu não posso acreditar que meu sonho se realizou e somos uma família, eu, você e nossos filhos. Não quero mais nada da vida, Pedro.

Pedro beijou a barriga de Melissa, sussurrando um “amo vocês”. Levantou e pegou as duas mãos de sua esposa, levando-as aos lábios. O corpo de sua amada se aqueceu com aquele toque. Pedro puxou-a para seus braços, tocando-a na nuca com carinho. Melissa afastou os lábios, o que foi um

convite para aprofundar o beijo. Finalmente, estavam unidos e tinham um futuro todo para compartilhar e serem felizes.



Cinco anos depois

Ontem foi um dia muito especial para mim. O dia do lançamento do meu primeiro romance, um romance baseado na vida da minha mãe. Estou tão feliz com minha vida, nada poderia ser mais perfeito do que tenho vivido nos últimos anos. Tenho o amor da minha vida ao meu lado, os filhos mais lindos e vivo na casa dos meus sonhos. É claro que a minha felicidade também se deve ao fato de que todas as pessoas a quem mais amo também estejam felizes e realizadas.

Tereza se tornou uma adolescente linda e muito exibida. Tem um ego tão grande que não cabe dentro de si, não sei a quem puxou, mas sei muito bem quem é o responsável por isso, seu pai. Com o nascimento dos gêmeos, Tereza se tornou a princesinha do papai e reina triunfante diante dos irmãos. Joaquim implicou que será psicólogo e vive desfilando por aí com um exemplar de Freud. Eu até acho que ele leva jeito para a coisa e está determinado a ganhar o Prêmio Nobel da Paz. Enzo e Davi, meus gêmeos, estão lindos e muito sapecas e Pedro jura que os dois se parecem mais comigo, mas sei que ele fala isso apenas para não me magoar, pois os dois saíram a cara do pai. Certa vez, Má me falou que nunca viu uma genética tão forte como a de Pedro. Eu tive que rir do comentário dela.

Falando em Má, ela está muito feliz ajudando Maitê na criação dos seus 12 filhos adotivos, 7 meninos e 5 meninas. O último foi adotado há pouco

tempo. A menina de 3 meses se tornou o xodó da família. A paixão entre Maitê e Tadeu não parece esfriar, os dois nunca deixaram de dar algumas fugidinhas e pedem nosso chalé de campo emprestado vez ou outra. A cada fuga, o casal volta com novos planos e metas. A próxima será fundar uma ONG para acolher mulheres grávidas e desamparadas.

Maia vive em Paris com o noivo, um francês muito charmoso que conheceu na Semana de Moda de Milão. Ela tornou-se uma das mais requisitadas estilistas do momento e não pôde estar presente no evento de lançamento do meu livro. Joaquim acabou de voltar de Paris, onde passou as férias com a mãe e os avôs. Mamãe e Fernando o acompanharam na viagem e parece que se divertiram muito. Meu padrasto assumiu para si a responsabilidade pela reabilitação de Maia e a leva em rédea curta. A presença da figura paterna foi fundamental para a recuperação de nossa caçulinha.

Minha mãe se transformou em uma avó babona e cheia de açúcar. Dedicou-se aos netos de corpo e alma e eles a amam muito por isso. Apesar de tudo, mesmo sendo absolvida pelo júri, mamãe ainda se culpa pela morte do meu pai. Todo ano no seu aniversário de morte, ela visita o túmulo para deixar flores brancas. No começo, eu e minhas irmãs a repreendemos por isso, ela não precisava se martirizar, sabíamos e entendíamos que havia sido uma fatalidade. Mas Dona Mônica foi teimosa e acabamos por nos acostumar com sua decisão. Lembro-me que Fernando me falou que não poderíamos impedi-la das visitas ao cemitério, pois não havia nada de mal nisso, acalmava-a e isso era o que importava.

Pedro, meu amor, virou um advogado renomado e hoje Rodrigues Advogados Associados tem filiais na Capital e em mais duas cidades importantes do país. Não esperava menos do meu amado marido. Rafaela se tornou seu braço direito e está casada com Rosane, a advogada criminalista que ajudou no julgamento de mamãe. Rosane aceitou o convite de Pedro para integrar a banca de advogados do escritório e dedicar-se a uma nova carteira de clientes na área criminal.

Quanto a mim, é difícil escrever. Pedro costuma dizer que eu me preocupo demais com os outros. Eu sempre fui assim, na verdade. Sinto-me bem em me preocupar com o conforto e o bem-estar das pessoas que amo. Eu cresci me sentindo culpada pelo amor que meu pai dizia sentir por mim, pois percebia que ele não amava minhas irmãs da mesma forma. Por essa razão,

eu tentava compensar a dor delas com meu carinho e amor. Ao mesmo tempo, papai exigia muito de mim, as perspectivas eram tão grandes que jamais consegui alcançá-las. Não importava o que eu viesse a fazer, nunca seria o suficiente para ele. Ao perceber isso, tomei a decisão de seguir o meu coração, foi quando passei a enfrentá-lo.

No fundo, sempre me senti sozinha. Quando Pedro entrou em minha vida, apaixonei-me pelo seu jeito leve e amoroso de cuidar de mim. Pela primeira vez em toda minha vida, sentia-me amada. Esse amor me foi tirado quando Pedro se casou com Maia e meu mundo desabou. Foi então que eu decidi me recolher na minha dor, fugindo com Ricardo sem qualquer explicação. Foram 10 anos imersa em uma tristeza profunda, por mais que Ricardo tentasse me tirar de lá, a depressão me consumia.

Há pouco tempo, Pedro me revelou o conteúdo da carta que Ricardo deixou para ele. Decepção foi pouco para o que senti ao descobrir que meu falecido primeiro marido sabia da verdade dos fatos que envolveram o casamento de Pedro e Maia e omitiu isso de mim. Porém, como bem Pedro me falou, deixemos os mortos descansarem em paz. Em uma das longas conversas que mantenho com minha mãe, ela reafirmou seu sentimento quanto ao meu nascimento. Para ela, o fato de nascer filha de Rodolfo e não de Fernando foi uma missão que eu assumi e que eu muito bem cumpri. Para ela, somente eu seria capaz de consertar as coisas e unir nossa família. Talvez ela tenha razão. “Melissa, somente a espíritos nobres e evoluídos são dadas missões tão especiais!” Essas sempre eram suas palavras para me confortar. Ouvir isso de minha querida mãe era reconfortante, mas sabia que não era tão perfeita assim e ainda tenho muito que evoluir. Prefiro pensar que eu nasci simplesmente para amar e tenho me dedicado a isso.

Eu e Pedro vivemos um eterno romance. Acordar todo dia ao seu lado é mágico. A cada novo amanhecer, ele se ajoelha diante de mim e renova os votos de amor eterno, fazendo com que me apaixone cada vez mais...

— Amor! — Pedro cruzou a porta de vidro, entrando na biblioteca de Melissa. — O que faz?

— Estou escrevendo no diário de mamãe. — Melissa escreveu a data e assinou seu nome na folha, fechando o velho caderno.

— No diário de sua mãe? — Pedro ergueu as sobrancelhas. Alguns fios brancos começavam a manchar o negro dos seus cabelos, o que o deixava

ainda mais charmoso aos olhos de sua esposa.

Melissa levantou e guardou o diário na estante.

— Sim, pensei que registrar como tudo se resolveu seria o mais óbvio a fazer. Nossos filhos e netos, se um dia vierem a ler os registros, saberão que sempre vale a pena acreditar na felicidade.

— Você não toma jeito, meu amor. — Pedro estendeu a mão à esposa. — Vem cá, minha estrela. — Deslizou o nariz pela extensão do pescoço de Melissa. — Não há melhor cheiro do que o seu, Melissa. Pensei que estava escrevendo nossa história de amor.

— Em breve começarei. Mas já tenho um título: Sempre foi você. — Melissa mordiscou o queixo de Pedro.

— Não há título melhor.

— Você não deveria estar no escritório?

— Devia sim, mas bateu uma dor aqui. — Pedro levou a mão de Melissa até seu coração. — E quando essa dor bate, só você pode curá-la. É saudade, meu amor. — Ele não perdeu tempo, tomando a boca de sua esposa em um beijo exigente, ao mesmo tempo em que a conduzia até o sofá mais próximo.

— As crianças.

— Tranquei as portas, meu bem. — E assim, com as portas trancadas, entregaram-se ao desejo e perderam-se no amor que um sentia pelo outro.

Fim.



MAITÊ

Eu não poderia estar mais feliz. Sou mãe de muitos filhos: sete meninos e cinco meninas. O mais velho, Antônio, tem 14 anos e a mais nova, Lara, acabou de completar 1 ano. Hoje é o dia de sua festa de aniversário e a área em volta da piscina está sendo decorada com fadinhas e princesas. Ela merece o melhor, todos os nossos filhos merecem o melhor. Tadeu se aproxima com a nossa princesa no colo.

— Olá amor! — Ele me beija. — Estou com saudades de você. — Estendo os braços para que Lara venha para o meu colo, mas ela se recusa. Nunca vi menina mais grudada no pai do que ela. Lara foi nossa benção, conseguimos adotá-la com apenas 15 dias de vida, diferentemente de seus irmãos. Antônio, Angelina e Diego foram nossos primeiros filhos e passamos a ser seus pais com 9, 8 e 5 anos, respectivamente. Eles são irmãos biológicos e não poderíamos separá-los.

— Também senti saudades, querido. — Beije a mãozinha de nossa princesa. — Mas pelo jeito Larinha também está com saudades.

— Sempre... essa princesinha ama seu papai, não é benzinho? Onde estão os outros? — Tadeu me fita na expectativa de que o beije.

— Os meninos estão jogando bola na quadra e as meninas estão lá dentro. — Antônio se aproxima e Larinha estende os bracinhos para o irmão. A

menina adorava o irmão mais velho.

— Nem acredito que você acabou de completar 1 aninho, docinho. — Nosso primogênito fala acariciando as bochechinhas rosadas de Lara e ela sorriu lindamente.

Luna, gêmea de Luiz, acompanhada de Daniela, Angelina e Ana Júlia acabavam de se juntar. Minhas meninas eram lindas, suas idades iam de 1 até 13 anos. Luna era a mais velha das meninas e segurava pela mão Ana Júlia que tinha apenas 3 anos. Elas se pareciam muito apesar de não serem irmãs biológicas e Tadeu costumava dizer que as duas eram as que mais se pareciam comigo. Daniela era nossa linda e meiga filha negra.

— Oi pai. — Elas gritaram em coro e uma a uma se aproximaram do pai para abraçá-lo. Tadeu era um pai maravilhoso, eu não poderia ter tido mais sorte por ele ser meu marido.

Uma tropa de meninos suados chegou aos berros.

— Pai, vamos andar de bicicleta? — Marcus gritou.

— Nem pensar, vamos jogar vídeo game. Pai, você prometeu. — Rafael se meteu na conversa. Eric e Paulo, os menores dos meninos, apenas fitavam os irmãos mais velhos com admiração.

— Meninos, por favor, falem mais baixo. — Tadeu os repreendeu. — Onde está Luiz?

— Luiz está em seu quarto, mergulhado naqueles livros de dinossauros.

— Luna respondeu. Luiz era nosso filho intelectual e seu novo objeto de estudo eram os dinossauros.

— Crianças, prometo que darei atenção a todos, mas agora quero ficar um pouco com sua mãe. — Tadeu fala sério e acabo rindo.

— Você quer namorar a mamãe, não é? — Eric se manifestou e Tadeu confirmou com um aceno de cabeça. Angelina e Luna reuniram todos e tomaram a direção da mansão. Nossos filhos nos eram preciosos e nos orgulhavam por um cuidar do outro.

— Querido! — falei para Antônio. — Leve Larinha para que Má a coloque para dormir. Ela precisa descansar para estar disposta para a festa. Ele me deu um beijo e tomou o mesmo rumo dos irmãos. — Enfim a sós! — falei me pendurando no pescoço do meu marido. Tadeu me envolveu e invadiu minha boca. Amava senti-lo tão próximo. Seu cheiro delicioso atravessou minhas narinas e um calor tomou conta do meu corpo. Suas mãos grandes e fortes subiram pelas minhas costas. — Não seja pornográfico,

Tadeu – repreendi-o.

— Eu pornográfico? Imagina, amor. — Ele parou o beijo e sorriu. O sorriso de Tadeu me derretia por dentro. — Tem uma ruguinha de preocupação atrapalhando o rosto mais lindo do mundo. — E tinha mesmo. Tadeu sempre sabia quando algo estava me incomodando. Ele me puxou para mais perto e sussurrou em meu ouvido. — Conte-me, delícia. — Minha calcinha molhou. Ela sempre molhava quando ele me chamava de delícia.

— Estive com Melissa hoje mais cedo. — Tadeu me puxou para uma cadeira e me fez sentar em seu colo. Aquela proximidade era tão boa, ele era a minha redenção, com Tadeu eu podia ser eu mesma, me sentia amada e importante. — Melissa me revelou que Ricardo deixou uma carta para Pedro, onde admitiu que sabia da minha gravidez. — Tadeu se endireitou na cadeira, mas não falou nada. — Ele ficou sabendo também do meu aborto e não teve a decência de sequer ligar. — Senti meus olhos molharem.

— Sinceramente delícia, se este homem estivesse vivo, eu juro que o matava com minhas próprias mãos. Não quero ver você chorar mais por isso, Maitê. Droga... por que só agora Melissa resolveu te contar isso?

— Ela não sabia também. Pedro apenas revelou recentemente. Ela ficou decepcionada com Ricardo e entendeu que o melhor era contar para mim. — Puxei o rosto de Tadeu para que pudesse olhá-lo. — Amor, você sabe que minhas lágrimas não são mais pelo Ricardo, eu só tenho olhos para você.

— Eu sei, delícia. Sou seu homem e isso é inquestionável, não existe mais espaço em seu coração e em sua vida para Ricardo ou para outro. Porém, meu coração não suporta vê-la sofrer pelo o que aconteceu. Você sabe que se for preciso eu adoto mais 12 crianças, se isso for fazê-la feliz.

— Eu não preciso de mais nada — falei. — Na verdade, minhas lágrimas são de felicidade, amor. Felicidade por Deus colocar você em minha vida, o pai dos meus filhos, a minha alma gêmea. Sinto por ter perdido meu filho. No entanto, não sinto mais nada pelo Ricardo. Melhor, sinto alívio por ter me livrado de um homem tão egoísta. Ele também não foi honesto com Melissa e escondeu dela a verdade sobre a gravidez de Maia, tudo porque ele não queria abrir mão da minha irmã. Enfim, não quero mais falar sobre isso. Prometo que nunca mais falarei em Ricardo.

— Promete? — Eu assenti com a cabeça. — Maldito! Espero que esteja queimando no inferno. — Dei um tapa em sua mão. — Ai, delícia! Isso doeu... sabe o que penso? Que devemos pedir emprestado o chalé de Melissa

e Pedro. Estou com muitas saudades. — Tadeu, meu marido lindo e charmoso, me puxou para um beijo que colocou à prova minha racionalidade. Suas mãos subiam por baixo da minha blusa, quando estava prestes a abrir meu sutiã, ouvimos vozes. Eram as crianças correndo em nossa direção.

— Definitivamente, precisamos do chalé. — Soltei sentindo a felicidade invadir minha alma.



A história de Pedro e Melissa, bem como da família Leite de Azevedo, acompanhou-me em pensamentos por um longo tempo. Por ter um enredo forte e dramático, acabei deixando-a para trás.

No entanto, Melissa e Pedro não deixavam de perturbar minha criatividade e acabaram por se tornar uma presença marcante quando passei a escrever *Ela é minha*, o livro II da *Trilogia Ela*, época também que enfrentei meu primeiro bloqueio como escritora.

Sempre foi você, foi a maneira que encontrei para vencer o bloqueio, sem maiores pretensões. Para a minha surpresa, repercutiu entre meus leitores e atraiu novos à medida que publicava capítulos na internet.

Ao final, senti-me realizada por conseguir concretizar mais um projeto ímpar e único, pois exigiu muita força de vontade. Houve momentos nos quais pensei em desistir da história pela densidade do enredo, dramaticidade das cenas, sem falar na complexidade psicológica de cada personagem. Cada um deles teve seus próprios fantasmas para lidar e isso me consumiu muita energia criativa e emocional. Em certa altura, elas (as personagens) ganharam vida própria e por mais que eu desejasse um final diferente para cada uma, elas teimavam em dizer qual era o rumo que queriam para sua história.

Por essa razão, *Sempre foi você*, se tornou marcante em minha jornada como escritora. Espero que você, querido leitor, tenha se emocionado com meu livro. Nada me deixa mais feliz do que vê-los emocionados e satisfeitos

com minhas singelas palavras.

Com carinho,
Diane Bergher



A Deus, acima de tudo, por me conceder o dom de tocar almas com palavras.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor e carinho que me dedicaram ao longo da vida. Sem vocês, eu não teria me tornado a mulher que sou.

Ao meu marido e companheiro de sonhos. Você foi o meu maior incentivador e cúmplice nesta jornada.

Ao meu filho, que mesmo pequeno, compreendeu a minha ausência. Você é minha obra prima.

Aos meus familiares e amigos queridos. Agradeço o apoio e a paciência.

Aos profissionais que, com carinho e dedicação, trabalharam na revisão, diagramação e design da minha obra.

Aos meus queridos e apaixonantes leitores, que me acompanharam desde o primeiro capítulo publicado na internet e que ajudaram mais um sonho se tornar realidade. Para sempre em meu coração.

Por fim, a você que acabou de ler meu livro. Você também passou a fazer parte do meu coração.



Outras obras



UM AMOR PARA PENÉLOPE

Belle Époque, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

A VIDA FEZ de Penélope uma mulher forte e tenaz. No início do século XX, o sonho de toda mulher é ter um bom casamento e filhos, exceto para Penélope. Prestes a completar 25 anos, Penélope apenas quer receber a herança deixada pelo pai, um inglês que a deixou no Brasil ainda menina, e abrir uma escola para moças em São Paulo. Prestes a realizar seu sonho, Penélope é chamada por sua madrinha Violeta para que acompanhe a jovem Flora nos eventos sociais do Rio de Janeiro. Sem poder negar um pedido de sua amada madrinha, Penélope parte para o Rio de Janeiro, onde é acolhida pela tradicional família Gusmão de Albuquerque.

Dona de uma beleza incomum e de uma inteligência irreverente, Penélope acaba por ser cortejada por vários cavalheiros, o que desperta ciúmes no solitário e responsável Felipe Gusmão de Albuquerque, o primogênito de Violeta. Viúvo e com uma filha pequena para educar, Felipe não esperava se apaixonar pela afilhada da mãe e fará de tudo para mantê-la distante de sua organizada e planejada vida. Felipe entende que Penélope não reúne as qualidades necessárias para ser a esposa de um rico banqueiro e chefe de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro.

Atormentados pela forte atração que sentem um pelo outro, Penélope e Felipe sucumbirão ao desejo e um forte sentimento nascerá entre eles.



UMA PAIXÃO PARA FLORA

Belle Époque, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Flora sempre foi fazer uma grande estreia na sociedade carioca. O que aconteceu tardiamente, apenas aos 17 anos, pois sua família, diferente das outras da época, deseja que Flora tenha um casamento por amor, sem interesses superficiais.

Em meio à confusão de pretendentes ao coração de Penélope, afilhada de sua mãe, a caçula dos Gusmão de Albuquerque conhece Yuri Volkov, um imigrante russo que fez fortuna no Brasil ao se dedicar ao mundo do entretenimento. Yuri enxerga em Flora uma oportunidade de ser aceito pela nata social carioca e a seduz, forçando um casamento entre eles. Os planos do empresário não saem como o esperado e ele se vê apaixonado pela esposa, fazendo-o lutar para conseguir protegê-la de um passado marcado por atos ilícitos.

Atormentados pela forte paixão que sentem um pelo outro, Flora e Yuri terão que superar vários obstáculos para terem o merecido final feliz.



UMA NOITE PARA HELENA

Belle Époque, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

HELENA É UMA comprometida enfermeira que trabalha para um renomado médico em São Paulo. Viúva há anos, dedicou sua vida à educação de sua irmã menor, a quem considera uma filha. Sua determinação em ser um bom exemplo para a irmã mais nova ameaça ruir quando Bento é colocado sob seus cuidados. Considerado um dos melhores partidos do Rio de Janeiro, e para fugir da fila interminável de pretendes, Bento havia cedido às pressões de seu irmão mais velho e se mudado para São Paulo, com o intuito de assumir o comando da filial do banco da família. Seriadamente ferido em um duelo, Bento não esperava se apaixonar pela linda e destemida enfermeira. Ambos cedem ao desejo numa noite qualquer. Era para ser uma única noite, afinal, Helena era a mais velha dos dois e deveria ter mais juízo. Mas Bento não desistirá dela tão facilmente e dará início a um jogo de sedução, no qual o amor ditará o rumo dos acontecimentos.



UMA AVENTURA PARA ELOÍSE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM 1922, O SONHO de Eloíse é se tornar uma Médica Veterinária e desbravar o mundo em busca de aventuras. Apaixonada por animais desde menina e convicta de que as mulheres podem e devem ser mais do que apenas esposas, Eloíse vê numa expedição científica para a Amazônia a chance de viver uma grande experiência e aperfeiçoar seus estudos na área das Ciências Naturais. Para tanto, precisará convencer seu pai a deixá-la se reunir aos Parker, um casal de cientistas norte-americanos. O que Eloíse não esperava, era se meter numa confusão com Adrian, o sobrinho dos Parker. Após um encontro inesperado, Eloíse e Adrian se veem às voltas com uma forte atração que ditará o rumo de suas vidas.

Uma Aventura para Eloíse é um spin-off da Série Belle Époque, ansiosamente aguardada pelas fãs da saga, que em formato de conto, narra parte da mocidade de Eloíse, a filha sapeca de Felipe Gusmão de

Albuquerque e uma das personagens mais cativantes da Série.



UM MARIDO PARA LENITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Lenita é se casar com um homem honrado e viver feliz para sempre. Como é a caçula da família, o pai de Lenita exige que suas irmãs mais velhas se casem antes, rejeitando, assim, todos os candidatos à mão da jovem. Quando sequestrada, Lenita conhece Dimitri Petrova, um mafioso russo que foi enviado ao Brasil para convencer Yuri Volkov a retomar os negócios da Máfia Russa. Prática e cheia de vida, Lenita se apaixona pelo seu sequestrador em meio às confusões arranjadas por Flora, sua melhor amiga.

Um Marido para Lenita é o spin-off de Uma Paixão para Flora, o livro 2 da Série Belle Époque. Os acontecimentos deste conto são narrados pela destemida e determinada Lenita Moreira Sales, mais uma personagem fascinante da Saga.



UMA LUA DE MEL PARA JUDITE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

JUDITE E SEAN casaram-se em uma cerimônia dos sonhos. Entretanto, depois de uma longa lua de mel na Europa, as coisas não saíram como o esperado. Assoberbado com o trabalho, Sean quase não tem tempo para a esposa. Judite, afoita por atenção, interpreta equivocadamente a falta de atenção do marido, ensejando a primeira briga do casal, que resulta em uma separação dolorosa para ambos, na qual o amor terá que ser o ingrediente essencial para juntá-los novamente.

Uma Lua de Mel para Judite é mais um spin-off de Uma Paixão para Flora, o livro 2 da Série Belle Époque, e narra os primeiros meses de casamento de Judite e Sean, um dos casais mais queridos da Série. Ela, uma italiana cheia de vida e ele, um irlandês inteligente e perspicaz. Duas almas que se encontram para viver o tão famoso “felizes para sempre”.



UM ROMANCE PARA BERENICE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

BERENICE É A personificação da doçura e do bom comportamento. Uma donzela de princípios que apenas quer encontrar seu par perfeito e ser feliz para sempre. Dona de uma personalidade tranquila em meio a uma família conhecida pelo gênio forte, Berenice encontrará o amor onde menos esperava. Eliseu Padilha, um médico recém-formado e com um futuro brilhante, em visita aos tios no Rio de Janeiro, se encanta pela herdeira mais velha dos Gusmão de Albuquerque; e para tomá-la como esposa terá que provar que a merece, além de ser aprovado pela mais excêntrica família do Rio de Janeiro.

Um Romance para Berenice é o spin-off de Uma Noite para Helena e contará a história de Berenice e Eliseu, o casal simpático e apaixonado da Série, remetendo-nos aos anos anteriores ao primeiro livro.



UM NAMORADO PARA TELMA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

TELMA, DIFERENTEMENTE DE outras moças de sua idade, não sonha mais em ser pedida em casamento ou mesmo em viver uma grande história de amor. Professora em um grupo escolar, alterna seus dias entre ensinar e ler novelas góticas. Sendo a mais nova de quatro irmãs, acostumou-se a ser a tia que está disponível para cuidar dos sobrinhos. O que Telma não esperava era reencontrar Thales, seu amor de infância que só tinha olhos para sua irmã mais velha. Thales Padilha voltou recentemente da Europa, formado em Direito e como um exímio boêmio apenas quer aproveitar os prazeres da vida e não pensa em se casar tão cedo. De um encontro inusitado, Telma e Thales implicam um com o outro e iniciam um jogo muito perigoso. Ele quer ajudá-la a arrumar um namorado, mas Telma tenta afastá-lo antes que acabe apaixonada e machucada.

Um Namorado para Telma é mais um spin-off de Uma Noite para Helena,

o livro 3 da Série Belle Époque e conta a história de Thales Padilha, o primogênito peralta de Berenice e Eliseu.



QUANDO ELA CHEGOU

Trilogia *Ela*, 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

APAIXONADA POR ARQUITETURA e história, Camila Rossini sonhava se tornar uma arquiteta para trabalhar com restauração e conservação de prédios históricos. Jovem, linda, de personalidade forte e destemida, perfeccionista e detalhista ao extremo, Camila precisou assumir a presidência da construtora da família quando seu irmão mais velho sofreu um grave acidente de trânsito.

Empenhada em manter os negócios da família, Camila deixa de lado seus sonhos e passa a viver para a empresa durante anos. Depois de um longo noivado, é abandonada no altar, o que a leva a questionar as escolhas que fez na vida e a embarcar numa viagem para o exterior.

Ao retornar para o Brasil, Camila decide recomeçar sua vida e realizar seus antigos sonhos. Muda-se para o Rio de Janeiro e aceita o cargo de assistente do genioso e controlador Murilo Mendonça Castro de Alcântara, um arquiteto talentoso e um mulherengo incorrigível. Uma forte atração surgirá entre os dois, fazendo-os sucumbir a uma tórrida paixão, que poderá mudar o curso de suas vidas para sempre.

Quando ela chegou é o primeiro livro da *Triologia Ela*, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.



ELA É MINHA

Trilogia *Ela*, 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM QUANDO ELA CHEGOU, o livro 1 da Trilogia Ela, conhecemos o charmoso e divertido arquiteto Eduardo Botelho Neves, o Edu. Abalado com o casamento de Murilo e Camila, a quem nutria uma paixão, Edu prefere se afastar dos amigos.

Depois de muita insistência, Edu aceita o convite de Murilo para uma confraternização em sua casa, onde conhece Maria Lúcia Oliveira de Souza, a Malu, uma cientista com doutorado em física nuclear, que retorna ao Brasil para resolver pendências de seu misterioso passado.

O que Edu não esperava era se ver às voltas com a cientista e apaixonar-se por ela. Porém, Malu não quer se relacionar com ninguém, dificultando e criando barreiras para que Edu se aproxime.

Edu, um conquistador nato e um sedutor experiente, não mede esforços para conquistar Malu, usando todas as suas habilidades para atraí-la para sua

cama. Ele a quer muito e ela se deixa levar pelo prazer. A atração entre os dois passa a ser irresistível e uma perseguição entre eles se inicia, levando-os a descobrir e a experimentar sentimentos nunca antes vividos.

Ela é minha é o segundo livro da Trilogia Ela, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto Ela é Perfeita.



EU QUERO ELA

Trilogia Ela, 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM "EU QUERO ELA" é a vez de conhecermos o intelectual Leandro Navarro, um astrofísico introvertido que, arrependido de abandonar Camila no altar, inicia uma busca para encontrá-la e se desculpar pelo que havia feito com a esperança de reviver seu relacionamento.

O que Leandro não esperava era encontrá-la casada e com filhos. Não bastasse o ciúme doentio do marido de sua ex-noiva, Leandro ainda precisará vencer as barreiras impostas pela cunhada de Camila. Ana Margarida Mendonça Marcuzzi, uma jovem extrovertida e cheia de vida, não medirá esforços para proteger o casamento do irmão, lançando mão da sedução para manter o cientista afastado da cunhada.

Desse encontro inusitado surge uma forte atração. Esse sentimento faz com que criem um elo, onde desejo e paixão os conduzirá a descobrir o real significado da palavra amor.

"Eu quero ela" é o terceiro livro da "Trilogia Ela", que narra a estória de casais de mundos diferentes que encontram no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto *Para sempre ela*.



AO SR. L, COM AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

ATRAVÉS DE CARTAS não enviadas ao Senhor L., o amor idealizado da Senhorita S., conheceremos a transformação de uma menina tímida em uma mulher realizada e segura de suas escolhas. A primeira carta foi escrita no aniversário de 15 anos e, a partir de então, a cada 5 anos, a Senhorita S. escreveu uma nova carta, onde relatou os principais fatos, conquistas e sentimentos dos últimos anos de sua vida e as marcas que um amor não correspondido deixou em sua alma. A última e derradeira carta foi escrita, após um encontro dos dois, 20 anos depois da primeira carta. Na última carta, a senhorita S. despede-se definitivamente da menina que um dia foi e dá boas-vindas à mulher madura e feliz que se tornou.



VIDAS ENTRELAÇADAS

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Frederico e João Pedro, dois irmãos que cometem o pecado de amar a mesma mulher. Olívia é essa mulher, uma jornalista talentosa e uma mãe solteira dedicada, que desde os 15 anos é atormentada por pesadelos.

O destino trama um reencontro decidido por suas almas há longa data, no qual um acerto de contas é imprescindível para o resgate dos pecados dos três. Paixão e desejo. Intrigas e amarguras. Ódio e amor. Vida e morte. Sentimentos que os macularam além da vida, entrelaçando-os numa ciranda interminável em busca da redenção.

Um enredo instigante, onde o passado interfere no presente de forma tão intensa que pode gerar consequências no futuro. Traumas e medos que marcam o presente de uma mulher, fazendo-a cometer os mesmos erros do passado.

Para corações fortes e apreciadores de um romance dramático, Vidas

Entrelaçadas. Suspense, mistérios e um amor mais forte que tudo. Poderá, Olívia, superar as marcas do passado para, enfim, encontrar paz para sua alma atormentada?



A DAMA DA FLORESTA

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Eileen cresceu abrigada pela proteção da floresta, onde aprendeu a curar utilizando os vários tipos de plantas. Descendente de uma linhagem de curandeiras habilidosas, apenas quer fazer o bem e salvar vidas, seja tratando dos doentes ou trazendo vidas ao mundo. Ganha fama como parteira e é chamada para ajudar no nascimento da filha do Senhor das Terras de Lyndford e da floresta que tem por lar.

Lorde Aaron de Brienne, o novo Duque de Lyndford, atravessou o Canal da Mancha como aliado do Rei Guilherme em busca de prosperidade e riqueza. Foi recompensado com terras e com um título da nobreza, mas perde em pouco tempo a esposa e se vê encantado pela beleza da misteriosa Eileen.

Um encontro não previsto, um amor impressionante que nem os desencontros serão capazes de torná-lo menos forte, e que coloca à prova um juramento de lealdade e conquistas arduamente forjadas na dureza da lâmina

de uma espada. Um segredo que ameaça vir à tona, sacrificando mais do que são capazes de suportar. Dois mundos em constante duelo e um amor que precisará romper as barreiras do preconceito e a ganância dos homens.



DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que

está hospedado.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Índice

Prólogo	9
Capítulo 01	11
Capítulo 02	15
Capítulo 03	18
Capítulo 04	21
Capítulo 05	25
Capítulo 06	29
Capítulo 07	33
Capítulo 08	37
Capítulo 09	40
Capítulo 10	44
Capítulo 11	48
Capítulo 12	52
Capítulo 13	56
Capítulo 14	61
Capítulo 15	66
Capítulo 16	70
Capítulo 17	74
Capítulo 18	78
Capítulo 19	82
Capítulo 20	88
Capítulo 21	92
Capítulo 22	95
Capítulo 23	100
Capítulo 24	104

Capítulo 25	108
Capítulo 26	113
Capítulo 27	118
Capítulo 28	123
Capítulo 29	126
Capítulo 30	130
Capítulo 31	133
Capítulo 32	136
Capítulo 33	141
Capítulo 34	145
Capítulo 35	149
Capítulo 36	153
Capítulo 37	159
Capítulo 38	165
Capítulo 39	169
Capítulo 40	173
Capítulo 41	176
Capítulo 42	180
Bônus	184
Capítulo 43	186
Capítulo 44	190
Capítulo 45	194
Epílogo	198
Bônus	202
Nota da Autora	206
Agradecimentos	208
Outras obras	209

Sobre a autora	233
Contato	235